



Afreudite

Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada

ISSN : 1646-236X
ANO II – 2006, nº 3/4

PSICANÁLISE EM QUESTÃO/PATERNIDADE EM CRISE



Jacques Tati. Playtime

Apoios:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
agenciadora da ciência e das tecnologias



Antena do Campo Freudiano
<http://usuarios.lycos.es/acfportugal/acfportugal>



Afreudite

Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada

Publicação Semestral

Edição

Unidade de Estudo e Investigação em
Ciência Tecnologia e Sociedade
Centro de Estudos de Psicanálise

Propriedade

COFAC

Paginação

Nuno Ferreira

Impressão e acabamentos

ISSN

1646-236X

Depósito Legal

Edição on-line

<http://afreudite.ulusofona.pt>

Todos os direitos reservados . É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, salvo com autorização por escrito dos autores da parte ou totalidade desta obra

Director

José Martinho

*

Conselho Editorial/Advisory Board

Bernard Burgoyne (Universidade de Middlesex - Londres)
Bruce Fink (Universidade de Duquesne - Pittsburgh)
Jean-Pierre Klotz (Universidade de Bordeaux)
Jorge Forbes (Escola Brasileira de Psicanálise - São Paulo)
José Eiras (Circulo Psicoanalítico de Vigo)
Marcus André Vieira (Departamento de Psicanálise da PUC-Rio de Janeiro)
Pedro Luzes (Faculdade de Psicologia - Lisboa)
Russell Grigg (Associação Mundial de Psicanálise - Melbourne)
Slavoj Žizek (Universidade de Ljubljana)
Yves Depelsenaire (Escola da Causa Freudiana - Bruxelas)
Vergetis Dimitris (Sociedade Helénica de Psicanálise - Atenas)

*

Conselho de Redacção

Alexandra Lúcio, Filipe Pereirinha, Fernando António Cavaco, Selma Calasans Rodrigues

*

Propriedade e Difusão

COFAC

Edições Universitárias Lusófonas

*

Indexações

Latindex

Biblio SHS

Universia

Assinaturas

Secretariado da Unidade de Estudo e Investigação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

Reitoria da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Campo Grande, 376

1749-024 Lisboa

Tel. 217 515 500

Fax 217 577 006

reitoria@ulusofona.pt

Índice

7	Editorial José Martinho
9	A Psicanálise em Questão
11	A Presença (in)discreta da Psicanálise em Portugal: estudo preliminar sobre a sua Representação Social Erika Morbek Filipe Pereirinha
53	Uma recolha bibliográfica João Peneda Igor Lobão
77	Recensões Filipe Pereirinha
97	A Paternidade em Crise
99	Paternidade e Psicanálise em Portugal José Martinho
107	Do pai à letra Filipe Pereirinha
119	Paternidade e Adolescência Alexandra Lúcio
125	Rapport d'Expertise sur le Centre d'Études de Psychanalyse Alain Abelhauser
127	Resumos/Abstracts
133	Informações

Editorial

José Martinho

O número 3/4 de *Afreudite* apresenta o trabalho de investigação efectuado, entre 2003 e 2006, pela Linha de Acção Psicanálise da Unidade de Estudo e Investigação em Ciência Tecnologia e Sociedade, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Os elementos desta Linha de Acção, quase todos membros da Antena do Campo Freudiano, desenvolveram as suas actividades de investigação em três direcções contemplando avaliações quantitativas e qualitativas: 1) a elaboração e aplicação de um Questionário sócio-demográfico para estudo da representação social da Psicanálise em Portugal; 2) uma recolha histórico-bibliográfica das edições portuguesas de textos de Psicanálise e afins; 3) e a recensão crítica de algumas dessas obras.

A natureza empírica do referido inquérito levou a um debate mais vasto sobre a crença na objectividade do método. Através da discussão do Questionário é uma certa «Psicanálise» que é também colocada em questão.

O restante deste número da Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada é consagrado ao que de melhor se disse nas Jornadas de 2006 do Centro de Estudos de Psicanálise. Para além do tema geral, «A Paternidade em Crise», o leitor poderá igualmente inteirar-se de uma interpretação inédita da obra de José Saramago.

Esta apresentação da investigação «lacaniana» em Portugal termina com o relatório do perito internacional que se deslocou a Lisboa para avaliar o trabalho da Linha de Acção e do Centro de Estudos de Psicanálise, o Vice-Presidente da Universidade de Rennes II, Professor Doutor Alain Abelhauser.



A psicanálise em
questão

Afreudite - Ano II, 2006 - n.º3/4
pp. 11 - 51

A Presença (in)Discreta da Psicanálise em Portugal
Estudo Preliminar sobre a sua Representação Social

Mestre Erika T. Morbeck¹

Mestre Filipe Pereirinha²

Coordenador da Linha de Acção Psicanálise da Unidade de Estudo e
Investigação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Lusófona
de Humanidades e Tecnologias: Professor Doutor José Martinho³

Apoio:



Lisboa, 10 de Junho de 2006

¹ Antena do Campo Freudiano, Hospital Júlio de Matos.

² Antena do Campo Freudiano

³ Antena do Campo Freudiano, Departamento de Psicologia da ULHT

Resumo

A presente investigação teve como objectivo estudar a representação social da psicanálise perante os cidadãos portugueses. Utilizou-se um Questionário sócio-demográfico sobre a Percepção da Representação Social da Psicanálise. Foi analisada uma amostra de conveniência, constituída por 275 indivíduos (cidadãos portugueses), 167 mulheres e 108 homens, com idade média de 31.79. Concluiu-se que os portugueses já ouviram falar da psicanálise, mas não sabem ao certo o que ela é. Recorrem pouco ao tratamento psicanalítico, confundindo-o muito frequentemente com tratamento psicológico, o que parece indiciar alguma confusão entre a representação social da Psicanálise e da Psicologia.

Palavras-chave: Psicanálise, Psicologia, Portugal e Representação Social.

Abstract

The main aim of the present study is to undertake preliminary research into the social representation of psychoanalysis in Portugal. A Socio Demographic Questionnaire was applied to a universe of 275 Portuguese citizens, chosen at random (167 women and 108 men, with an average age of 31.79). In short, the research shows that Portuguese people already have some awareness of Psychoanalysis but have little idea of what it involves, making infrequent use of treatment. They seem to have difficulty in distinguishing between Psychoanalysis and Psychology.

Key words: Psychoanalysis, Psychology, Portugal and Social Representation.

Résumé

Ce travail de recherche a eu comme principal objectif étudier la représentation sociale de la psychanalyse chez les citoyens portugais. Elle s'est servie d'un Questionnaire socio-demographique sur la Perception de la Représentation Sociale de la Psychanalyse. Fut analysé un échantillon constitué par 275 individus (citoyens portugais), 167 femmes, 108 hommes, avec un âge moyen de 31.79. On a conclu que les portugais ont déjà entendu parler de Psychanalyse, mais qu'ils ne savent pas très bien de quoi il s'agit. Ils recourent très peu au traitement psychanalytique, qu'ils confondent souvent avec le traitement psychologique, ce que signale une certaine confusion entre la représentation sociale de la Psychanalyse et celle de la Psychologie.

Mots-clés: Psychanalyse, Psychologie, Portugal, Représentation Sociale.

Introdução

O estudo preliminar que o n.º 3/4 de *Afreudite* apresenta constitui uma breve auscultação relativamente à representação social que os portugueses têm da Psicanálise.

A pergunta que um dia Antonieta Lopes da Costa colocou a José Martinho (Martinho, 2005), podia ser também a pergunta de partida deste estudo, e introduzir, de alguma forma, a questão nos seguintes termos: «Como é que vai a Psicanálise em Portugal?»

A resposta a esta pergunta tem de ser naturalmente múltipla, segundo os diversos ângulos ou domínios da questão, visto que a Psicanálise, inicialmente um método de tratamento de certos sintomas que permaneciam inabordáveis pela medicina da época, bem como um corpo de hipóteses e de conhecimentos teóricos associados a esse tratamento, rapidamente se expandiu, alargando o seu âmbito de acção e de influência.

Por isso, importa começar por desdobrar a questão segundo, pelo menos, três eixos fundamentais: o ponto de vista *histórico*, ou seja, qual o passado, o presente e o futuro da Psicanálise em Portugal; o ponto de vista *clínico-terapêutico*, tanto na sua dimensão prática como teórica; o ponto de vista *sociocultural*, isto é, o modo como a Psicanálise conseguiu ou não implantar-se na sociedade e cultura coevas, influenciando ou atravessando outros campos do saber e outras práticas, para além do seu âmbito estrito, como um verdadeiro acontecimento cultural, segundo o que era já o desígnio e a esperança de Freud.

Uma outra forma, igualmente possível, de colocar a questão seria inverter a perspectiva: em vez de perguntar como é que vai a Psicanálise em Portugal, segundo os diversos pontos de vista referidos, perguntar antes como é que vai Portugal, segundo a Psicanálise e os psicanalistas portugueses que reflectiram, de um modo ou de outro, sobre o assunto. Aqui, poderíamos estabelecer uma diferença entre os psicanalistas propriamente ditos e aqueles que, sem serem psicanalistas, invocam a Psicanálise, de uma forma ou de outra, a fim de os ajudar a clarificar e entender melhor alguns dos aspectos ou traços característicos da nossa maneira de ser enquanto portugueses. (Malpique, 1990; Figueiredo, 1991).

Do ponto de vista histórico, mesmo se está ainda por fazer uma verdadeira História da Psicanálise em Portugal (Martinho, 2001), o livro de Pedro Luzes, *Cem Anos de Psicanálise* (Luzes, 2002), é de certa maneira incontornável.

Pedro Luzes é um nome eminente e que faz parte integrante da história da Psicanálise no nosso país. Tendo estabelecido residência na Suíça, nos anos 50, acabaria por ser um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Psicanálise e introdutor, em Portugal, da orientação kleiniana. Após o congresso de psicanalistas de língua românica de Lisboa, ocorrido em 1968, os analistas de orientação kleiniana tornaram-se também bionianos, coexistindo actualmente as várias tendências.: freudiana, kleiniana, bioniana. Lacan, mesmo se citado por alguns analistas da Sociedade Portuguesa de psicanálise, é ainda um tanto ou quanto relegado para fora desta lista.

Fazendo parte da história da Psicanálise que começou a escrever-se em Portugal após os anos 50, é natural que Pedro Luzes se tivesse interessado em escrever a sua própria versão da história, fazendo-se acompanhar, para isso, de um conjunto de nomes ilustres que de forma mais ou menos directa tiveram algo a ver com essa história. O resultado é uma antologia de textos sobre Psicanálise, com interesse não só para a história do seu desenvolvimento entre nós, como para a história da cultura em Portugal, no que esta foi tocada, de um modo ou de outro, pela invenção freudiana.

A história que aqui se escreve tem no Abade Faria (José Custódio de Faria) um antecedente «pré-histórico». Ele é, no dizer de Pedro Luzes, um precursor da Psicanálise, na medida em que esta, nos seus primórdios, esteve ligada à hipnose. O nosso compatriota, nascido em Goa e tendo-se tornado mais tarde, em Paris, discípulo dos «magnetizadores» (como então se chamavam), foi o verdadeiro iniciador da teoria sugestiva ou psicológica do hipnotismo ou «sono lúcido» (segundo a expressão que ele usava para designar o fenómeno), tendo sido depois reconhecido por Liébault e Bernheim ou até por escritores como Alexandre Dumas. Do ponto de vista técnico, pode considerar-se como um autor bastante avançado, tendo sido o primeiro a servir-se de técnicas verbais («concentre-se», «durma») com vista à indução do sono.

Mais perto de nós, mas ainda dentro do período que Pedro Luzes designa como a pré-história do desenvolvimento da Psicanálise em Portugal, há sobretudo dois nomes a reter: Egas Moniz, futuro prémio Nobel da Medicina, e Sobral Cid, professor de Psiquiatria que, em meados dos anos 20, começa a interessar-se e a publicar trabalhos de incidência analítica, como *A Vida Psíquica dos Esquizofrénicos* (1924), onde sublinha a proximidade dos seus pontos de vista relativamente a Bleuler e Freud.

O caso de Egas Moniz é duplamente interessante: não só porque ele foi o primeiro a falar de Freud no nosso país, por exemplo na lição inaugural do Curso de Neurologia intitulada *As Bases da Psicanálise* (1915), mas igualmente porque chegou mesmo a aplicar o método psicanalítico em dois casos clínicos, utilizando para isso o divã e fazendo uso da associação livre e da análise de sonhos (*O Conflito Sexual*: 1921). Sabemos também que Egas Moniz aplicou a Psicanálise a dois conhecidos casos da nossa literatura: Júlio Dinis (1924) e Camilo (1925).

Que a Psicanálise se tenha interessado pela literatura (tal como por outros fenómenos culturais) ou que a literatura se tenha sentido atraída pela Psicanálise, se bem que as suas relações nem sempre fossem pacíficas, não é novidade. Em Portugal, a par de Fernando Pessoa, que nutria uma certa ambiguidade para com Freud e a Psicanálise, e Gaspar Simões, que se envolveu com o primeiro numa controvérsia para determinar se a Psicanálise era ou não adequada para abordar *o Mistério da Poesia* (título de um livro seu), temos que acrescentar, tal como o havia feito Pedro Luzes, pelo menos mais um distinto nome: David Mourão Ferreira. Sendo, em conjunto, autores de grande visibilidade sociocultural, todos eles constituem um índice da aceitação ou importância da Psicanálise entre nós.

Mas só após os anos 50, através de um conjunto de iniciativas, acontecimentos e nomes, de que fazem parte Francisco Alvim e o próprio Pedro Luzes, João dos Santos, António Coimbra de Matos, Jaime Milheiro, Carlos Amaral Dias, entre outros, é que se pode dizer que a psicanálise entrou progressivamente na sua própria «história».

Hoje, podemos perguntar se ainda é razoável falar de um percurso único da Psicanálise em Portugal quando outras orientações (como a lacaniana, por exemplo) têm vindo entretanto a desenhar-se, desde há alguns anos, ainda que de forma ténue, no panorama psicanalítico português (os casos de José Martinho, presidente da Antena do Campo Freudiano, ou de

Maria Belo, do Centro Português de Psicanálise, são outro exemplo claro dessa diversidade. Resta esperar que estas orientações possam, apesar de tudo, dialogar. O futuro da Psicanálise em Portugal passa também, estamos em crer, por essa capacidade de diálogo.

Vale a pena reproduzir, a este respeito, a pergunta que José Martinho endereçou a Pedro Luzes, no final da sua intervenção nas Jornadas comemorativas dos *Cem anos sobre o sonho “a Injecção dada a Irmã”*, organizadas pelo Centro de Estudos de Psicanálise, na Universidade Lusófona, em 27 de Maio de 2005 (Luzes, 2002): «Eu gostaria de perguntar como é que Pedro Luzes vê o futuro da psicanálise através desse cisma (fruto da ruptura que introduziu no movimento psicanalítico internacional o ensino de Lacan), desta divisão profunda que há. Durante muito tempo houve um contencioso histórico de debates impossíveis? A prova, como esta Jornada de certo modo mostra, é que há a possibilidade, de facto, de ter à mesma mesa, no mesmo dia, um certo número de psicanalistas com orientações diferentes.»

Na mesma linha vão os Encontros sobre o *Ensino da Psicanálise na Universidade – Formação e Investigação Científica*, organizados pelo Instituto Miguel Torga de Coimbra (2004) e a Universidade Lusófona (2005), onde foi possível reunir, à mesma mesa, psicanalistas (e não só) de orientações diversas, como: Carlos Amaral Dias, Carlos Farate, José Martinho, entre outros.

Consideramos que nos *Cem Anos de Psicanálise*, obra muito completa de Pedro Luzes, há pelo menos um nome em falta: Silvio Lima. Com efeito, se considerarmos os diversos usos da Psicanálise, não apenas na sua dimensão terapêutica, dentro de muros, por assim dizer, mas também extra-muros, no que é tradicionalmente designado, não sem algum equívoco e falta de clareza, como «Psicanálise aplicada», o nome de Silvio Lima apresenta-se como incontornável. Na verdade, ele é um dos pioneiros, em Portugal, a par de Fernando Pessoa ou de João Gaspar Simões (Martinho, 2001), na aplicação – ou na crítica de uma tal aplicação – da Psicanálise a outros fenómenos que não o sintoma neurótico ou psicótico.

Na apresentação da sua candidatura para concurso a professor auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Silvio Lima elabora, ao longo de seis anos de trabalho, uma dissertação subordinada ao tema: *O Amor Místico – Noção e valor da experiência religiosa* (Lima, 2002). Nesta obra, único volume publicado de três inicialmente previstos, o autor interroga-se

sobre a natureza do fenómeno religioso em geral e, mais particularmente, sobre uma das suas manifestações: o amor místico. Na medida em que Deus, o Verbo, é amor – como se diz nos textos sagrados – poder-se-á identificar ou reduzir o amor religioso ao amor sexual, como pensam alguns? A investigação de Sílvio Lima pretende, precisamente, responder a essa mesma problemática.

De notar que as diversas perspectivas sobre o assunto eram, ao longo daquela dissertação, reduzidas fundamentalmente a duas tendências interpretativas do fenómeno místico-religioso: uma que tende a «sexualizá-lo» (apresentada sob o nome genérico de «teoria erotogénica do misticismo»), outra, a «dessexualizá-lo». Freud e a Psicanálise são convocados como fazendo parte da primeira tendência. Derivará o amor religioso do amor sexual por «recalcamento», «transferência» ou «sublimação», ou, pelo contrário, terão ambos os fenómenos raízes diferentes? Sílvio Lima acabará por responder cabalmente, no que é a sua tese nuclear: «o fenómeno religioso não se reduz ao fenómeno sexual».

Daqui se segue uma crítica da teoria freudiana, não porque esta seja desprovida de fecundidade em certos aspectos, mas antes pelo seu carácter pretensamente redutor do fenómeno em estudo, bem como do seu exagero interpretativo sobre o mesmo. A posição de Sílvio Lima sobre Freud e a Psicanálise é, neste aspecto, ambígua (fazendo lembrar, por exemplo, as posições de Fernando Pessoa ou Wittgenstein): ao mesmo tempo que critica os seus exageros ou o carácter monolítico das suas interpretações, perante uma realidade viva, fugidia e complexa que não se deixa reduzir facilmente a fórmulas únicas e gerais, pensa igualmente que ela pode lançar novas e inesperadas luzes sobre alguns aspectos do fenómeno em estudo. Aliás, como ele próprio diz, «uma coisa é Freud, outra, o freudismo», querendo com isso sublinhar que os «exageros interpretativos» se devem mais aos seus seguidores do que ao mestre de Viena, ele próprio.

Contra esta tendência de encerrar todo o processo numa «fórmula geral única» (pansexualismo) – mesmo se temos a sensação de que Sílvio Lima não se libertou por completo da associação vulgar, pré-freudiana, entre sexualidade e genitalidade –, o autor propõe que nem todo o fenómeno religioso, e místico em particular, seja sexual, sendo este apenas «um pequeno distrito no vasto império do sensual», e, da mesma forma, «se todo o prazer sexual é prazer, nem todo o prazer é prazer sexual» (Lima, 2002).

Uma outra questão já aflorada e igualmente pertinente seria a de saber se hoje em dia ainda faz sentido falar da «História da Psicanálise», no singular, ou se seria mais ajustado pluralizar a expressão, uma vez que a própria psicanálise se disseminou em diversas orientações (freudiana, kleiniana, bioniana, lacaniana, entre outras), segundo diferentes modos de receber, operacionalizar e transmitir o legado freudiano. Em Portugal, também os ecos dessa pluralização acabaram por se fazer sentir, em maior ou menor grau, no restrito meio de escritores e dos especialistas que temos vindo a referir.

Seja como for, em Portugal, a Psicanálise tem conseguido – como era já o desejo de Freud – extravasar para fora dos muros e imiscuir-se em outros domínios: umas vezes para ser criticada e outras (ab)usada, mas também para mostrar o seu carácter pertinente e fecundo. São dois exemplos disso, entre nós – ainda que não sejam os únicos – a literatura e o pensamento, nomeadamente de cariz filosófico.

No primeiro caso, é clássica a controvérsia entre Fernando Pessoa e João Gaspar Simões acerca da capacidade ou não da Psicanálise para apreender a natureza do «mistério» da poesia, nomeadamente pessoana, mas também as diversas aplicações da Psicanálise ao fenómeno literário, tanto na sua dimensão criativa como crítica, como foram os casos, por exemplo, de Egas Moniz e de Júlio Diniz, ou, mais recentemente, de Eduardo Prado Coelho com os seus *Universos da Crítica* (Prado Coelho, 1982).

No que diz respeito às relações entre a Psicanálise e o pensamento filosófico, para além do exemplo já apontado de Sílvio Lima, poderíamos dar, pelo menos, mais dois exemplos: Fernando Gil, com um texto *Aquém da Existência e da Atribuição: Crença e Alucinação* (Gil, 1998), onde são convocados, a par de algumas teses de Kant, Husserl e Wittgenstein, um conjunto de textos freudianos, nomeadamente *A denegação* (1925), bem como um número recente da Revista Portuguesa de Filosofia (Vila-Chã *et alii*, 2003), consagrado às «perspectivas de diálogo» entre a Psicanálise e a Filosofia.

Sobre este assunto, poderíamos dizer, em traços gerais, que os filósofos portugueses têm oscilado entre, pelo menos, três posições diferentes sobre o assunto: há aqueles que «denegam» o acontecimento da Psicanálise, como se ele não tivesse pura e simplesmente existido; há aqueles que «reagem» ou reagiram ao «trauma» que ela provocou, dando um passo atrás (a noções e ideias pré-freudianas) ou um salto em frente (como

se Freud estivesse ultrapassado); e há também os que julgam que Freud está perfeitamente «integrado», a tal ponto que já se perdeu a dimensão escandalosa ou traumática das suas propostas. Faz parte, digamos, do museu da história das ideias.

Qual é, sobre este assunto, a posição dos colaboradores deste número da Revista Portuguesa de Filosofia dedicado às relações – complexas, problemáticas, fecundas – entre a Psicanálise e a Filosofia? Quais as novas perspectivas de diálogo que aqui se abrem ou pretendem abrir?

As respostas são diversas, dada a proveniência, orientação e ângulo de abordagem dos vários autores em presença; todavia, o tom geral é positivo, estando eles sobretudo interessados em relevar a fecundidade e pertinência de certas noções ou conceitos emanados da Psicanálise (Freud, Lacan, entre outros), mesmo para lá do seu uso mais estritamente analítico.

Restringimo-nos aqui aos autores portugueses, pois eles são um dos indicadores da presença ou ausência da Psicanálise no nosso país, ainda que os colaboradores deste número da revista sejam de nacionalidades e instituições universitárias diversas.

Na introdução, João J. Vila-Chã (Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa) faz a apresentação dos diversos artigos e explica que é no seguimento de várias efemérides recentes relacionadas com o movimento psicanalítico (como o centenário do nascimento de Jacques Lacan, em 2001, ou o de Erich Fromm, em 2000) que a *Revista Portuguesa de Filosofia* decide dedicar um tema à relação entre a Filosofia e a Psicanálise. A ideia geral do seu artigo é que a Psicanálise ganhou um direito de cidadania entre as ciências do homem, ultrapassando o domínio estrito da patologia para cobrir numerosos campos do saber, tal como mostram os diversos artigos deste número.

Segue-se um texto de Irene Borges Duarte (Universidade de Évora) que revisita, filosófica e psicanaliticamente, os famosos «sonhos de Descartes».

Acílio Estanqueiro Rocha (Universidade do Minho) empreende, no seu texto, um retorno a Lacan, com vista à elucidação do «simbólico», recorrendo para isso às instâncias incontornáveis da «linguagem» e da «ética» e mostrando, finalmente, que esta, enquanto «ética do bem-dizer», coabita com a «estética».

Por último, Laura Ferreira dos Santos (Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho), mostra que a «ilusão» religiosa não

só não desapareceu, contrariamente à expectativa de Freud, como integrou até noções psicanalíticas (como o «desejo», por exemplo), renovando certos aspectos da religião com uma nova luz.

Como se vê por estes quatro exemplos, apesar de não serem representativos de todo o universo filosófico português, há boas perspectivas de diálogo entre a Psicanálise e a Filosofia. O futuro dirá até que ponto ou em que sentido elas se concretizarão

Mas a questão da presença (ou ausência) da Psicanálise em Portugal também se mede pela quantidade e qualidade das traduções (textos e autores fundamentais) e obras de referência (por exemplo, dicionários ou enciclopédias) disponíveis no nosso país. Neste aspecto, o panorama não é animador. Salvaguardando uma ou outra excepção, como o *Dicionário de Psicanálise* (Roudinesco e Plon, 2000) que, em boa hora, a Editorial Inquérito (com revisão científica de Carlos Amaral Dias) decidiu verter para português europeu (mantendo, no essencial, a tradução brasileira, com as devidas adaptações morfo-sintácticas e estilísticas), bem como alguns *Textos essenciais de psicanálise*, com selecção, prefácio, revisão científica e notas de José Gabriel Pereira Bastos, ou ainda as tentativas esboçadas, por exemplo, em torno da obra de Lacan, nomeadamente pela Editora Assírio e Alvim (Lacan, 1987, 1989), o que é certo é que falta traduzir muitas das obras de Freud (e o que está traduzido nem sempre tem uma qualidade aceitável), para já não falar de outros nomes fundamentais do panorama psicanalítico internacional, como sejam, a título de exemplo: o já referido Lacan, Mélanie Klein, Bion ou outros. Estamos, neste aspecto, bastante aquém do que se passa do outro lado do Atlântico, no Brasil, cujo panorama editorial psicanalítico é infinitamente mais fértil que o nosso. Mesmo se é proveitoso o conhecimento de outras línguas e a leitura dos textos, sempre que possível, na sua língua original, tal não pode servir de desculpa ou explicar inteiramente o que se passa.

É caso para perguntar se a Psicanálise, inicialmente uma presença *indiscreta* no mundo (e sobretudo em Portugal), que «primeiro se estranha e depois se entranha», parafraseando o poeta, não se terá convertido, com o tempo, numa presença *discreta*. Ou seja: parece legítimo que nos perguntemos agora de como vai a Psicanálise, enquanto representação social no universo que fala português.

A Presença (in)discreta da Psicanálise em Portugal

Depois de alguns anos em que a Psicanálise influenciou bastante a Psiquiatria e a Psicologia portuguesa, parece que estas ciências deixaram de valorizar o discurso psicanalítico e fazem hoje pouco uso da técnica psicanalítica.

O último grande estudo feito sobre Psicoterapias em Portugal (Teste Saúde, Março/Abril de 2003; Lacerda, 2006) revela que a Psicanálise é procurada por 18,1 % dos portugueses que recorrem a apoio psicológico, depois dos 29,4% que optam por terapias cognitivo-comportamentais, longe dos 46,9 % que preferem tomar medicamentos. Estes números confirmam o que se passa geralmente no estrangeiro, nomeadamente em França (Van Rillare *et alii*, 2005; Miller, 2006).

A presente investigação incide sobre a representação social que os portugueses têm da Psicanálise. O único precedente é o estudo pioneiro de Moscovici (1961), no campo da Psicologia Social, sobre «A Psicanálise, a sua Imagem e o seu Público». Vala (2004) lembra o ambiente em que nasceu este interesse de Moscovici pela Psicologia Social: a França da década de 50, onde em apenas três anos (1953-1956) apareceram 230 jornais e revistas não especializadas, que publicaram cerca de 1600 artigos sobre a Psicanálise.

Moscovici publica, então, o seu trabalho sobre a apropriação da teoria psicanalítica por parte dos diferentes grupos sociais. Utilizando um questionário e elaborando a análise de conteúdos da imprensa, ele mostra como a Psicanálise foi transformada e utilizada pelo o homem comum. É ainda no quadro da análise deste mundo significativo que Moscovici propõe o conceito de «representação social». Podemos dizer, em síntese, que é a própria Psicanálise que vai ser indirectamente responsável por muitos dos estudos desta área de investigação.

Para terminar esta Introdução, reafirmamos que o presente estudo tem como principal objectivo auscultar os portugueses relativamente à representação social que a própria Psicanálise tem junto do homem comum, da correspondente difusão de informação mesmo que numa população letrada, passando pela respectiva formação de opiniões e atitudes até à categorização de construção de estereótipos sociais.

Eis um dos interesses (não o único) deste breve estudo, cujo método, dados, etapas e resultados, se apresentam e se discutem a seguir.

Método

Caracterização breve da amostra

A amostra foi recolhida entre Janeiro e Junho de 2005. Tratou-se de uma amostra de conveniência, composta por 275 indivíduos, portugueses, residentes na cidade de Lisboa.

Inicialmente, foi recolhido um total de 300 questionários, tendo-se eliminado 25 indivíduos, por não haverem preenchido o questionário de forma correcta (como indicado nas instruções). Nenhum indivíduo inquirido se recusou a participar.

Utilizaram-se como critérios de selecção da amostra os seguintes aspectos: indivíduos de ambos os sexos, cidadãos portugueses e indivíduos letrados que possuíssem idade entre os 19 e os 60 anos.

A amostra de 275 indivíduos foi constituída por 167 mulheres (%= 60.7) e 108 homens (%= 39.3) com idade média de 31.9 anos ($DP= 10.5$).

No que diz respeito à recolha dos dados, foi necessário proceder à realização de um questionário piloto (**Anexo**), pois o estudo proposto é inovador na população portuguesa. Após aplicação de 70 questionários, foi feita uma análise com a finalidade de criar o questionário definitivo.

Instrumento

O Questionário Sócio-demográfico é composto por perguntas fechadas, incluem os dados demográficos e a representação social da Psicanálise, nomeadamente informações acerca de diversas variáveis entre as quais: sexo, idade, estado civil, profissão, religião; se já teve algum problema psicológico; a quem recorreu ou a quem recorreria em caso de ter algum problema psicológico; se já ouviu falar em Psicanálise; em que contexto ouviu falar em Psicanálise; qual a palavra que associa a Psicanálise; se tem ideia do que é a Psicanálise; na opinião do participante, o que é a Psicanálise; se a Psicanálise pode ser considerada ciência; se existem diferenças entre a Psicanálise, a Psicologia, a Medicina geral e a Psiquiatria e quais os autores psicanalíticos de que já ouviu falar.

Procedimentos

A aplicação do Questionário foi efectuada por um grupo de 7 pessoas, voluntário e treinado para o efeito, com instruções de forma padronizada.

Após uma breve explicação relativa à aplicação do protocolo de avaliação foi solicitado a todos os inquiridos uma colaboração voluntária para este estudo sobre a representação social da Psicanálise em Portugal. Após uma também breve explicação sobre objectivo do estudo, e obtido o seu consentimento informado, os participantes preencheram o protocolo de investigação. A aplicação deste protocolo teve um tempo de preenchimento que variou de 10 a 15 minutos.

Foram garantidos os aspectos éticos relacionados com o anonimato, a confidencialidade e a liberdade de participação, tendo todas as dúvidas sido esclarecidas individualmente.

Os dados obtidos no Questionário foram introduzidos no *Microsoft Excel* tendo sido processados estatisticamente com recurso à aplicação SPSS 12.0 (*Statistical Procedures for Social Sciences, versão 12.0 para Windows*).

Resultados

Como consta na Tabela nº1, a primeira do capítulo dos resultados, queremos começar por dizer que no tocante ao estado civil dos participantes neste estudo, cento e quarenta e nove dos respondentes (%= 54.2) são solteiros e 112 (%= 40.7) são casados/união de facto, 12 (%= 4.4) são divorciados e 2 (%= .7) são viúvos.

Quanto à profissão, oitenta (%= 29.1) são estudantes, 13 (%= 4.7) são médicos, 12 (%= 4.4) são psicólogos, 63 (%= 22.9) são professores, 2 (%= .7) são artistas, 20 (%= 7.3) são engenheiros e 85 (%= 30.9) são trabalhadores por conta de outrem. Do total da amostra, cento e setenta e cinco (%= 64.6) são católicos, 5 (%= 1.8) são protestantes e 85 (%= 31.4) não têm religião.

No que respeita ao núcleo duro das questões apresentadas, ou seja sobre as questões mais directamente relacionadas com a problemática da representação social da Psicanálise, podemos referir que sessenta e três sujeitos (%= 23) afirmam já ter tido algum problema psicológico, 170 (%= 62) descrevem nunca terem tido problema psicológico e 41 (%= 15) não souberam definir se já tiveram ou não algum problema psicológico. Dos participantes

que referiram ter tido algum problema psicológico, trinta e oito (%= 13.9) não procuraram nenhuma ajuda, 31 (%= 11.3) pediram ajuda a psicólogos, 19 (%= 6.9) recorreram a psiquiatras e 10 (%= 3.6) dirigiram-se ao médico.

Quando perguntados a que profissional recorreria caso tivesse um problema psicológico, nove participantes (%= 3.3) não procurariam ajuda, 190 (%= 70.1) recorreriam ao psicólogo, 38 (%= 14) dirigir-se-iam ao psiquiatra, 20 (%= 7.4) iriam ao médico, 2 (%= .7) recorreriam as terapias naturais ou a religião e só 3 (%= 1.1) procurariam um psicanalista.

Duzentos e setenta respondentes (%= 98.5) afirmaram já ter ouvido falar em Psicanálise, enquanto que apenas 2 (%= .7) afirmaram não terem ouvido falar e só 2 (%= .7) não terem a certeza de que já tinham ouvido falar. Do universo dos participantes, cento e trinta e três respondentes (%= 48.7) ouviram falar de Psicanálise no contexto de sala de aula (estudantes), 44 (%= 16.1) ouviram falar em Psicanálise através da imprensa, 42 (%= 15.4) tiveram acesso a Psicanálise através de livros, 27 (%= 9.9) ouviram falar da através de um amigo e apenas 7 (%= 2.6) tiveram conhecimento da Psicanálise no contexto de tratamento.

Sessenta e sete participantes (%= 24.5) associam a Psicanálise à palavra Freud, 21 (%= 7.7) associam o psicólogo, 19 (%= 7) associam ao auto-conhecimento, 12 (%= 4.4) associam ao divã, 9 (%= 3.3) ao médico e 9 (%= 3.3) a tratamento. Quando associadas mais de uma palavra à Psicanálise, a percentagem da palavra Freud sobe para 46.5 %, psicólogo 23.8%, auto-conhecimento 22.3%, médico 7% e tratamento 16.2%.

Duzentos e doze (%= 77.1) participantes da amostra têm uma ideia do que é a psicanálise, 55 (%= 20) não têm a certeza do que é a Psicanálise e 8 (%= 2.9) não têm uma ideia do que é a Psicanálise.

Oitenta e cinco (%= 31) dos participantes acham que a Psicanálise é um meio de auto-conhecimento, 61 (%= 22.3) consideram que a Psicanálise é um método de tratamento psicológico, 39 (%= 14.2) pensam que a psicanálise é um método de tratamento psicológico. Porém, estes últimos respondentes consideram que se trata de um tratamento distinto da Psicologia e outros 34 (%= 12.4) têm a ideia de que a Psicanálise é um método de tratamento eficaz da saúde mental, 27 (%= 9.9) acham que a psicanálise é um método de tratamento eficaz da saúde mental, porém distinto da psicologia e 25 (%= 9.1) não têm opinião formada.

A Presença (in)discreta da Psicanálise em Portugal

Cento e quarenta e um (%= 52.6) indivíduos da amostra têm a opinião de que a psicanálise é uma teoria com fundamento, 97 (%= 36.2) acham que a Psicanálise é uma ciência e 30 (%= 7.2) têm uma opinião mais negativa da Psicanálise (não é teoria, não é ciência e não tem fundamento).

À pergunta sobre se existe diferença entre Psicanálise e Psicologia, duzentos e vinte e cinco dos participantes (%= 84.9) responderam que sim, enquanto 40 (%= 15.1) responderam que não; À pergunta sobre se existe diferença entre Psicanálise e, Medicina e Psiquiatria, 233 (%= 90.3) responderam que sim e 25 (%= 9.7) responderam que não; e quando perguntados se existe diferença entre Psicanálise, medicina geral, 251 (%= 97.3) responderam que sim e 7 (%= 2.7) responderam que não; por outro lado quando questionados se existe diferença entre Psicanálise, Psicologia e Psiquiatria, 246 (%= 93.9) responderam que sim e 16 (%= 6.1) responderam que não; finalmente, quando perguntados se existe diferença entre Psicanálise, Psicologia, Psiquiatria e Medicina geral, 250 (%= 96.2) responderam que sim e 10 (%= 3.8) responderam que não.

Duzentos e setenta e um (%= 98.5) respondentes referiram já ter ouvido falar em Freud, 85 (%= 30.9) já ouviram falar em M. Klein, 47 (%= 17.1) já ouviram falar em W. Bion, 60 (%= 21.8) já ouviram falar em D. Winnicott e 61 (%= 22.3) já ouviram falar em Lacan.

Esta estatística descritiva consta na já referida Tabela n.º1, que se segue:

Tabela 1 – Estatística descritiva das variáveis nominais e ordinais dos dados demográficos.

	N	%
Estado Civil		
Solteiro	149	54.2
Casada/União de facto	112	40.7
Divorciado	12	4.4
Viúvo	2	.7
Profissão		
Estudante	80	29.1
Médico	13	4.7
Psicólogo	12	4.4
Professor	63	22.9
Artista	2	.7
Engenheiro	20	7.3
Outros	85	30.9
Religião		
Católica	175	64.6
Protestante	5	1.8
Nenhuma	85	31.4
Outra	6	2.2
Já teve algum problema psicológico?		
Sim	63	23
Não	170	62
Não tenho a certeza	41	15
Se sim, a quem recorreu para o tratamento		
Ninguém	38	13.9
Psicólogo	31	11.3
Psiquiatra	19	6.9
Médico	10	3.6
Outro	1	.4
Não se aplica (não teve problema psicológico)	175	63.5
Se algum dia tivesse que recorrer a um tratamento devido a um problema psicológico, a quem recorreria?		
Ninguém	9	3.3
Psicólogo	190	70.1
Psiquiatra	38	14
Médico	20	7.4
Parapsicólogo/terapias naturais	2	.7
Padre/Religião	2	.7
Psicanálise	7	2.6
Outro	3	1.1
Já ouviu falar em psicanálise?		
Sim	270	98.5
Não	2	.7
Não tenho a certeza	2	.7

A Presença (in)discreta da Psicanálise em Portugal

	N	%
Em que contexto ouviu falar em psicanálise?		
Nenhum	2	.7
Em aula	133	48.7
Livro	42	15.4
Durante o tratamento	7	2.6
Através de um amigo	27	9.9
Imprensa	44	16.1
Outro	18	6.6
Quando ouve falar em psicanálise quais as palavras que associa?		
Divã	12	4.4
Freud	67	24.5
Médico	9	3.3
Psicólogo	21	7.7
Farsa	1	.4
Cura	4	1.5
Hipnose	1	.4
Auto-conhecimento	19	7
Tratamento	9	3.3
Associação livre	1	.4
Sexo	1	.4
Trauma	4	1.5
Freud e hipnose	16	5.9
Freud, psicólogo e tratamento	24	8.8
Freud e sexo	4	1.5
Freud, trauma e auto-conhecimento	8	2.9
Auto-conhecimento e associação livre	14	5.1
Freud, psicólogo e associação livre	8	2.9
Sexo e trauma	9	3.3
Cura, associação livre e tratamento	10	3.7
Auto-conhecimento, tratamento e psicólogo	12	4.4
Cura, auto-conhecimento e trauma	8	2.9
Divã, médico e hipnose	10	3.7
Hipnose, associação livre e tratamento	1	.4
Tem uma ideia sobre o que é a psicanálise?		
Sim	212	77.1
Não	8	2.9
Não tenho a certeza	55	20
Na sua opinião, o que é a psicanálise?		
Não tenho opinião formada	25	9.1
Um método psicológico de tratamento eficaz da saúde mental	34	12.4
Um método psicológico de tratamento eficaz da saúde mental, porém distinto da psicanálise	27	9.9
Um método de tratamento psicológico	61	22.3
Um método de tratamento psicológico, porém distinto da psicologia	39	14.2
Um método de tratamento ineficaz	2	.7
Um meio de auto-conhecimento	85	31

	N	%
A psicanálise pode ser considerada:		
Uma ciência	97	36.2
Uma teoria sem fundamento	3	1.1
Uma teoria com fundamento	141	52.6
Uma teoria ultrapassada	8	3
Não é ciência	7	2.6
Não é ciência e nem teoria	12	4.5
Em seu entender existe alguma diferença entre psicanálise e psicologia?		
Sim	225	84.9
Não	40	15.1
Em seu entender existe alguma diferença entre psicanálise e medicina geral?		
Sim	233	90.3
Não	25	9.7
Em seu entender existe alguma diferença entre psicanálise e medicina geral?		
Sim	251	97.3
Não	7	2.7
Em seu entender existe alguma diferença entre psicanálise, psicologia e psiquiatria?		
Sim	246	96.9
Em seu entender existe alguma diferença entre psicanálise, psicologia e psiquiatria e outras especialidades da medicina?		
Sim	250	96.2
Não	10	3.8
Já ouviu falar em Freud?		
Sim	271	98.5
Não	4	1.5
Já ouviu falar em Melanie Klein?		
Sim	85	30.9
Não	190	69.1
Já ouviu falar em Bion?		
Sim	47	17.1
Não	228	82.9
Já ouviu falar em Winnicott?		
Sim	60	21.8
Não	215	78.2
Já ouviu falar em Lacan?		
Sim	61	22.3
Não	213	77.7

Tabela 2 – Estatística descritiva da variável idade.

N	M	DP	Assim.	Curt.	Ampl.
275	31.79	10.5	.86	-.16	18-60

Tabela 3 – Diferenças entre quem recorreu a um tratamento e as palavras que associa a psicanálise

A quem recorreu para Tratamento						
Quando ouve falar em psicanálise quais as palavras que associa		Ninguém	Psicólogo	Psiquiatra	Médico	Outro
	Divã	2 5.3%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%
	Freud	10 26.3%	4 13.3%	2 10.5%	4 40%	0 0%
	Médico	0 0%	1 3.3%	0 0%	0 0%	0 0%
	Psicólogo	1 2.6%	1 3.3%	1 5.3%	2 20%	0 0%
	Farsa	1 2.6%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%
	Cura	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%
	Hipnose	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%
	Auto-Conhecimento	2 5.3%	2 6.7%	3 15.8%	0 0%	0 0%
	Tratamento	2 5.3%	1 3.3%	0 0%	1 10%	0 0%
	Associação Livre	0 0%	0 0%	1 5.3%	0 0%	0 0%
	Sexo	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%
	Trauma	1 2.6%	0 0%	1 5.3%	0 0%	0 0%

A quem recorreu para Tratamento						
Quando ouve falar em psicanálise quais as palavras que associa		Ninguém	Psicólogo	Psiquiatra	Médico	Outro
	Freud e Hipnose	3 7.9%	2 6.7%	1 5.3%	0 0%	0 0%
	Freud, Psicólogo e Tratamento	3 7.9%	5 16.7%	0 0%	0 0%	0 0%
	Freud e Sexo	2 5.3%	1 3.3%	0 0%	0 0%	0 0%
	Freud, Trauma e Auto-Conhecimento	2 5.3%	1 3.3%	1 5.3%	1 10%	0 0%
	Auto Conh. e Ass. Livre	1 2.6%	5 16.7%	4 21.1%	1 10%	1 100%
	Freud, Psicólogo e Associação Livre	0 0%	4 13.3%	1 5.3%	0 0%	0 0%
	Sexo e Trauma	2 5.3%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%
	Cura, Associação Livre e Tratamento	2 5.3%	0 0%	1 5.3%	0 0%	0 0%
	Auto-Conhecimento, Tratamento e Psicólogo	1 2.6%	0 0%	2 10.5%	1 10%	0 0%
	Cura, Auto-Conhecimento e Trauma	2 5.3%	2 6.7%	1 5.3%	0 0%	0 0%
	Divã, Médico e Hipnose	1 2.6%	1 3.3%	0 0%	0 0%	0 0%
	Freud, Psicólogo e Associação Livre	0 0%	4 13.3%	1 5.3%	0 0%	0 0%

Nesta Tabela 3 podem ser analisadas as palavras que um sujeito que já tenha recorrido a tratamento associa ao conceito de Psicanálise. Como se pode verificar, os respondentes que afirmaram ter tido um qualquer problema psicológico e os que não tinham a certeza de o ter tido, associaram as seguintes palavras a Psicanálise: *Divãs*, 5.3% para os indivíduos que não recorreram a ninguém para o seu tratamento; *Freud*, 26.3% para quem não recorreu a ninguém, 13.3% para quem recorreu ao psicólogo, 10.5% para quem recorreu ao psiquiatra e 40% para quem recorreu ao médico; *Psicólogo*, 2.6% para quem não recorreu a ninguém, 3.3% para quem recorreu ao

A Presença (in)discreta da Psicanálise em Portugal

psicólogo, 5.3% para quem recorreu ao psiquiatra e 20% para quem recorreu ao médico; *Farsa*, 2.6% dos indivíduos que não pediu ajuda a ninguém; *Auto conhecimento*, 5.3% para quem não recorreu a ninguém, 6.7% para quem recorreu ao psicólogo e 15.8% para quem recorreu ao psiquiatra; *Tratamento*, 5.3% para quem não recorreu a ninguém, 3.3% para quem recorreu ao psicólogo e 10% para quem recorreu ao médico; *Associação livre*, 5.3% dos indivíduos que recorreram ao psiquiatra; *Trauma*, 2.6% para quem não recorreu a ninguém e 5.3% para quem recorreu ao psiquiatra; *Freud e hipnose conjugadas*, 7.9% para os indivíduos que não recorreram a ninguém, 6.7% para quem recorreu ao psicólogo e 5.3% para quem recorreu ao psiquiatra; *Freud, psicólogo e tratamento*, 7.9% para quem não recorreu a ninguém e 16.7% para quem recorreu ao psicólogo; *Freud e Sexo*, 5.3% para quem não recorreu a ninguém e 3.3% para quem recorreu ao psicólogo; *Freud, trauma e auto conhecimento*, 5.3% para quem não recorreu a ninguém, 3.3% a quem recorreu ao psicólogo, 5.3% a quem recorreu ao psiquiatra e 10% a quem recorreu ao médico; *Auto conhecimento e associação livre*, 2.6% para quem não recorreu a ninguém, 16.7% a quem recorreu ao psicólogo, 21.1% ao psiquiatra, 10% a quem recorreu ao médico e 100% a quem recorreu a outro método de tratamento; *Freud, psicólogo e associação livre*, 13.3% a quem recorreu para tratamento ao psicólogo e 5.3% a quem recorreu ao psiquiatra; *Sexo e trauma*, 5.3% para quem não recorreu a ninguém; *Cura, associação livre e tratamento*, 5.3% para quem não recorreu a ninguém e 5.3% para quem recorreu ao psiquiatra; *auto conhecimento, tratamento e psicólogo*, 2.6% para quem não recorreu a ninguém, 10.5% para quem recorreu ao psiquiatra e 10% para quem recorreu ao médico; *Cura, auto-conhecimento e trauma*, 5.3% para quem não recorreu a ninguém, 6.7% para quem recorreu ao psicólogo e 5.3% para quem recorreu ao psiquiatra; *Divã, médico e hipnose*, 2.6% para quem não recorreu a ninguém e 3.3% para o grupo que recorreu ao psicólogo; e *Freud, psicólogo e associação livre*, 13.3% para o grupo que recorreu ao psicólogo para o tratamento, 5.3% para quem recorreu ao psiquiatra.

Tabela 4 – Diferenças de opinião sobre psicanálise entre sujeitos que recorreram a tratamento

	A quem recorreu a Tratamento					
		Ninguém	Psicólogo	Psiquiatra	Médico	Outro
Na sua opinião o que é a psicanálise ?	Não tenho opinião formada	2 5.3%	5 16.7%	1 5.3%	0 0%	0 0%
	Um método de tratamento eficaz de saúde mental	7 18.4%	1 3.3%	1 5.3%	1 10%	0 0%
	Um método de tratamento eficaz de saúde mental, porém distinto da psicologia	2 5.3%	4 13.3%	2 10.5%	1 10%	0 0%
	Um método de tratamento psicológico	8 21.1%	10 33.3%	2 10.5%	4 40%	0 0%
	Um método de tratamento psicológico, porém distinto da psicanálise	5 13.2%	5 16.7%	3 15.8%	0 0%	1 100%
	Um método de tratamento ineficaz	2 5.3%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%
	Um meio de auto conhecimento	12 31.6%	5 16.7%	10 52.6%	4 40%	0 0%

As diferenças de percepção sobre Psicanálise entre sujeitos que recorreram o tratamento são analisadas nesta Tabela 4.

Como se pode verificar nesta tabela, os sujeitos que afirmaram ter tido um problema psicológico e os que não tinham a certeza de o ter tido e que no entanto recorreram a algum tipo de tratamento, revelaram as seguintes opiniões da Psicanálise: Não tenho opinião formada, 5.3% dos indivíduos que não recorreram a ninguém para o tratamento, 16.7% para quem recorreu a tratamento com psicólogo e 5.3% para quem recorreu ao psiquiatra; Um método de tratamento eficaz de saúde mental, 18.4% para quem não recorreu a ninguém, 3.3% para quem recorreu ao psicólogo, 5.3% para quem recorreu ao psiquiatra e 10% para quem recorreu ao médico; Um método de tratamento eficaz de saúde mental, porém distinto da psicologia, 5.3% para quem não recorreu a ninguém, 13.3% para quem recorreu ao psicólogo, 10.5% para quem recorreu ao psiquiatria e 10% para quem recorreu ao médico; Um método de tratamento psicológico 21.1% para quem não recorreu a ninguém, 33.3% para quem recorreu ao psicólogo, 10.5% para quem recorreu ao psiquiatra, 10.5% para quem recorreu ao psiquiatra e 40% para quem recorreu ao médico; Um método de tratamento psicológico, porém distinto

A Presença (in)discreta da Psicanálise em Portugal

da psicanálise 13.2% para quem não recorreu a ninguém para o tratamento, 16.7% para quem recorreu ao psicólogo, 15.8% para quem recorreu ao psiquiatra e 100% para quem recorreu a outro tipo de tratamento; Um método de tratamento ineficaz, 5.3% dos indivíduos que não recorreu a ninguém para o tratamento; e um meio de auto-conhecimento, 31.6% para quem não recorreu a nenhum tipo de tratamento, 16.7% para quem recorreu a um psicólogo, 52.6% para quem recorreu ao psiquiatra e 40% para quem recorreu ao médico.

Tabela 5 – Diferenças de opinião de quem recorreu a um tratamento e como a psicanálise pode ser considerada

A quem recorreu a Tratamento						
A psicanálise pode ser considerada:		Ninguém	Psicólogo	Psiquiatra	Médico	Outro
	Uma ciência	11 28.9%	11 37.9%	7 36.8%	4 44.4%	1 100%
	Uma teoria sem fundamento	1 2.6%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%
	Uma teoria com fundamento	22 57.9%	14 48.3%	10 52.6%	4 44.4%	0 0%
	Uma teoria ultrapassada	1 2.6%	1 3.4%	2 10.5%	0 0%	0 0%
	Não é ciência	3 7.9%	0 0%	0 0%	1 11.1%	0 0%
	Não é ciência nem teoria	0 0%	3 10.3%	0 0%	0 0%	0 0%

As diferenças de opinião entre a quem recorreu ao tratamento e como a Psicanálise pode ser considerada constam na anterior Tabela 5.

Como nela se verifica, os indivíduos, que tiveram um problema psicológico e os que não tinham a certeza de terem tido um problema psicológico e que no entanto recorreram a algum tipo de tratamento, consideram a Psicanálise: Uma ciência, 28.9% dos indivíduos que não recorreu a ninguém para o tratamento, 37.9% para quem recorreu a tratamento com psicólogo, 36.8% para quem recorreu ao psiquiatra, 44.4% para quem recorreu ao médico e 100% para quem recorreu a outro tipo de tratamento; Uma teoria sem fundamento, 2.6% para quem não recorreu a ninguém; Uma teoria com fundamento, 57.9% para quem não recorreu a ninguém, 48.3% para quem recorreu ao psicólogo, 52.6% para quem recorreu ao psiquiatra e

44.4% para quem recorreu ao médico; Uma teoria ultrapassada, 2.6% para quem não recorreu a ninguém, 3.4% para quem recorreu ao psicólogo e 10.5% para quem recorreu ao psiquiatra; Não é ciência, 7.9% para quem não recorreu a ninguém para o tratamento e 11.1% para quem recorreu ao médico; Não é ciência nem teoria, 10.3% dos indivíduos que recorreram ao psicólogo.

Tabela 6 – Diferenças entre quem já teve algum problema psicológico e a quem recorreu para o seu tratamento

Já teve algum problema psicológico ?				
A quem recorreu para o tratamento?		Sim	Não	Não tenho a certeza
	Ninguém	6 9.7%	1 .6%	30 73.2%
	Psicólogo	27 43.5%	0 0%	4 9.8%
	Psiquiatra	17 27.4%	0 0%	2 4.9%
	Médico	8 12.9%	0 0%	2 4.9%
	Outro	1 1.6%	0 0%	0 0%
	Não se aplica	3 4.8%	169 99.4%	3 7.3%

As diferenças entre quem já teve algum problema psicológico e a quem recorreu para o seu tratamento são apontadas na anterior Tabela 6.

Como se verifica, os indivíduos que não recorreram a ninguém para o tratamento psicológico, 9.7% descrevem ter tido algum problema psicológico e 73.2% não tinham a certeza se tiveram ter algum problema psicológico. Os indivíduos que recorreram ao tratamento com o profissional de psicologia, 43.5% referiram ter tido um problema psicológico e 9.8% não tinham a certeza de ter ou não um problema psicológico. Os indivíduos que se trataram com o psiquiatra, 27.4% tinham a certeza de ter tido um problema psicológico, enquanto 4.9% dos indivíduos que recorreram ao psiquiatra relataram não ter a certeza de ter tido um problema psicológico. Dos indivíduos que recorreram a um médico para tratamento, 12.9% referiram ter a certeza de ter tido um problema psicológico e 4.9% não tinham a certeza de ter tido um

A Presença (in)discreta da Psicanálise em Portugal

problema psicológico. Um ponto seis por cento dos indivíduos que procuraram ajuda a outro tipo de tratamento relatam ter tido a certeza de ter sofrido um problema psicológico.

Tabela 7 – Diferenças profissionais sobre o que é a psicanálise

Na sua opinião, o que é a psicanálise?	Profissão							
		Estudante	Médico	Psicólogo	Prof.	Artista	Eng.	Outro
	Não tenho opinião formada	9 11.4%	1 7.7%	0 0%	4 6.3%	0 0%	2 10%	9 10.6%
	Um método de tratamento eficaz de saúde mental	10 12.7%	1 7.7%	0 0%	10 15.9%	0 0%	1 5%	12 14.1%
	Um método de tratamento eficaz de saúde mental, porém distinto da psicologia	6 7.6%	1 7.7%	2 16.7%	7 11.1%	0 0%	2 10%	9 10.6%
	Um método de tratamento psicológico	23 29.1%	3 23.1%	3 25%	7 11.1%	1 50%	8 40%	16 18.8%
	Um método de tratamento psicológico, porém distinto da psicanálise	14 17.7%	2 15.4%	3 25%	4 6.3%	0 0%	3 15%	13 15.3%
	Um método de tratamento ineficaz	0 0%	1 7.7%	0 0%	1 1.6%	0 0%	0 0%	0 0%
	Um meio de auto conhecimento	16 20.3%	4 30.8%	4 33.3%	30 47.6%	1 50%	4 20%	26 30.6%

As diferenças de opinião sobre Psicanálise por profissão constam, por sua vez, na anterior Tabela 7.

Como nela se constata, dos indivíduos que não tinham opinião formada do que era a Psicanálise, 11.4% eram estudantes, 7.7% eram médicos, 6.3% eram professores, 10% eram engenheiros, 10.6% tinham outra profissão não referida. Os indivíduos que relataram que a Psicanálise era: Um método de tratamento eficaz de saúde mental, 12.7% eram estudantes,

7.7% eram médicos, 15.9% eram professores, 5% eram engenheiros, 14.1% tinham outra profissão não referida. Os indivíduos que relataram que a Psicanálise era: Um método de tratamento eficaz de saúde mental, porém distinto da psicologia, 7.6% eram estudantes, 7.7% eram médicos, 16.7% eram psicólogos, 11.1% eram professores, 10% eram engenheiros, 10.6% tinham outra profissão não referida. Os indivíduos que relataram que a psicanálise era: Um método de tratamento psicológico, 29.1% eram estudantes, 23.1% eram médicos, 25% eram psicólogos, 11.1% eram professores, 50% eram artistas, 40% eram engenheiros, 18.8% tinham outra profissão não referida. Os indivíduos que relataram que a Psicanálise era: Um método de tratamento psicológico, porém distinto da psicanálise 17.7% eram estudantes, 15.4% eram médicos, 25% eram psicólogos, 6.3% eram professores, 15% eram engenheiros, 15.3% tinham outra profissão não referida. Os indivíduos que relataram que a psicanálise era: Um método de tratamento ineficaz, 7.7% eram médicos e 1.6 eram professores. Os indivíduos que relataram que a psicanálise era: Um meio de auto conhecimento, 20.3% eram estudantes, 30.8% eram médicos, 33.3% eram psicólogos, 47.6% eram professores, 50% eram artistas, 20% eram engenheiros, 30.6% tinham outra profissão não referida.

Tabela 8 – Diferenças de opinião sobre como a psicanálise pode ser considerada

	Profissão							
		Estud.	Médico	Psi.	Prof.	Art.	Eng.	Outro
A psicanálise pode ser considerada?	Uma ciência	24 30%	2 15.4%	1 9.1%	31 50.8%	1 50%	8 42.1%	30 36.6%
	Uma teoria sem fundamento	1 1.3%	0 0%	0 0%	1 1.6%	0 0%	0 0%	1 1.2%
	Uma teoria com fundamento	47 58.8%	10 76.9%	8 72.7%	24 39.3%	1 50%	10 52.3%	41 50%
	Uma teoria ultrapassada	2 2.5%	1 7.7%	0 0%	2 3.3%	0 0%	0 0%	3 3.7%
	Não é ciência	1 1.3%	0 0%	2 18.2%	1 1.6%	0 0%	0 0%	3 3.7%
	Não é ciência nem teoria	5 6.3%	0 0%	0 0%	2 3.3%	0 0%	1 5.3%	4 4.9%

A Presença (in)discreta da Psicanálise em Portugal

As diferenças de opinião sobre como a Psicanálise pode ser considerada podem ser observadas na anterior Tabela 8.

Verificamos que dos indivíduos que consideram a Psicanálise uma ciência, 30% são estudantes, 15.4% eram médicos, 9.1% eram psicólogos, 50.8% eram professores, 50% são artistas, 42.1% engenheiros, 36.6% referem outra profissão. Os indivíduos que consideram a psicanálise uma teoria sem fundamento, 1.3% dizem-se estudantes, 1,6% professores e 1.2% apontam outra profissão não referida. Os indivíduos que consideram a psicanálise uma teoria com fundamento, 58.8% são estudantes, 76.9% médicos, 72.7% psicólogos, 39.3% professores, 50% artistas, 52.3% engenheiros e 50% têm outra profissão não referida. Os indivíduos que consideram a Psicanálise uma teoria ultrapassada, 2.5% são estudantes, 7.7% médicos, 3.3% professores e 3.7% têm outra profissão não referida. Os indivíduos que consideram a Psicanálise não é ciência 1.3% são estudantes, 18.2% eram psicólogos, 1.6% professores e 3.7% têm outra profissão não referida. Os indivíduos que não consideram a Psicanálise teoria nem ciência, 6.3% são estudantes, 3.3% professores, 5.3% engenheiros e 4.9% referem outra profissão, que não especificam.

Tabela 9 – Diferenças entre a psicanálise e a psicologia por profissão

		Profissão						
Em seu entender existe diferença entre psicanálise e psicologia?		Estud.	Médico	Psi.	Prof.	Art.	Eng.	Outro
	Sim	63 80.8%	11 84.6%	12 100%	54 88.5%	2 100%	14 70%	69 87.3%
	Não	15 19.2%	2 15.4%	0 0%	7 11.5%	0 0%	6 30%	10 12.7%

As diferenças profissionais sobre a Psicanálise e a Psicologia podem ser aqui analisadas nesta Tabela 9.

Como se vê, dos indivíduos que acham que não existem diferenças entre psicanálise e psicologia, 19.2% eram estudantes, 15.4% eram médicos, 11.5% eram professores, 30% eram engenheiros e 12.8% tinham outra profissão não referida.

Tabela 10 – Diferenças entre a psicanálise e a psiquiatria por profissão

Profissão								
Em seu entender existe diferença entre psicanálise e psiquiatria?		Estud.	Médico	Psí.	Prof.	Artista	Eng.	Outro
	Sim	73 92.4%	12 100%	12 100%	50 86.2%	2 100%	19 95%	65 86.7%
	Não	6 7.6%	0 0%	0 0%	8 13.8%	0 0%	1 5%	10 13.3%

E estas são as diferenças entre psicanálise e psiquiatria (Tabela 10), por diferentes profissões. Dos indivíduos que acham que não existem diferenças entre Psicanálise e Psiquiatria, 7.6% eram estudantes, 13.8% eram professores, 5% eram engenheiros e 13.3% tinham outra profissão não referida.

Tabela 11 – Diferenças entre a profissão e se existem diferenças entre a psicanálise e a medicina geral

Profissão								
Em seu entender existe diferença entre psicanálise e medicina geral?		Estud.	Médico	Psicól.	Prof.	Artista	Eng.	Outro
	Sim	77 98.7%	12 100%	12 100%	55 94.8%	2 100%	20 100%	73 96.1%
	Não	1 1.3%	0 0%	0 0%	3 5.2%	0 0%	0 0%	3 3.9%

E as diferenças entre Psicanálise e Medicina geral, segundo as profissões indicadas (Tabela 11). Dos indivíduos que acham que não existem diferenças entre psicanálise e medicina geral, 1.3% eram estudantes, 5.2% eram professores e 3.9% tinham outra profissão não referida.

Tabela 12 – Diferenças entre a psicanálise e a psicologia e a psiquiatria, por profissão

		Profissão						
Em seu entender existe diferença entre psicanálise e psicologia e psiquiatria?		Estud.	Médico	Psi.	Prof.	Art.	Eng.	Outro
	Sim	72 91.1%	12 100%	12 100%	55 91.7%	2 100%	20 100%	73 94.8%
	Não	7 8.9%	0 0%	0 0%	5 8.3%	0 0%	0 0%	4 5.2%

Desta Tabela 12, dos indivíduos que acham que não existem diferenças entre Psicanálise, Psicologia e Psiquiatria, 8.9% eram estudantes, 8.3% eram professores e 5.2% tinham outra profissão não referida.

Tabela 13 – Diferenças profissionais entre a psicanálise, a psicologia, a psiquiatria e a medicina geral

		Profissão						
Em seu entender existe diferença entre psicanálise e psicologia, psiquiatria e medicina geral?		Estud.	Médico	Psicól.	Prof.	Artista	Eng.	Outro
	Sim	76 97.4%	12 100%	12 100%	56 96.6%	12 100%	19 95%	73 93.6%
	Não	2 2.6%	0 0%	0 0%	2 2.4%	0 0%	1 5%	5 6.4%

Desta Tabela 13 constam as diferenças entre Psicanálise, Psicologia, Psiquiatria e Medicina geral, por profissão. Dos indivíduos que acham que não existem diferenças entre Psicanálise, Psicologia, Psiquiatria e Medicina geral, 2.6% eram estudantes, 2.4% eram professores, 5% eram engenheiros e 6.4% tinham outra profissão não referida.

Tabela 14 – Diferenças profissionais sobre se já ouviu falar em Freud

Profissão								
Já ouviu falar em Freud?		Estud.	Médico	Psi.	Prof.	Art.	Eng.	Outro
	Sim	80 100%	13 100%	12 100%	62 98,4%	2 100%	20 100%	82 96,5%
	Não	0 0%	0 0%	0 0%	1 1,6%	0 0%	0 0%	3 3,5%

Tabela 15 – Diferenças entre a profissão e se já ouviu falar em Melanie Klein

Profissão								
Já ouviu falar em Melanie Klein?		Estud.	Médico	Psi.	Prof.	Artista	Eng.	Outro
	Sim	28 35%	2 15,4%	12 100%	16 25,4%	2 100%	4 20%	21 24,7%
	Não	52 65%	11 84,6%	0 0%	47 74,6%	0 0%	16 80%	64 75,3%

Tabela 16 – Diferenças entre a profissão e se já ouviu falar em Bion

Profissão								
Já ouviu falar em Bion?		Estud.	Médico	Psicól.	Prof.	Artista	Eng.	Outro
	Sim	10 12,5%	3 23,1%	11 91,7%	10 15,9%	1 50%	1 5%	11 12,9%
	Não	70 87,5%	10 76,9%	1 8,3%	53 84,1%	1 50%	19 95%	74 87,1%

Tabela 17 – Diferenças entre a profissão e se já ouviu falar em Winnicott

Profissão								
Já ouviu falar em Winnicott?		Estud.	Médico	Psi.	Prof.	Art.	Eng.	Outro
	Sim	18 22,5%	0 0%	11 91,7%	15 23,8%	1 50%	2 10%	13 15,3%
	Não	62 77,5%	13 100%	1 8,3%	48 76,2%	1 50%	18 90%	72 84,7%

Tabela 18 – Diferenças entre a profissão e se já ouviu falar em Lacan

		Profissão						
Já ouviu falar em Lacan?		Estud.	Médico	Psicól.	Prof.	Artista	Eng.	Outro
	Sim	13 16.5%	0 0%	12 100%	17 27%	2 100%	4 20%	13 15.3%
	Não	66 83.5%	13 100%	0 0%	46 73%	0 0%	16 80%	72 84.7%

Agora, nestas Tabelas de 14 a 18 podem ser observadas, sucessivamente, as diferenças sobre o conhecimento de Freud, Melanie Klein, Wilfred Bion, Winnicott e Lacan, por profissão. Desde logo, parece muito significativo que uma grande percentagem de respondentes não tenha ouvido falar destes conhecidos psicanalistas. Como se trata de uma simples leitura, não se repetem aqui essas tão importantes e significativas percentagens, que ficam assinaladas, entretanto, nas respectivas tabelas, a negrito. Como resultado, o referido desconhecimento é tanto mais importante quanto se trata de um desconhecimento referido por médicos e psicólogos. No capítulo da Discussão será tratado em especialidade.

Para terminar, outro importante resultado é apresentado na Tabela 19, que se segue:

Tabela 19 – Diferenças de contexto sobre o local em que se ouviu falar de psicanálise e sobre o que é a psicanálise

Tem uma ideia sobre o que é a psicanálise?				
Em que contexto ouviu falar em psicanálise?		Sim	Não	Não tenho a certeza
	Nenhum	0 0%	0 0%	2 3.7%
	Em aula	112 52.8%	0 0%	21 38.9%
	Livro	39 18.4%	0 0%	3 5.6%
	Durante o tratamento	6 2.8%	0 0%	1 1.9%
	Através de um amigo	21 9.9%	2 28.6%	4 7.4%
	Imprensa	23 10.8%	4 57.1%	17 31.5%
	Outro	11 5.2%	1 14.3%	6 11.1%

Nesta Tabela final, constam então as diferenças referidas sobre a ideia do que será a Psicanálise e em que contexto ouviu falar dela.

De referir que só uma pequena percentagem (3.7%) dos respondentes não tem a certeza do que é a Psicanálise e relata nunca terem ouvido falar na Psicanálise. Aproximadamente metade (52.8%) dos sujeitos afirma ter ouvido falar da Psicanálise em contexto académico (aula), tendo uma ideia do que ela seja, enquanto 38.9% que ouviram falar de Psicanálise em sala de aula relatam não ter a certeza do efectivamente seja. Por sua vez, 18.4% dos indivíduos que ouviram referir Psicanálise nos livros relatam ter uma ideia do que seja e só apenas 5.6% dos mesmos relatam não ter a certeza do que seja. Entretanto, 2.8% dos indivíduos que ouviram falar da psicanálise no contexto de tratamento relatam ter uma ideia do que seja a Psicanálise e só 1.9% dos mesmos relata não ter a certeza disso. Daqueles que ouviram falar da psicanálise através de um amigo, 9.9% relata ter uma ideia do que é a Psicanálise, enquanto 7.4% deles relata não ter a certeza do que seja e 28.6% desses mesmos inquiridos não sabem o que seja. Por sua vez, 10.8% dos sujeitos que ouviram falar da psicanálise em pela imprensa relatam ter uma ideia do que é a psicanálise, 31.5% relatam não ter a certeza do que seja e 57.1% referem não saber o que seja. Apenas 5.2% dos indivíduos que ouviram falar da psicanálise em outro contexto não expressamente referido têm uma ideia do que é a psicanálise, 11.1% deles relata não ter a certeza do que seja e 14.3% referem não saber o que seja efectivamente a Psicanálise.

Discussão crítica dos resultados

O que nos dizem estes resultados?

Quando é perguntado aos inquiridos se já tiveram algum problema psicológico e a quem recorreram, as respostas dadas parecem não deixar grande margem para dúvidas: dos que pediram ajuda – pois houve um número ainda considerável (13.9%) que não pediu qualquer ajuda e a grande maioria dos entrevistados disseram não ter tido qualquer problema psicológico – *ninguém pediu ajuda a um psicanalista.*

O panorama também não se revela animador quando a questão é declinada no futuro. Caso tivesse um problema psicológico, a grande maioria (70.1%) recorreria ao psicólogo, e os restantes, por ordem decrescente, ao psiquiatra e ao médico, e até – se bem que em menor número – a terapias naturais e à religião. A Psicanálise atrairia apenas 1.1% dos inquiridos. Por aqui se verifica que a Psicologia parece ter conseguido suplantar todas as ofertas tradicionais no domínio «psi», enquanto a Psicanálise se mantém ao nível das terapias naturais ou mesmo da religião. Poder-se-ia ficar simplesmente, com base nisto, esmagado pela frieza dos números e concluir, talvez de modo precipitado, que, em Portugal, a Psicanálise é inexistente.

Mesmo que se admitisse, por hipótese, que tal é verdade, isso era apenas uma constatação *de facto* e não uma explicação *de direito*. Neste aspecto, os números não falam, carecem de conceito, como dizia Kant da experiência. Como perguntava Maria Belo há alguns anos, no final de uma comunicação de Pedro Luzes, durante umas Jornadas de Estudo consagradas aos «Cem anos sobre o sonho “A injeção dada a Irmã” de Sigmund Freud», será que há uma «resistência», ou uma espécie de «recalcamento» dos portugueses relativamente à Psicanálise? Haverá aqui algo da ordem de uma «não-inscrição», no sentido em que dela fala José Gil no livro já citado (2005)? Sendo nós, segundo o autor, «o país da não-inscrição», será que também a Psicanálise sofreria de um mal idêntico?

Talvez seja precipitado e pouco exacto dizer que a Psicanálise é inexistente, como sugerimos mais atrás com base nos resultados que apresentámos, ou que não se tenha *inscrito*. Na verdade, de um certo ponto de vista, ela *inscreveu-se*. Para dar um exemplo, a grande maioria dos inquiridos (98.5%) já ouviu falar de Psicanálise e de Freud – um pouco menos de outros psicanalistas como Melanie Klein, Bion, Lacan – e tem uma «ideia» do que seja a psicanálise. Isto significa que as palavras «Freud» e «Psicanálise» se inscreveram «simbólica» e «imaginariamente» na cultura em geral e também na cultura portuguesa. Porém, será que essa é uma boa inscrição, uma inscrição «real», como diria José Gil? Se é verdade que a grande maioria já ouviu falar de Psicanálise, também é certo que apenas um número reduzido (2.6%) diz ter tido conhecimento da Psicanálise em contexto de tratamento e, como vimos já, é ainda menor o número dos que recorreram ou pensam recorrer à psicanálise para tratar um problema «psicológico».

O que é, afinal, a Psicanálise? Qual a ideia que os inquiridos têm dela? A que associam o termo quando ouvem a palavra? Se bem que as respostas variem, as mais referidas são: um «autoconhecimento» (31%), uma «teoria com fundamento» (52.6%) ou mesmo uma ciência. Quase ninguém a vê como uma teoria ultrapassada. Por aqui se vê que há um hiato, ao nível da representação social, entre a ideia (cultural, teórica, etc.) da psicanálise e a sua tradução ou efectividade prática (clínica, terapêutica, experiencial).

Por conseguinte, a ideia de fundo, que subjaz ou atravessa as respostas dos inquiridos, talvez não seja a de que a Psicanálise é inexistente ou não-inscrita, mas uma outra: a de que a sua inscrição ou presença simbólica e imaginária não tem a devida tradução prática no espaço público, pois quando se trata de recorrer a alguém para pedir ajuda em relação com um problema «psicológico», é ao psicólogo que se recorre, ou então, ainda que em menor grau, ao psiquiatra ou até ao médico. Há, portanto, uma contradição entre a presença «cultural» de Freud e da Psicanálise e a sua presença clínico-terapêutica.

A Psicologia, segundo a representação social que dela nos é fornecida pelos inquiridos – e sobre isso os números são bastante expressivos – ocupa aqui uma posição hegemónica. Quando se trata de procurar alguém para resolver um problema do foro psíquico, é cada vez mais o psicólogo que surge como solução, relegando para as margens outras ofertas tradicionais.

Curioso, nisto, é que quando se trata de estabelecer associações mentais com a palavra «Psicanálise », uma percentagem ainda razoável (que varia entre 7.7% ou 23.8% para mais de uma palavra) associa a Psicanálise a psicólogo. Da mesma forma, uma percentagem com algum peso (20%) das pessoas que recorreram ao médico, também associa a palavra psicanálise a psicólogo. No conjunto dos que recorreram a tratamento psicológico, também se encontra uma percentagem não desprezível (16.7%) de pessoas que associam a Psicanálise não só a Freud, mas também a psicólogo e tratamento. Mais curioso, ainda, é o facto de que uma percentagem razoável (25%) de psicólogos considere que a psicanálise é um método de tratamento psicológico.

Como ler ou explicar estes dados?

Parece que há uma certa confusão que teima em manter-se – apesar de Freud se ter esforçado por desfazê-la – entre a Psicanálise e a Psicologia.

Mas talvez a questão de fundo não seja bem esta e haja necessidade de uma outra hipótese explicativa, mais consistente e actual.

Desde a altura em que Freud escreveu o seu famoso artigo de 1926 sobre a *Psicanálise Leiga* (Freud, 1985), isto é, a análise exercida por «não-médicos», até agora, alguma coisa parece ter mudado. A argumentação de Freud ia no sentido de mostrar a especificidade da Psicanálise quer em relação à Psicologia (da época) quer, em particular, à Medicina (Pereirinha, 2005). Se a Psicanálise pode, e até deve, ser exercida por «não-médicos» é porque ela não é uma medicina. É este o aspecto que parece relativamente bem estabelecido, mesmo se não deixa de ser curioso que uma certa percentagem (12.9%) dos que recorreram ao médico para tratamento não tenha a certeza se teve ou não um problema «psicológico».

A dificuldade começa a partir daqui e prende-se com a segunda parte da argumentação de Freud. Ao nível do campo psíquico, as coisas estão mal definidas, com esta ressalva: a Psicologia parece tender cada vez mais a recobrir todo o «campo psi» – da mesma forma que uma certa orientação da Psicologia, a cognitivo-comportamental, tende a recobrir todo o campo da Psicologia (Martinho, 2005) – relegando para as margens não apenas a velha Psiquiatria (cada vez mais hipotecada à Psicofarmacologia), mas também a Psicanálise. Ou então, reduzindo esta última a uma simples psicoterapia e questionando, por isso, o seu estatuto legal, clínico e epistemológico.

Se admitirmos que esta hipótese tem algum cabimento, como entender que a esmagadora maioria (84.9%) dos inquiridos tenha dito que existem diferenças entre a Psicanálise e a Psicologia?

Parece-nos que uma das possíveis explicações está no facto, já sublinhado, de que a representação ou ideia que grande parte dos inquiridos tem sobre a Psicanálise é vaga, demasiado teórica e não consentânea com a real efectividade (prática) da mesma. Tem-se a «informação», porque se ouviu dizer a outros, por exemplo a professores em contexto de aula (o peso relativo tanto de estudantes (29.1%) como de professores (22.9%) no universo dos inquiridos é apreciável) de que há – ou deve haver diferenças (apesar de 19.2% dos estudantes e 11.5% dos professores terem dito não haver diferenças), mas não se sabe ao certo em que é que isso consiste exactamente. Tal como dissemos antes, parece-nos uma ideia vaga, teórica, não concretizada e, por isso, sem tradução prática.

As perspectivas que se abrem para a Psicanálise, pelo menos em Portugal e com base nos resultados obtidos, não são muito animadoras. Mas podemos também formular a questão de um outro modo, quiçá mais pertinente e fecundo: quais os desafios que estes dados colocam à Psicanálise, aos psicanalistas e a todos os que, não sendo psicanalistas, sentem pela «coisa freudiana» um particular interesse e afinidade?

Dos possíveis desafios, indicam-se quatro. O primeiro tem a ver com a tradicional resistência dos portugueses em relação à Psicanálise (comparativamente, por exemplo, aos nossos vizinhos espanhóis, a franceses ou belgas, ou, um pouco mais longe, aos nossos irmãos brasileiros, do outro lado do Atlântico, para referir apenas alguns exemplos). A que se deve esta resistência? Será estrutural ou meramente circunstancial? Pode ser vencida? Eis algumas das questões que devem mobilizar a Psicanálise, os psicanalistas e afins.

O segundo desafio tem a ver com a prossecução do trabalho já encetado por Freud e reporta-se à questão, não inteiramente resolvida, da especificidade da Psicanálise frente a outros métodos de tratamento. Como vimos, nem sempre as diferenças são muito nítidas. O que tem a Psicanálise de singular para oferecer ao sujeito que sofre e pede ajuda?

Em terceiro lugar, poderão os psicanalistas portugueses tornar-se mais visíveis, por assim dizer, sem que tal implique a perda daquilo que os mantém como tal, a saber: serem psicanalistas?

Por último, se o presente (e o futuro) parece ser cada vez mais o domínio (nos dois sentidos do termo) das Terapias Cognitivo-Comportamentais, breves e directivas, que acabam por suprimir o que houve de «subversão do sujeito» e «dialéctica do desejo» com a invenção do inconsciente freudiano, resta a pergunta: a par de uma nova solução, não estaremos, também aqui, perante um novo sintoma do nosso tempo?

Perante a complexidade do ser humano, as vias únicas são sempre redutoras e contraproducentes (Saramago, 2005).

Referências

- Bastos, J. G. P. (2000). *Portugal Europeu, Estratégias Identitárias Inter-nacionais dos portugueses*. Lisboa: Celta.
- Erikson, E. (1968). *Identity, youth and crisis*. New York: WW. Norton & Company Inc.
- Figueiredo, E. (1991). *Psicanálise da Saudade*. Lisboa: Edições O Jornal.
- Freud, S. (1989). *Textos Essenciais da Psicanálise*. Vol. 1 Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Freud, S. (1989). *Textos Essenciais da Psicanálise*. Vol. 2 Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Freud, S. (1989). *Textos Essenciais da Psicanálise*. Vol. 3 Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Freud, S. (1994). *Textos Essenciais da Psicanálise*. Vol. 4 Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Freud, S. (1985). *La Question de L'analyse Profane*. Paris: Gallimard.
- Gil, F. (1998). *Modos de Evidência*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Gil, J. (1979). "Observações sobre a Cura em psicanálise". In *Filosofia e Epistemologia II*. Lisboa: Regra do Jogo.
- Gil, J. (2004). *Portugal, Hoje – O Medo de Existir*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Lacan, J. (1987). *A Família*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Lacan, J. (1987). *O Mito Individual do Neurótico*. Lisboa: Assírio & Alvim;
- Lacan, J. (1989). *Shakespeare, Duras Wedekind, Joyce*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Lacerda, I. (2006). «Monólogo com o Eu». In revista *Visão* nº 686. Lisboa: Edimpresa.
- Lima, S. (2002). *Obras Completas de Sílvia Lima*. Vol. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lourenço, E. (1978) *O Labirinto da Saudade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Luzes, P. (1997). *Cem Anos de Psicanálise*. Lisboa: ISPA.
- Miller, J-A. (2006). *L'Anti-livre noir de la Psychanalyse*. Paris : Seuil
- Malpique, C. (1984). *A Ausência do Pai*. Porto: Edições Afrontamento.
- Martinho, J., Santos, P. S. e Colaço, N. (1996). *Cem anos sobre o sonho*. Lisboa: Edições Lusófonas.

- Martinho, J. (2001a). *Freud & C^a*. Coimbra: Almedina.
- Martinho, J. (2001b). *Pessoa e a Psicanálise*. Coimbra: Almedina.
- Martinho, J. (2005). *Ditos III – Conferências Psicanalíticas*. Lisboa: Fim de Século.
- Moscovici, S. (1961). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: PUF.
- Miller, J. - A. (2001). *La Cause Freudienne*. N° 48. Paris: Navarin – Seuil.
- Pereirinha, F. (2005). *Psicanálise & Arredores*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Prado Coelho, E. (1982). *Universos da Crítica*. Lisboa: Edições 70.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (2000). *Dicionário de Psicanálise*. Lisboa: Editorial Inquérito.
- Saramago, J. (2005). *As Intermittências da Morte*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Vala, J, Monteiro, MB (org). (2004). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Van Rillaer, J., Pleux, D., Cottraux, J., Borch-Jacobsen, M. e Meyero, C. (2005). *Livre noir de la psychanalyse*. Paris : Éditions Les Arènes.
- Vila-Chã, J. J., Duarte, I. B., Drawin, C. R., Casalla, M., Frick, F., Schmitz-Persin, R., Morano, C. D., Causse, J-D., Pulito, M., Rocha, A. E. e Corona, N. A, Eckard, F., Tourinho, C, (2003). «Filosofia e Psicanálise – Perspectivas de Diálogo». In *Revista Portuguesa de Filosofia*. Vol. 59: 2.

ANEXO

Todas as respostas dadas a este protocolo são confidenciais, sendo utilizadas apenas para fins estatísticos. Não existem respostas correctas nem erradas, sendo assim, responda o mais honestamente possível às questões que lhe são apresentadas. Leia atentamente as instruções e circule a resposta que acha mais indicada. Se tiver dúvidas, não hesite em perguntar. Se em algum momento optar por não continuar, é livre de desistir e entregar o protocolo. Uma vez terminado o protocolo devolva-o.

Obrigada por sua colaboração e disponibilidade.

<i>Questionário</i>		Nº			
Sexo:					
Idade:	_____				
Estado Civil:	• Solteiro • Casado/União de facto • Divorciado/Separado • Viúvo				
Profissão:	<table><tbody><tr><td> • Estudante • Médico • Psicólogo • Jornalista </td><td> • Professor • Artista • Engenheiro • Outro _____ </td></tr></tbody></table>		• Estudante • Médico • Psicólogo • Jornalista	• Professor • Artista • Engenheiro • Outro _____	
• Estudante • Médico • Psicólogo • Jornalista	• Professor • Artista • Engenheiro • Outro _____				
Religião:	•				
1. Já teve algum problema psicológico?					
<table><tbody><tr><td>• Sim</td><td>• Não</td><td>• Não tenho a certeza</td></tr></tbody></table>			• Sim	• Não	• Não tenho a certeza
• Sim	• Não	• Não tenho a certeza			

2. Se sim, a quem recorreu para o tratamento?

- | | |
|--------------|-----------------------------------|
| • Ninguém | • Bruxos |
| • Psicólogo | • Parapsicólogo/Terapias naturais |
| • Psiquiatra | • Padre/Religião |
| • Médico | • Outro _____ |

3. Se algum dia tivesse que recorrer a um tratamento devido a algum problema psicológico, a quem recorreria?

- | | |
|--------------|-----------------------------------|
| • Ninguém | • Bruxos |
| • Psicólogo | • Parapsicólogo/Terapias naturais |
| • Psiquiatra | • Padre/Religião |
| • Médico | • Outro _____ |

4. Já ouviu falar em Psicanálise?

- Sim • Não • Não tenho a certeza

5. Em que contexto ouviu falar na Psicanálise?

- Nenhum
- Em aula
- Livro
- Durante tratamento (médico ou psicológico)
- Através de um amigo
- Imprensa (jornais, revistas, filmes, programas de TV)
- Outro

6. Quando ouve falar em psicanálise quais as palavras que associa a esta?

- | | |
|-------------|---------------------|
| • Divã | • Cura |
| • Freud | • Hipnose |
| • Médico | • Auto-conhecimento |
| • Psicólogo | • Tratamento |
| • Farsa | • Associação Livre |
| • Bruxaria | • Sexo |
| • Religião | • Trauma |

A Presença (in)discreta da Psicanálise em Portugal

7. Tem uma ideia sobre o que é psicanálise?

• Sim • Não • Não tenho a certeza

8. Na sua opinião, o que é psicanálise?

- Não tenho opinião formada
- Um método psicológico de tratamento eficaz da saúde mental
- Um método de tratamento eficaz de saúde mental, porém distinto da psicologia
- Um método de tratamento psicológico
- Um método de tratamento psicológico, porém distinto da psicologia
- Um método de tratamento ineficaz
- Um meio de auto-conhecimento
- Bruxaria
- Seita

9. A psicanálise pode ser considerada:

- Uma ciência
- Uma teoria sem fundamento
- Uma teoria com fundamento
- Uma teoria ultrapassada
- Não é ciência
- Não é ciência e nem teoria

10. Em seu entender existe alguma diferença entre:

Psicanálise e psicologia	• Sim	• Não
Psicanálise e Medicina (especialidade de psiquiatria)	• Sim	• Não
Psicanálise e Medicina (outras especialidades que não a psiquiatria)	• Sim	• Não
Psicanálise, psicologia e psiquiatria	• Sim	• Não
Psicanálise, psicologia, psiquiatria e outras especialidades da medicina	• Sim	• Não

6. Já ouviu falar em:

Freud	• Sim	• Não
Melaine Klein	• Sim	• Não
Bion	• Sim	• Não
Winicott	• Sim	• Não
Lacan	• Sim	• Não

RECOLHA BIBLIOGRÁFICA

João Peneda⁴

Igor Lobão⁵

A obra de Freud, traduzida actualmente em 30 línguas, é composta por 24 livros, 123 artigos e 5.000 cartas já encontradas. Existem duas edições «completas», os *Gesammelte Schriften* e as *Gesammelte Werke* (obra de referência, publicada primeiramente em Londres e depois em Frankfurt). A única edição crítica continua a ser a *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, publicada por James Strachey. Roger Dufresne recenseou ainda os 23 artigos que Freud escreveu entre 1877 e 1886, não integrados nas Obras, por serem considerados pré-analíticos.

Existe também uma *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud* (24 vols., Imago, Rio de Janeiro, 1977).

OBRAS DE PSICANÁLISE E AFINS PUBLICADAS EM PORTUGAL TRADUÇÕES DA OBRA DE SIGMUND FREUD:

FREUD, Sigmund. (1974). *Psicopatologia da vida quotidiana*. Lisboa: Estúdios Cor.

FREUD, Sigmund. (1979). *A interpretação das afasias*. Lisboa: Edições 70.

FREUD, Sigmund. (1988-89). *A interpretação dos sonhos*, 3 vols. Lisboa: Pensamento.

FREUD, Sigmund. (1989). *Textos Essenciais da Psicanálise, o inconsciente, os sonhos e a vida pulsional*, vol. I. Mem Martins: Europa-América.

FREUD, Sigmund. (1989). *Textos Essenciais da Psicanálise, a teoria da sexualidade*. Vol. II, Mem Martins: Europa-América.

⁴ Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

⁵ Centro Português de Psicanálise

- FREUD, Sigmund. (1989). *Textos Essenciais da Psicanálise, a estrutura da personalidade psíquica e a psicopatologia*, vol. III. Mem Martins: Europa-América.
- FREUD, Sigmund. (1990). *Moisés e a religião monoteísta*. Lisboa: Guimarães.
- FREUD, Sigmund. (1990). *Moisés e o monoteísmo*. Lisboa: Relógio D'água.
- FREUD, Sigmund. (1990). *Psicopatologia da vida quotidiana*. Lisboa: Relógio D'água/Círculo de Leitores.
- FREUD, Sigmund. (1990). *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*. Lisboa: Relógio D'água/ Círculo de Leitores.
- FREUD, Sigmund. (1991). *Esquecimento e Fantasma*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- FREUD, Sigmund. (1995). *Delírio e sonhos na Gradiva de Jensen*. Lisboa: Gradiva.
- FREUD, Sigmund; EINSTEIN, Albert. (1997). *Porquê a guerra?* Lisboa: Edições 70.
- FREUD, Sigmund. (1994). *Textos Essenciais sobre Literatura, Arte e Psicanálise*. Mem Martins, Europa-América.
- FREUD, Sigmund. (2004). *Totem e tabu*. Lisboa: Relógio D'água.
- FREUD, Sigmund. (2005). «Sobre o Ensino da Psicanálise na Universidade» in *Afreudite, Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas (<http://afreudite.ulusofona.pt/>).

TRADUÇÕES DA OBRA DE JACQUES LACAN:

- LACAN, Jacques. (1977) [com outros autores]. *O sujeito, o corpo, e a letra: ensaios de escrita psicanalítica*. Lisboa: Arcádia.
- LACAN, Jacques. (1981). *A família*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- LACAN, Jacques. (1986). *Joyce o sintoma*. Coimbra: Escher.
- LACAN, Jacques. (1986). *Os escritos técnicos de Freud: Seminário I (1953-54)*. Lisboa: D. Quixote.
- LACAN, Jacques- (1987). *O mito individual do neurótico*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Uma recolha bibliográfica

- LACAN, Jacques. (1989). *Shakespeare, Duras, Wedekind, Joyce*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- LACAN, Jacques. (1993), *O estádio do espelho* in Assédio, nº 1. Oeiras: Celta.

SOBRE A HISTÓRIA DA PSICANÁLISE EM PORTUGAL

- ALVIM, Francisco. (1979). «Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade», Conferência no I Congresso Português de Psiquiatria da Adolescência. Figueira da Foz, 8-11 de Novembro de 1979.
- CID, J.M.Sobral (1924). «A Vida Psíquica dos Esquizofrénicos, Pensar Autista e Mentalidade Arcaica». Lisboa: Jornal da Sociedade de Ciências Médicas, 88, 180-236.
- FERNANDES, Barahona. (1967). «Parecer Sobre o Reconhecimento Oficial da Sociedade Portuguesa de Psicanálise». Lisboa: Ministério da Educação Nacional.
- FREUD, Sigmund. (1972). «Quatro Cartas a Abel de Castro». In *Análise Psicológica*, I: 7-12. Lisboa: ISPA.
- FURTADO, Diogo. (1959). «Psicanálise e sua Situação entre Nós». Lisboa: Jornal do Médico, XL: 293-302.
- LARANJEIRA, Manuel. (1986). *A Doença da Santidade*, Prefácio de Maria Belo, Lisboa: Editorial Labirinto.
- LIMA, Sílvio. (2002). *Obras Completas*, dirigidas por José P. Ferreira da Silva, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2 vol.
- LUZES, Pedro. (2002). *Cem Anos de Psicanálise*. Lisboa: ISPA, 2ª ed.
- MARTINHO, José. (2001). «A Psicanálise no Mundo e em Portugal». In *Freud & Co*, Coimbra: Almedina.
- MARTINHO, José. (2003). «Sobre a Recepção de Freud em Portugal». In *Metacrítica* nº3, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- MONIZ, Egas. (1902). *A Vida Sexual (Fisiologia e Patologia)*. Lisboa: Ática, 1ª ed.
- MONIZ, Egas. (1915). «As Bases da Psicanálise». Lisboa: A Medicina Contemporânea, 33, 377-383.

- MONIZ, Egas. (1921). «O Conflito Sexual». Lisboa: Portugal Médico, 3ª série, nº9, pp.395-401.
- MONIZ, Egas. (1924). *Júlio Diniz e a Sua Obra*. Lisboa: Ática
- PERRON, Roger. (1998). *História da Psicanálise*. Lisboa: Rêes Editora.
- SEABRA-DINIS. (1945). Joaquim, *Psicanálise*. Lisboa: Edições Cosmos.

BIBLIOGRAFIA GERAL DE OBRAS DE PSICANÁLISE, PSIQUIATRIA, PSICOLOGIA E AFINS PUBLICADAS EM PORTUGUÊS

- AAVV, Revista de Psicanálise. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicanálise.
- AAVV. Assédio, Revista de Psicanálise e Cultura: Fascínios, nº 1 (1993), Oeiras: Celta.
- AAVV, Página ACF on-line (site da Antena do Campo Freudiano: <http://usuarios.lycos.es/acfportugal/acfportugal>).
- AAVV. Afreudite, Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas (<http://afreudite.ulusofona.pt/>).
- AAVV. Revista Lusófona das Ciências da Mente e do Comportamento, Departamento de Psicologia da ULHT. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- AAVV. (2003). Revista Portuguesa de Filosofia. Abril-Junho. Volume 59. Fas. 2
- AAVV. (1978). *Sexualidade e Poder*. Lisboa: Edições 70.
- AAVV. (1984). *Psicanálise e Cinema*. Lisboa: Relógio d'Água.
- AAVV. (1992). *Esquizofrenia, uma doença ou alguns modos de ser humano?* Lisboa: Caminho.
- AAVV. (1996). *Bion hoje*. Lisboa: Fim de Século.
- AAVV. *Cem anos sobre o sonho: "A injeção dada a Irma" de Sigmund Freud*. Lisboa: Ed. Lusófonas, 1996.
- AAVV. (1994). *Inconsciente, Normal/Anormal*, Enciclopédia Einaudi. Lisboa: INCM, vol 23.
- AAVV. (1999). *Pensar a Escola sob os Olhares da Psicologia*. Porto: Afrontamento.
- AAVV. (2001). *Prevenção das Toxicodependências*. Lisboa: Climepsi.

Uma recolha bibliográfica

- ABREU, Pio. (1982). *O Modelo do Psicodrama Moreniano*. Coimbra: Ed Psiquiatria Clínica.
- AFONSO, Pedro. (2002). *Esquizofrenia*. Lisboa: Climepsi.
- AITCHISON, J. (2002). *O Mamífero Articulado. Uma introdução à psicolinguística*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ALVES, José. (1998). *Ética e Psicanálise, a Coisa, o Desejo e a Lei* (tese de doutoramento da Universidade do Minho-Braga).
- ALMEIDA, J.M. Caldas de. «Relação com a Pessoa ao Nível da Prevenção Primária». Lisboa: Hospital Miguel Bombarda.
- ANAUT, Marie. (S/D). *A Resiliência. Ultrapassar os Traumatismos*. Lisboa: Climepsi.
- ANDREASON, Nancy. (S/D). *Admirável Cérebro Novo. Dominar a Doença Mental na Era da do Genoma*. Lisboa: Climepsi.
- ANTUNES, Lobo. (1977). *Atitude grupanalítica em Consulta Externa com Articulação Hospitalar in Grupanálise*, nº 2, Lisboa.
- ANTUNES, Lobo; DIAS, M.I. Silva. (1974). «Loucura e Criação Artística: Ângelo de Lima, Poeta de Orfeu». Lisboa: Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria.
- ANTUNES, Lobo; SAMPAIO, Daniel. (1976). *Alice no País das Maravilhas ou a Esquizofrenia Esconjurada*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria.
- ALMEIDA, J.M. Caldas. *Matriz Sociocultural da Doença Mental*, Lisboa: Hospital Miguel Bombarda.
- ANZIEU, Didier. (1990). *A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise*. Lisboa: Edições 70.
- ARONSON, E. (2002). *O Animal Social*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ASSOCIATION, American Psychiatric. (S/D). *DSM-IV-TR. Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. Lisboa: Climepsi.
- ASSOUN, Paul-Laurent. (2000). *Metapsicologia*. Lisboa: Climepsi.
- BALINT, Ednid; NORELL, J. (S/D). *Seis Minutos para o Doente*. Lisboa: Climepsi.
- BARRACLOUGH, Jennifer; GILL, David. (S/D). *Bases da Psiquiatria Moderna*. Lisboa: Climepsi.

- BARROS, Luísa. (S/D). *Psicologia Pediátrica*. Lisboa: Climepsi.
- BARROS, Luísa. (S/D). *Perturbações da Eliminação na Infância e na Adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- BATEMAN, Anthony; BROWN, Dennis; PEDDER, Jonathan. (S/D). *Princípios e Prática das Psicoterapias*. Lisboa: Climepsi.
- BATEMAN, Anthony; HOLMES, J. (1998). *Introdução à Psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- BATESON, G. (1987). *Natureza e Espírito*. Lisboa: Dom Quixote.
- BATESON, G. (1996). *Metadiálogos*. Lisboa: Gradiva.
- BALINT, Michael. (2001). *O Médico, o seu Doente e a Doença*. Lisboa: Climepsi.
- BELO, Maria. (1999). *Preto e branco: De como os portugueses expressaram a estrutura da sua cultura nas modalidades do seu relacionamento com os africanos*, (tese de doutoramento apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, Departamento de Estudos Portugueses)
- BENNET, Paul. (S/D). *Introdução Clínica à Psicologia da Saúde*. Lisboa: Climepsi.
- BENNET, Paul; MURPHY, Simon. (1999). *Psicologia e Promoção da Saúde*. Lisboa: Climepsi.
- BÉNONY, H. (S/D). *O Exame Psicológico e Clínico do Adolescente*. Lisboa: Climepsi.
- BÉNONY, H. (S/D). *O Desenvolvimento da Criança e as suas Psicopatologias*. Lisboa: Climepsi.
- BÉNONY, H; CHAHRAOUI, K. (S/D). *A Entrevista Clínica*. Lisboa: Climepsi.
- BÉRESNIAK, Ariel; DURU, Gérard. (1999). *Economia da Saúde*. Lisboa: Climepsi.
- BERGER, Maurice. (S/D). *A Criança e o Sofrimento de Separação*. Lisboa: Climepsi.
- BERGERET, Jean. (2000). *A Personalidade Normal e Patológica*. Lisboa: Climepsi.
- BERGERET, Jean; Wilfrid, Reid. (1991). *Narcisismo e Estados-Limite*. Lisboa: Climepsi.
- BERGERET, Jean. (2002). *Psicologia Patológica*. Lisboa: Climepsi.
- BERMÚDEZ, J. (2000). *O Paradoxo da Autoconsciência*. Lisboa: Instituto Piaget.

Uma recolha bibliográfica

- BERNAUD, Jean-Luc. (S/D). *Métodos de Avaliação da Personalidade*. Lisboa: Climepsi.
- BLÉANDONU, Gérard (Org). (1999). *Apoio Psicológico aos Pais*. Lisboa: Climepsi.
- BLÉANDONU, Gérard, (2000). *Consultas Terapêuticas Pais-Filhos*. Lisboa: Climepsi.
- BLOCH, S. (S/D). *Introdução às Psicoterapias*. Lisboa: Climepsi.
- BOEKHOLT, Monika. (S/D). *Provas Temáticas na Clínica Infantil*. Lisboa: Climepsi.
- BORN, Michel. (S/D). *Psicologia da Delinquência*. Lisboa: Climepsi.
- BOTTTERIL, G; CARRUTHERS, P. (2004). *A Filosofia da Psicologia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- BOUBLI, M. (S/D). *Psicopatologia da Criança*. Lisboa: Climepsi.
- BOURGOIS, Marc-Louis. (2001). *Anedonia, o não prazer e a psicopatologia*. Lisboa: Climepsi.
- BRABANT G. PH. (1973). *Para um Conhecimento da Psicanálise*. Lisboa: Edições Assírio e Alvim.
- BRACONNIER, Alain. (1998). *O Sexo das Emoções*. Lisboa: Instituto Piaget.
- BRACONNIER, Alain; MARCELLI, Daniel. (2000). *As Mil Faces da Adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- BRACONNIER, Alain. (2002). *Psicologia Dinâmica e Psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- BRAUNSTEIN, Jean-Francoise; PEWZNER, Évelyne. (2004). *História da Psicologia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- BUHLER, Charlotte. (S/D). *A Psicologia na Vida do nosso Tempo*. Lisboa: Edições Gulbenkian.
- BUSER, P. (2000). *Cérebro de Si, Cérebro do Outro. Neurobiologia, Consciência e Inconsciente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CABRAL, Maria de Fátima Sarsfield. (1998). *Pensar a Emoção*. Lisboa: Fim de Século.
- CAPELLÁ, A. (S/D). *Sexualidades Humanas, Amor e Loucura*. Lisboa: Climepsi.
- CARDOSO e CUNHA, Brigitte. (1981). *Psicanálise e Estruturalismo*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- CARDOSO, Carlos. (S/D). *Os Caminhos da Esquizofrenia*. Lisboa: Climepsi.

- CARREIRA, Maria Antónia. (1996). *As Musas Inquietantes*. Lisboa: ISPA.
- CAILLÉ, Philippe; REY, Yveline. (2003). *Os Objectos Flutuantes*. Lisboa: Climepsi.
- CARDOSO, Carlos Mota. (2000). *Caminhos da Esquizofrenia*. Lisboa: Climepsi.
- CASTLE, David; MCGRATH, John; KULKARR, Jayashri (S/D). *As mulheres e a Esquizofrenia*. Lisboa: Climepsi.
- CASTRO, Armando. (1976). *A Epistemologia das Ciências do Homem e as suas Relações com a Psicologia*. Lisboa: Edições Assírio e Alvim.
- CECCATTY, M. (1996). *Comunicações Celulares e Comunicações Humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CERCEAU, F; LÉNA, P; SCHNEIDER, J. (2004). *Na Senda dos Seres Vivos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CHABERT, Catherine. (1993). *O Rorschach na Clínica do Adulto. Interpretação Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi.
- CHABERT, Catherine. (2002). *A Psicopatologia à Prova do Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- CHANGEUX, J. (1985). *O Homem Neuronal*. Lisboa: Dom Quixote.
- CHANGEUX, J; CONNES, A. (S/D). *Matéria Pensante*. Lisboa: Edições Gradiva.
- CHAUVIN, R. (2002). *O Homem, o Símio e a Ave*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CHBANI, Hafsa; PÉREZ-SÁNCHEZ, Manuel. (S/D). *O Quotidiano e o Inconsciente*. Lisboa: Climepsi.
- CLAUDIO, V (ed). (1998). *Psicologia e Ética*. Lisboa: ISPA.
- CID, J. Sobral. (1973). *Apontamentos de Psiquiatria*. Lisboa: HMB.
- CICCONE, Albert. (S/D). *Observação Clínica*. Lisboa: Climepsi.
- COHEN-SOLAL, J; GOLSE, B. (2002). *No início da vida psíquica*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CORDO, Margarida. (S/D). *Reabilitação de Pessoas com Doença Mental*. Lisboa: Climepsi.
- CORTESÃO, Eduardo Luís. (1960). «Introdução à Psicanálise» in *Apontamentos de Psicologia Médica*. Lisboa: Comissão Pró-Associação dos Estudantes de Medicina de Lisboa.
- CORTESÃO, Eduardo Luís. (1989). *Grupanálise, Teoria e Técnica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Uma recolha bibliográfica

- CORTESÃO, Eduardo Luís. (2005). *Um Psiquiatra na Revolução*. Lisboa: Climepsi.
- CHERTOK, L. (1990). *O Hipnotismo*. Mem Martins: Europa-América.
- CRICK, F. (1998). *A Hipótese Espantosa – Busca Científica da Alma*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CUNHA Leão. (1997). *Ensaio de Psicologia Portuguesa*. Lisboa: Guimarães Editores.
- CURADO, Vasco. (2000). *Sonho, Delírio e Linguagem*. Lisboa: Fim de Século.
- CYRULNIK, Boris. (1994). *A Memória de Macaco e Palavras de Homem*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CYRULNIK, Boris. (1995). *Sob o Signo do Afecto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CYRULNIK, Boris. (1995). *Nutrir os Afectos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CYRULNIK, Boris. (1995). *O Nascimento do Sentido*. Lisboa: Instituto Piaget.
- DACO, P. (S/D). *As Prodigiosas Vitórias da Psicologia Moderna*. Lisboa: Edições Portugália.
- DALERY, J; d'AMATO; T. (S/D). *A Esquizofrenia. Investigações Actuais e Perspectivas*. Lisboa: Climepsi.
- DAMÁSIO, A. (1994). *O Erro de Descartes*. Mem Martins: Europa-América.
- DAMÁSIO, A. (2000). *O Sentimento de Si*. Mem Martins: Europa-América.
- DAMÁSIO, A. (2003). *Ao Encontro de Espinoza*. Mem Martins: Europa-América.
- DANCHIN, A. (2000). *A Decifração Genética. O que o texto dos genomas revela*. Lisboa: Instituto Piaget.
- DEBRAY, Quentin. (S/D). *As Personalidades Patológicas*. Lisboa: Climepsi.
- DEBRAY-RITZEN, Pierre. (1993). *A Psicanálise essa Impostura*. Lisboa, Editorial Notícias, 1993.
- DELASSUS, Jean-Marie. (2002). *O Génio do Feto. Vida pré-natal e origem do homem*. Lisboa: Instituto Piaget.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (1985). *O Anti-Édipo, Capitalismo e Esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- DENTON, M. (2000). *A Evolução terá sentido*. Lisboa: Instituto Piaget.
- DIAS, Carlos Amaral. (1979). *O que se Mexe a Parar*. Porto: Afrontamento.
- DIAS, Carlos Amaral. (1983). *Espaço e Relação Terapêutica*. Coimbra: Coimbra Editora.

- DIAS, Carlos Amaral; NUNES VICENTE, Tereza. (1984). *A Depressão no Adolescente*. Porto: Afrontamento.
- DIAS, Carlos Amaral. (1986). *Motivação e Aprendizagem*. Porto: Contraponto.
- DIAS, Carlos Amaral. (1988). *Para um Psicanálise da Relação*. Porto: Afrontamento.
- DIAS, Carlos Amaral; Monteiro, João Sousa. (1989). *Eu já Posso Imaginar que Faço*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- DIAS, Carlos Amaral. (1991). *Ali-Babá, Dogra, Uma Neurose Diabólica do Século Vinte*. Lisboa: Escher.
- DIAS, Carlos Amaral. (1992). *Aventuras de Ali-Babá nos Túmulos de Ur*. Lisboa: Fenda.
- DIAS, Carlos Amaral. (1993). *Só Deus em Mim se Opõe a Deus*. Lisboa: Fenda.
- DIAS, Carlos Amaral. (1993). *Palcos do Imaginário*. Lisboa: Fenda.
- DIAS, Carlos Amaral. (1995). *(A) Re-Pensar*. Porto: Afrontamento.
- DIAS, Carlos Amaral. (1995). *Ascensão e Queda dos Toxicoterapeutas*. Lisboa: Fenda.
- DIAS, Carlos Amaral; Alves, Fernando. (1995). *Avenida de Ceuta n.º1*. Lisboa: Relógio de Água.
- DIAS, Carlos Amaral. (1997). *Tabela para uma Nebulosa*. Lisboa: Fim de Século.
- DIAS, Carlos Amaral; FLEMMING, Manuela. (1998). *A Psicanálise em Tempo de Mudança*. Porto: Afrontamento.
- DIAS, Carlos Amaral. (1999). *O negativo ou o retorno a Freud*. Lisboa: Fim de Século.
- DIAS, Carlos Amaral. (2000). *Volto Já*. Lisboa: Fim de Século.
- DIAS, Carlos Amaral. (2000). *Freud Para Além de Freud*. Lisboa: Fim de Século.
- DIAS, Carlos Amaral. (2000). *Costurando as Linhas da Psicopatologia Borderline (Estados-Limite)*. Lisboa, Climepsi.
- DIAS, Carlos Amaral. (2003). *Modelos de interpretação em Psicanálise*. Coimbra: Almedina.
- DIAS, Carlos Amaral. (2004). *Um Psicanalista no Expresso do Ocidente*. Lisboa: Expresso.
- DIAS, Carlos Amaral. (2005). *Freud para além de Freud*. Vol. II. Lisboa: Climepsi

Uma recolha bibliográfica

- DIAS, Carlos Amaral. (2005). *Terrorismo e Multiculturalismo*. Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga.
- DIAS, M; DURÁ, E. (S/D). *Territórios da Psicologia Oncológica*. Lisboa: Climepsi.
- DIATKINE, R. (1996). *A Criança no adulto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- DILTHEY, Wilhem. (2002). *Psicologia e Compreensão*. Lisboa: Edições 70.
- DINIS, João Seabra. (1993). *Este meu Filho que eu não tive, A Adopção e os seus Problemas*. Porto: Afrontamento.
- DOISE, W; MUGNY, G. (2002). *Psicologia Social e Desenvolvimento Humano*. Lisboa: Instituto Piaget.
- DOLTO, F. (1986) *Psicanálise de Crianças*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- DOLTO, Françoise. (1993). *No Jogo do Desejo*. Lisboa: Relógio D'Água.
- DOLTO, Françoise. (S/D). *Psicanálise e Pediatria*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- DORON, Roland. (1979). *Elementos de Psicanálise*. Lisboa: Estampa.
- DUBOIS, Daniel. (1994). *O Labirinto da Inteligência. Da inteligência Natural à inteligência fractal*. Lisboa: Instituto Piaget.
- DUCROCQ, A. (2000). *O Espírito e a Neurociência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ECCLES, J. (1995). *A Evolução do Cérebro. A Criação do Eu*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ECCLES, J. (2000). *Cérebro e Consciência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- EDELMAN, G. (1995). *Biologia da Consciência. As raízes do pensamento*. Lisboa: Instituto Piaget.
- EIGUER, Alberto. (2001). *Pequeno Tratado das Perversões Morais*. Lisboa: Climepsi.
- ESTANQUEIRO ROCHA, Acílio. (1988). *Problemática do Estruturalismo. Linguagem, Estrutura e Conhecimento*. Lisboa: INIC (tese de doutoramento da Universidade Paris I, Sorbonne);
- FADEM, Barbara; SIMRING, Steven. (S/D). *Auto-Avaliação em Psiquiatria*. Lisboa: Climepsi.
- FAUMAN, M. (S/D). *Guia de Estudo para o DSM-IV-TR*. Lisboa: Climepsi.
- FÁVERO, M. (S/D). *Sexualidade Infantil e Abusos Sexuais a Menores*. Lisboa: Climepsi.

- FERNANDES, Barahona. (1979). «Psiquiatria Social. Modelo Antropológico-Médico da Doença Mental». Porto: Acta Méd, 2:251., 1979.
- FIGUEIREDO, Eurico. (1973). *O Chapéu Reclame de Cigarros*. Porto: Afrontamento.
- FIGUEIREDO, Eurico. (1991). *Psicanálise da Saudade*. Lisboa: O Jornal.
- FLEMING, Manuela. (1993), *Adolescência e Autonomia, O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*, Porto: Afrontamento.
- FLEMING, Manuela. (2003). *Dor sem nome – pensar o sofrimento*. Porto: Afrontamento.
- FLORES, Teresa. (S/D). *Narcisismos e Feminilidade*. Lisboa: Climepsi.
- FONSECA, A. Fernandes. (1988). *Psiquiatria e Psicopatologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- FONSECA, A. Fernandes. (1990). *A Psicologia da Criatividade*, Lisboa: Escher.
- FONSECA, J. Simões. (1966). *Neuronal Models*. Lisboa: Centro de Estudos Egas Moniz, Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina.
- FONTAINE, Roger. (S/D). *Psicologia do Envelhecimento*. Lisboa: Climepsi.
- FRANCIS, R. (2004). *Ética para os Psicólogos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- FRANCES, Allen; ROSS, Ruth. (S/D). *Casos Clínicos: DSM-IV-TR – Guia para o Diagnóstico Diferencial*. Lisboa: Climepsi.
- FRANCIS, R. (2004). *Ética para Psicólogos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- FROMM, Erich. (1999). *Ter ou Ser*. Lisboa: Editorial Presença.
- FULLER, Peter. (1983). *Arte e Psicanálise*. Lisboa: Dom Quixote.
- GAMEIRO, José. (1992). *Voando sobre a Psiquiatria, Análise Epistemológica da Psiquiatria Contemporânea*. Porto: Afrontamento.
- GAMEIRO, Aires. (1993). *Pastoral e Ética em Psiquiatria*. Lisboa: Editorial Hospitalidade.
- GARRABÉ, Jean. (S/D). *História da Esquizofrenia*. Lisboa: Climepsi.
- GAZZANIGA, M. (1995). *O Cérebro Social*. Lisboa: Piaget.
- GAZZANIGA, M. (1996). *O Espírito Natural. As raízes biológicas do pensamento, das Emoções, da Sexualidade, da Linguagem e da Inteligência*.
- GAZZANIGA, M. (2000). *O Passado da Mente*. Lisboa: Instituto Piaget.

Uma recolha bibliográfica

- GIBELLO, Bernard. (S/D). *A Criança com Perturbações de Inteligência*. Lisboa: Climepsi.
- GIBELLO, Bernard. (1999). *O Pensamento Incontido*. Lisboa: Climepsi.
- GILLIÉRON, Edmond. (S/D). *Manual de Psicoterapias Breves*. Lisboa: Climepsi.
- GILLIÉRON, Edmond. (2001), *A Primeira Entrevista em Psicoterapia*. Lisboa: Climepsi.
- GODINHO, António; FERREIRA, Amorim; FERNANDES, Barahona, POLÓNIO, Pedro. (1980). *Projecção Social da Saúde Mental*. Lisboa. Faculdade de Medicina, Aula Máxima, II Sessão Plenária.
- GOLDBERG, D; HUXLEY, Peter. (S/D). *Perturbações Mentais Comuns*. Lisboa: Climepsi.
- GOLSE, Bernard. (2001). *Insistir-Existir, do Ser à Pessoa*. Lisboa: Climepsi.
- GOMEZ, L. (S/D). *Uma Introdução às Relações de Objecto*. Lisboa: Climepsi.
- GONÇALVES, Luisa; RODRIGUES, Victor Amorim. (1997), *A Banha da Cobra? Ensaio sobre a Prática Psiquiátrica Contemporânea*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- GONÇALVES, Óscar. (1993). *Terapias Cognitivas: Teorias e Práticas*, Porto: Afrontamento.
- GONÇALVES, Óscar. (1999). *Introdução às Psicoterapias Comportamentais*. Coimbra: Quarteto.
- GLASERSFELD, Ernst. (1996). *Construtivismo Radical*. Lisboa: Instituto Piaget.
- GLEITMAN, Henry. (1993). *Psicologia*. Lisboa: Gulbenkian.
- GOLSE, Bernard. (S/D). *Do Corpo ao Pensamento*. Lisboa: Climepsi.
- GOUVEIA, José; CARVALHO, Serafim; FONSECA, Lígia. (S/D). *Pânico – Da Compreensão ao Tratamento*. Lisboa: Climepsi.
- GRAZIANI, P. (S/D). *Ansiedade e Perturbações da Ansiedade*. Lisboa: Climepsi.
- GREEN, André. (S/D). *As cadeias de Eros*. Lisboa: Climepsi.
- GREEN, André. (2000). *As cadeias de Eros, Actualidade do sexual*. Lisboa: Climepsi.
- GREENBERG, Jay; MITCHELL, Stephen. (S/D). *Relação de Objecto na Teoria Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi.

- GRINBERG, León; GRINBERG, R. (1998). *Identidade e Mudança*. Lisboa: Climepsi.
- GRINBERG, León. (2000). *Culpa e Depressão*, Lisboa: Climepsi.
- GRINBERG, León. (2001). *Migração e Exílio-Estudo Psicanalítico*. Lisboa: Climepsi.
- GRINBERG, León. (1999). *Teoria da Identificação*. Lisboa: Climepsi.
- GROTSTEIN, James. (1999). *O Buraco Negro*. Lisboa: Climepsi.
- GUEDENEY, Nicole; GUEDENEY, Antoine. (S/D). *Vinculação*. Lisboa: Climepsi.
- GUÉGUEN, N. (S/D). *Manual de Estatística para os Psicólogos*. Lisboa: Climepsi.
- GUENICHE, K. (S/D). *Psicopatologia Descritiva e Interpretativa da Criança*. Lisboa: Climepsi.
- GUERRA, Marina Prista. (1998). *SIDA, Implicações Psicológicas*, Lisboa: Fim de Século.
- GUIBELLO, B. (1999). *O Pensamento Incontido*. Lisboa: Climepsi.
- GUIBELLO, B. (S/D). *A Criança com Perturbações Alimentares*. Lisboa: Climepsi.
- GUICHARD, J; HUTEAU, M. (2002). *Psicologia da Orientação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- GUILLEVIC, C; VAUTIER, S. (S/D). *Diagnóstico e Testes Psicológicos*. Lisboa: Climepsi.
- GUILLIÉRON, Edmond. (S/D). *Manual de Psicoterapias Breves*. Lisboa: Climepsi.
- GUIMARÃES LOPES, R. (1993). *Clínica Psicopedagógica*. Porto: HCF.
- GUIMARÃES LOPES, R; MOTA, V.; SANTOS, C. A. (1996). *Escolha de Si Próprio*. Porto: HCF.
- GUIMÓN, J. (S/D). *Introdução às Terapias de Grupo*. Lisboa: Climepsi.
- HABIB, Michel. (S/D). *Bases Neurológicas dos Comportamentos*. Lisboa: Climepsi.
- HALLSTROM, Cosmo; MCCLURE, Nicola. (2000). *Ansiedade e Depressão*. Lisboa: Climepsi.
- HANSENNE, Michel. (S/D). *Psicologia da Personalidade*. Lisboa: Climepsi.
- HARRISON, P; GEDDES, J; SHARPE, M. (S/D). *Introdução à Psiquiatria*. Lisboa: Climepsi.

Uma recolha bibliográfica

- HOBSON, J.A. (1996). *O Cérebro Sonhador*. Lisboa: Piaget.
- IMBASCIATI, A. (S/D). *Nascimento e Construção da Mente*. Lisboa: Climepsi.
- INHELDER, B; CELLÉRIER, G. (1996). *O Percurso das Descobertas da Criança*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ISRAEL, L. (1998). *Cérebro Direito, Cérebro Esquerdo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- JÁUREGUI, J.A. (2001). *Cérebro e Emoções*. Lisboa: Dinalivro.
- JEANNEROD, M. (2000). *Sobre a fisiologia mental*. Lisboa: Instituto Piaget.
- JEANNEROD, M (2004). *A Natureza da Mente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- JENKINS, Rachel; NEWTON, Jennifer; YOUNG, Robyn. (S/D). *A Prevenção da Depressão e da Ansiedade*. Lisboa: Climepsi.
- JONES, Ernest. (1977). *Que é a Psicanálise?* Lisboa: D. Quixote.
- JOUVET, M. (1995). *O Sono e o Sonho*. Lisboa: Instituto Piaget.
- JOUVET, M, (2001). *Porque Sonhamos? Porque Dormimos?* Lisboa: Instituto Piaget.
- JUNG, Carl. (1975). *Homem à Descoberta da sua Alma*. Porto: Tavares Martins.
- KAES, René. (S/D). *As Teorias Psicanalíticas do Grupo*. Lisboa: Climepsi.
- KIERKEGAARD, S. (1962). *O Desespero Humano*. Porto: Edições Tavares Martins.
- KIERKEGAARD, S. (1962). *O Conceito de Angústia*. Lisboa: Edições Presença.
- KRAEPLIN, Emil. (S/D). *A Demência Precoce – 1ª Parte*. Lisboa: Climepsi.
- KRAEPLIN, Emil. (S/D). *A Demência Precoce e Parafrenias – 2ª Parte*. Lisboa: Climepsi.
- KRISTEVA, J. (S/D). *História da Linguagem*. Lisboa: Edições 70.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. (1990). *Vocabulário da Psicanálise*, Lisboa: Presença.
- LAUFER, Moses. (2000). *O Adolescente Suicida*. Lisboa: Climepsi.
- LAVIE, Peretz. (S/D). *O Mundo Encantado do Sono*. Lisboa: Climepsi.
- LEAL, Isabel. (1999). *Entrevista Clínica e Psicoterapia de Apoio*, Lisboa: ISPA.
- LEAL, Maria Rita Mendes. (2003), *A Psicoterapia como Aprendizagem*, Lisboa: Fim de Século.
- LEAL, Isabel (Org). (2005), *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade*. Lisboa: Fim de Século.

- LECLAIRE, Serge. (1977). *Desmascarar o real*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- LEVAY, Simon. (1999). *Sexualidade e Cérebro*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LOURENÇO, Eduardo. (1982). *O Labirinto da Saudade, Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- LOW, B. (2002). *Sexo e Comportamento Humano*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LUZES, Pedro. (1977). *Cem anos de Psicanálise*. Lisboa: ISPA.
- LUZES, Pedro. (2001). *Sob o Manto Diáfano do Realismo*. Lisboa: Fim de Século.
- LUZES, Pedro. (2004). *Da Emoção ao Pensamento*. Lisboa: Fenda.
- MACEDO, Maria. (1997). *O Problema da Novidade Cognitiva na Epistemologia de Jean Piaget*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MACLNTYRE, Alasdair. (1979). *O Inconsciente. Uma análise conceptual*, Lisboa: Presença.
- MACKAY, W. (1999). *Neurofisiologia sem lágrimas*. Lisboa: Gulbenkian
- MALPIQUE, Celeste. (1990). *A Ausência do Pai*. Porto: Afrontamento.
- MALPIQUE, Celeste. (1977). *Pais/Filhos em Consulta Psicoterapêutica*. Porto: Afrontamento.
- MALPIQUE, Celeste. (2000). *O Fantástico Mundo de Alice*. Lisboa: Climepsi.
- MANCIA, Mauro. (1991). *O Sonho como Religião da Mente*. Lisboa: Escher-
- MANCIA, Mauro. (1990). *No Olhar de Narciso*. Lisboa: Escher.
- MANNONI, Maud. (1978). *O Psiquiatra, o seu "Louco" e a Psicanálise*. Porto: Afrontamento.
- MANNONI, Octave. (1990). *Freud. Introdução à psicanálise*. Mem-Martins: Europa-América.
- MARCELLI, D. (S/D). *Infância e Psicopatologia*. Lisboa: Climepsi.
- MARCELLI, D. (S/D). *Os Estados Depressivos na Adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- MARCELLI, D; BRACONNIER, A. (S/D). *Adolescência e Psicopatologia*. Lisboa: Climepsi.
- MARQUES, Maria Emilia. (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- MARTINHO, José. (1977). *A minha Psicanálise*. Lisboa: Fim de Século.

Uma recolha bibliográfica

- MARTINHO, José. (1999). *Ditos, conferências psicanalíticas*. Lisboa: Fim de Século.
- MARTINHO, José. (2003). *Ditos II, conferências psicanalíticas*. Lisboa: Fim de Século.
- MARTINHO, José. (2005). *Ditos III, conferências psicanalíticas*. Lisboa: Fim de Século.
- MARTINHO, José. (2001). *Freud & Co*. Coimbra: Almedina.
- MARTINHO, José. (1999). *Gozo*. Lisboa: Fim de Século.
- MARTINHO, José. (1990). *O que é um pai?* Lisboa: Assírio & Alvim.
- MARTINHO, José. (2001). *Pessoa e a Psicanálise*. Coimbra: Almedina.
- MARTINHO, José Organização e Prefácio. (1986). *Joyce, o Sintoma*. Coimbra: Escher, 1986.
- MARTINHO, José. (1989). Organização e Prefácio de: *Lacan: Shakespeare, Duras, Wedekind, Joyce*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- MARTINHO, José. (1991). Organização e Posfácio de Freud: *Esquecimento e Fantasma*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- MARTINHO, José. (2003). Organização e Prefácio de: *Facetas da Psicanálise*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- MARTINHO, José. (2004). *Persona, Uma introdução às teorias da personalidade*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- MARTINHO, José. (1988). «À Vitória pela Derrota» in *Análise Psicológica*. Lisboa: ISPA.
- MARTINHO, José. (1988). Em Nome de Nada, Falo n.º 1, Bahia: Fator.
- MARTINHO, José. (1988). «Psicanálise e Pós-Modernismo» in *Revista de Comunicação e Linguagem* n.º 6/7. Lisboa: UNL.
- MARTINHO, José. (1999). «A Santa Phala» in *A Phala*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- MARTINHO, José. (1990). «Um Pai sempre Incerto» in *A Phala*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- MARTINHO, José. (1992). «O Falo, a Falta e a Fala» in *Revista da Sociedade Portuguesa de Psicanálise* n.º 10. Porto: Afrontamento.
- MARTINHO, José. (1993). «Um Confronto com a Sua Verdade» in *Circulação Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago.

- MARTINHO, José. (1993). «Sintoma e Criação» in *Actas do 1º Encontro de Psiquiatria do Hospital do Lorrvão*. Coimbra: HL.
- MARTINHO, José. (1993). «Odor di femina» in *Vértice* n.º 56. Lisboa.
- MARTINHO, José. (1994). «Psicanálise e Surrealismo: O mal-entendido» in *Catálogo da exposição «As tentações de Bosch ou o Eterno Retorno*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga.
- MARTINHO, José. (1994). «A Mulher De Luto/ The Woman in Mourning» in *Catálogo da Exposição «Do Sublime»*. Lisboa: Museu do Chiado.
- MARTINHO, José. (1995). «O Estado das Coisas» in *Vértice* n.º 69. Lisboa.
- MARTINHO, José. (1996). «Como não Perder o Norte da Descoberta de Freud» in *Actas das 1º as Jornadas do CEP*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- MATOS, António Coimbra. (2001). *A Depressão*. Lisboa: Climepsi.
- MATOS, António Coimbra. (2002). *O Desespero*. Lisboa: Climepsi.
- MATOS, António Coimbra. (2005). *Adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- MATOS, António Coimbra. (2002). *Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi.
- MATOS, António Coimbra. (2003). *Mais Amor Menos Doença*. Lisboa: Climepsi.
- MATOS, António Coimbra. (2004). *Saúde Mental*. Lisboa: Climepsi.
- MATOS, Manuel. (S/D). *Adolescência, Representação e Psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- MATOS, Manuel; BRAGANÇA, Miguel; SOUSA, Rui. (S/D). *Esquizofrenia de A a Z*. Lisboa: Climepsi.
- MCWILLIAMS, N. (S/D). *Diagnóstico Psicanalítico*. Lisboa: Climepsi.
- MCWILLIAMS, N. (S/D). *Formulação Psicanalítica de Casos*. Lisboa: Climepsi.
- MÉNÉCHAL, J. (S/D). *Introdução à Psicopatologia*. Lisboa: Climepsi.
- MEHLER, J; DUPOUX, E. (1994). *Nascer Humano*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MIALARET, G. (2001). *Psicologia da Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MIERMONT, Jacques. (1996). *Ecologia das Relações Afectivas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MIJOLLA, Alain de; MIJOLLA-MELLOR, Sophie. (2002). *Psicanálise*. Lisboa: Climepsi.

Uma recolha bibliográfica

- MILHEIRO, Jaime. (2000). *Loucos são os Outros*, Lisboa: Fim de Século.
- MILHEIRO, Jaime. (2001). *Sexualidade e Psicossomática*, Coimbra: Almedina.
- MILHEIRO, Jaime. (2003). *Adão e Eva no Deserto, um olhar psicanalítico*, Lisboa: Climepsi.
- MONDIMOR, Francis. (2001). *Perturbação Bipolar*, Lisboa: Climepsi.
- MONTAGNER, Hubert. (1993). *A Vinculação – A Aurora da Ternura*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MONTAGNER, Hubert. (1996). *A Criança Actor do seu Desenvolvimento*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MONTGOMERY, Stuart. (2000). *Ansiedade e Depressão*. Lisboa: Climepsi.
- NAVA, Ana. (S/D). *O Cérebro Apanhado em Flagrante*. Lisboa: Climepsi.
- NAVELET, C; GUÉRIN-CARNELLE, B. (2002). *Os Psicólogos nas Instituições*. Lisboa: Instituto Piaget.
- NINIO, Jacques. (1994). *A impregnação dos sentidos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- OATLEY, E; JENKINS. J. (2002). *Compreender as Emoções*. Lisboa: Instituto Piaget.
- OBLER, L; GJERLOW, K. (2002). *A Linguagem e o Cérebro*. Lisboa: Instituto Piaget.
- OGDEN, Jane. (2000). *Psicologia da Saúde*. Lisboa: Climespsi.
- OLIVEIRA, J. (2002). *Freud e Piaget*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ORNELAS, J (Ed). (2000). *Participação dos Cidadãos e Acção Comunitária. Estratégias de Intervenção, Investigação e Empowerment*. Lisboa: ISPA.
- OTTAVI, D. (2004). *De Darwin a Piaget*. Lisboa: Instituto Piaget.
- OZONOFF, Sally; ROGERS, Sally; HENDREN, Robert. (S/D). *Perturbações do Espectro do Autismo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- PACHECO, José; GAMITO, Luís. (1993). *O Sexo é de Todas as Idades*, Lisboa: Caminho.
- PAIS RIBEIRO, José Luís. (1999). *Investigação e Avaliação em Psicologia e Saúde*. Lisboa: Climepsi.
- PAIS RIBEIRO, José Luís. (2001). *Investigação e Avaliação em Psicologia*. Lisboa: Climepsi.
- PARKES, Collin; LAUNGANI, Pittu; YOUNG Bill. (S/D). *Morte e Luto através das Culturas*. Lisboa: Climepsi.

- PAÚL, Constança; FONSECA, António. (S/D). *Psicossociologia da Saúde*. Lisboa: Climepsi.
- PAÚL, Constança; MARTIN, Ignácio; ROSEIRA, Luís. (1998). *Comunidade e Saúde*. Porto: Afrontamento.
- PEDINIELLI, Jean-Louis; BERTAGNE, Pascale. (S/D). *As Neuroses*. Lisboa: Climepsi.
- PEDINIELLI, Jean-Louis. (1994). *Introdução à Psicologia Clínica*. Lisboa: Climepsi.
- PÉLECIER, Yves. (1992). *Os Caminhos da Psiquiatria*, Lisboa: Escher.
- PEREIRA, F. (1995). *Dinâmicas da Subjectividade*, Lisboa: ISPA.
- PEREIRA, F. (1999). *Sonhar ainda*. Lisboa: ISPA.
- PEREIRA, Maria; MONTEIRO-FERREIRA, João (Coordenadores). (S/D). *Stress Traumático*. Lisboa: Climepsi.
- PEREIRINHA, F. (2005). *Psicanálise & Arredores*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas
- PERRON, Roger. (1998). *História da Psicanálise*. Lisboa: RésEditora.
- PERROT, E; ROZMUSKI-DREYFUSS, C; STAUFFACHER, M. (S/D). *A Supervisão da Psicoterapia*. Lisboa: Climepsi.
- PENEDA, João. (2005). Os Paradoxos da Sintoma e da Sublimação, Contributo da Teoria Psicanalítica de Freud e Lacan para a Estética. *Lisboa: tese de doutoramento em ciências da arte/estética da Faculdade das Belas-Artes da Universidade de Lisboa*.
- PIAGET, Jean. (1964). *Seis Estudos de Psicologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- PIAGET Jean; CHOMSKY N. (1987). *Teorias da Linguagem, Teorias da Aprendizagem*. Lisboa: Ed.70.
- PIAGET, Jean; GARCIA R. (1987). *Psicogénese e História das Ciências*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- PIAGET, Jean; INHERDER, Bärbel. (1992). *A Psicologia da Criança*. Lisboa: Edições Asa.
- PIERSON, Marie-Louise. (2002). *A Inteligência Relacional*. Lisboa: Instituto Piaget.

Uma recolha bibliográfica

- PINHEIRO, C. (S/D). *Criações sobre Leonardo da Vinci. Arte e Psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- POCINHO, Margarida. (2000). *A Música na Relação Mãe-Bebé*. Lisboa: Instituto Piaget.
- PRACANA, Clara. (2001). *O Líder Sedutor*, Lisboa: Climepsi.
- PRIEUR, Bernard. (1999). *As Heranças Familiares*, Lisboa: Climepsi.
- PROCHIANTZ, A. (1991). *A Construção do Cérebro*. Lisboa: Terramar.
- PROCHIANTZ, A. (2002). *As Anatomias do Pensamento. Em que pensam as lulas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- PSICÓLOGOS, Associação Nacional. (S/D). *A Psicologia na Viragem do Século*. Lisboa: Climepsi.
- PUZZLES, Mensa. (1999). *Teste o seu Q.I.* Lisboa: Replicação.
- RAULIN-CERCEAU. (2004). *Na Senda dos Seres Vivos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ROBERT, J. (1997). *A Aventura dos Neurónios*. Lisboa: Instituto Piaget.
- REICH, Wilhelm. (1972), *O Combate Sexual da Juventude*, Lisboa: Dinalivro.
- REICH, W. (1978). *Psicologia de Massas do Fascismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- REICH, Wilhelm. (1979). *Análise do Carácter*. Lisboa: Dom Quixote.
- REINBERG, A. (2000). *O Tempo Humano e os Ritmos Biológicos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- RELVAS, Ana Paula. (1999). *Conversas com Famílias*, Porto: Afrontamento.
- REVARDEL, Jean-Louis. (1996). *Biologia e Evolução. Constância e fantasia da vida*. Lisboa: Instituto Piaget.
- RIBEIRO, José Luís. (S/D). *Investigação e Avaliação em Psicologia e Saúde*. Lisboa: Climepsi.
- RIBEIRO, Luís Sousa. (1994). *Antigos e Novos Ensaios de Gnoseologia[?] Predatória*, Lisboa: Fenda.
- RICHARD, M. (2001). *As Correntes da Psicologia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- RICHARDSON, K. (1998). *Compreender a Inteligência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ROBERT, Jacques-Michel (1997). *A Aventura dos Neurónios*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ROBERT, Marthe. (1968). *A Revolução Psicanalítica*. Lisboa: Moraes Editores.

- RODENFIELD, L. (2001). *A Megalomania de Freud*. Mem-Martins: Europa-América.
- ROGERS, C. (1974). *Psicoterapia e Consulta Psicológica*. Lisboa: Edições Moraes.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. (2000). *Dicionário de Psicanálise*, Lisboa: Editorial Inquérito.
- ROUSSET, Jean, (e alli). (1988). *O Mito de D. Juan*. Lisboa: Veja.
- SAMPAIO, Daniel; GAMEIRO, José. (1992). *Terapia Familiar*. Porto: Afrontamento.
- SÁ, Eduardo. (1988). *Intima Idade*. Lisboa: Escher.
- SÁ, Eduardo (Org). (1997). *A Maternidade e o Bebê*. Lisboa: Fim de Século.
- SÁ, Eduardo. (1995). *Más Maneiras de Sermos Bons Pais*. Lisboa: Fim de Século.
- SÁ, Eduardo. (2001). *Psicologia do Feto e do Bebê*. Lisboa: Fim de Século.
- SÁ, Eduardo. (2002). *Adolescentes Somos Nós*. Lisboa: Fim de Século.
- SÁ, Eduardo. (2002). *Patologia Borderline e Psicose na Clínica Infantil*. Lisboa: ISPA.
- SÁ, Filipe. (2002). *Psicoterapia Analítica de Grupo com Crianças*. Lisboa: Climepsi.
- SANTOS, João dos. (1983). *A Neurose de Angústia*. Mem-Martins: Europa-América.
- SANTOS, João dos. (1988). *Se Não Sabe Porque é que Pergunta*, Conversas com João Sousa Monteiro. Lisboa: Assírio & Alvim.
- SANTOS, João dos. (1990). *Eu Agora Quero-me ir Embora*, Conversas com João Sousa Monteiro. Lisboa: Assírio & Alvim.
- SALOMÉ, Lou. (1990). *Eros*. Lisboa: Relógio D'Água.
- SALGUEIRO, Emilio. (1996). *Crianças Irrequietas*. Lisboa: ISPA.
- SAMI-ALI. (1987). *Pensar o Somático*. Lisboa: ISPA.
- SCHARFETTER, C. (S/D). *Introdução à Psicopatologia Geral*. Lisboa: Climepsi.
- SEARLE, J. (1998). *A Redescoberta da mente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SHAFFER, H. (2000). *Desenvolvimento Social da Criança*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SHAPIRO, E. (S/D). *O Mundo Interno no Mundo Externo*. Lisboa: Climepsi.

Uma recolha bibliográfica

- SHENTOUB, Vica. (2001). *Manual de Utilização do TAT*. Lisboa: Climepsi.
- SHORTER, Edward. (2001). *Uma História da Psiquiatria*. Lisboa: Climepsi.
- SIEGEL, D. (2004). *A Mente em Desenvolvimento*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SIEWERT, Charles. (2004). *O Significado da Consciência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SLATER, A; MUIR, D. (2004). *A Psicologia do Desenvolvimento*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SKINNER, Quentin. (1992). *As Ciências Humanas e os seus Grandes Pensadores*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- SMITH, Frank. (1994). *Pensar*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SOEIRO, Alfredi Correia. (1991). *Psicodrama e Psicoterapia*. Lisboa: Escher.
- SOUSA E BRITO, Maria João. (2001). *Quem não arrisca não Petisca, uma Interpretação Psicanalítica da Anorexia Nervosa*. Coimbra: Almedina.
- STONE, F.H.; KOUPERNIK, C. (1995). *Introdução à Psiquiatria Infantil*. Lisboa: Compendium.
- STRONGMAN, K. (S/D). *A psicologia da Emoção*. Lisboa: Climepsi.
- SUTHERLAND, Peter. (1996). *O Desenvolvimento Cognitivo Actual*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SYMINGTON, Neville. (1999). *A Experiência Analítica*. Lisboa: Climepsi.
- SYMINGTON, Joan; SYGMINGTON, Neville. (S/D). *O Pensamento Clínico de Wilfred Bion*. Lisboa: Climepsi.
- TEIXEIRA, José A. Carvalho. (1993). *Psicologia da Saúde e Sida*. Lisboa: ISPA.
- TIJUS, C. (S/D). *Introdução à Psicologia Cognitiva*. Lisboa: Climepsi.
- TODOROV, T. (1979). *Teorias do Símbolo*. Lisboa: Edições 70.
- TRAUBENBERG, Nina; BOIZOU, Marie-France. (S/D). *O Rorschach na Clínica Infantil*. Lisboa: Climepsi.
- TRZEPACZ, Paula; BAKER, Robert. (S/D). *Exame Psiquiátrico do Estado Mental*. Lisboa: Climepsi.
- TRINDADE, Isabel; TEIXEIRA, José. (S/D). *Psicologia nos Cuidados de Saúde Primários*. Lisboa: Climepsi.
- TURNER, J. (2003). *As Origens das Emoções*. Lisboa: Instituto Piaget.
- VAYER, P; RONCIN, Charles. (1994) *Psicologia Actual e Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Instituto Piaget.

- VARELA, F. (1994). *Conhecer as Ciências Cognitivas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- VARELA, F; THOMPSON, E; ROSCH, E. (2000). *A Mente Corpórea*. Lisboa: Instituto Piaget.
- VIEIRA, Bracinha. *Psiquiatria e Etologia. Para um Modelo Bio-Comportamental de Psicopatologia* (Dissertação de Doutoramento). Lisboa.
- VICENTE, L; ROSA, C; QUINTAS, S. (1984). *Psicose, Adolescência e Família*. Lisboa: CXV.
- WEBSTER, Richard. (2002). *Freud estava errado. Porquê? – Pecado, Ciência e Psicanálise*. Porto: Campo das Letras.
- WELLS, Adrian. (S/D). *Perturbações Emocionais e Metacognição*. Lisboa: Climepsi.
- WELLS, Adrian; MATTHEWS, Gerald. (S/D). *Atenção e Emoção*. Lisboa: Climepsi.
- WIDLÖCHER, Daniel. (2001). *As Lógicas da Depressão*. Lisboa: Climepsi.
- WILKINSON, Greg; MOORE, Bruce; MOORE, Pascale. (S/D). *Tratar a Depressão*. Lisboa: Climepsi.
- WILLIAMS, J; WATTES, F; MACLEOD, C; MATHEWS, A. (S/D). *Psicologia Cognitiva e Perturbações Emocionais*. Lisboa: Climepsi.
- WOLPERT, Lewis. (2000). *Psicologia da Depressão*. Lisboa: Editorial Presença.

RECENSÕES

Filipe Pereirinha⁶

Cem Anos de Psicanálise, de Pedro Luzes⁷

Pedro Luzes é um nome eminente e que faz parte integrante da história da psicanálise em Portugal. Tendo estabelecido residência na Suíça, nos anos 50, acabaria por ser um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de psicanálise e introdutor, em Portugal, da orientação kleiniana. Após o congresso de psicanalistas de língua românica de Lisboa, ocorrido em 1968, os analistas de orientação kleiniana tornaram-se também bionianos, coexistindo actualmente as várias tendências: freudiana, kleiniana, bioniana. Lacan poderia ser o nome seguinte da série, se, por uma razão ou outra, até agora, não tivesse sido continuamente relegado para fora...da série.

Fazendo parte da história da psicanálise que começou a escrever-se em Portugal após os anos 50, é natural que Pedro Luzes se tivesse interessado em escrever a sua própria versão da história, fazendo-se acompanhar, para isso, de um conjunto de nomes ilustres que, de forma mais ou menos indirecta, tiveram algo a ver com essa história. O resultado é o que pode ler-se em *Cem anos de Psicanálise*: uma antologia de textos sobre psicanálise, com interesse não só para a história do seu desenvolvimento entre nós, como para a história da cultura em Portugal, no que esta foi tocada, de um modo ou de outro, pela invenção freudiana.

A história que aqui se escreve tem, no Abade Faria (José Custódio de Faria), um antecedente “pré-histórico”. Ele é, no dizer de Pedro Luzes, um precursor da psicanálise, na medida em que esta, nos seus primórdios, esteve ligada à hipnose. O nosso compatriota (1776 - 1819), nascido em Goa e tendo-se tornado mais tarde, em Paris, discípulo dos “magnetizadores” (como então se chamavam), foi o verdadeiro iniciador da teoria sugestiva ou

⁶ Antena do Campo Freudiano.

⁷ LUZES, P. (2002). *Cem anos de Psicanálise*. 2ª edição. Lisboa: ISPA

psicológica do hipnotismo ou «sono lúcido» (segundo a expressão ele usava para designar o fenómeno), tendo sido depois reconhecido por Liébault e Bernheim ou até por escritores como Alexandre Dumas. Do ponto de vista técnico, ele é bastante avançado, tendo sido o primeiro a servir-se de técnicas verbais com vista ao adormecimento.

Mais perto de nós, mas ainda dentro do período que Pedro Luzes designa como a «pré-história» do desenvolvimento da psicanálise em Portugal, há sobretudo dois nomes a reter: Egas Moniz, futuro prémio Nobel da medicina, e Sobral Cid, professor de psiquiatria que, em meados dos anos 20, começa a interessar-se e a publicar trabalhos de incidência analítica, como *A Vida Psíquica dos Esquizofrénicos* (1924), onde sublinha a proximidade dos seus pontos de vista relativamente a Bleuler e Freud.

O caso de Egas Moniz é duplamente interessante: não só porque ele foi quem primeiro falou de Freud no nosso país, por exemplo na lição inaugural do Curso de Neurologia intitulada *As bases da psicanálise* (1915), como chegou mesmo a aplicar o método psicanalítico em dois casos clínicos, utilizando para isso o divã e fazendo uso da associação livre e da análise de sonhos (*O Conflito sexual*: 1921), e ainda “aplicou” a psicanálise a dois casos da literatura: Júlio Dinis (1924) e Camilo (1925).

Que a psicanálise se tenha interessado pela literatura (tal como por outros fenómenos culturais) ou que a literatura se tenha sentido atraída pela psicanálise, se bem que as suas relações nem sempre fossem pacíficas, não é novidade. Em Portugal, a par de Fernando Pessoa, que nutria uma certa ambiguidade para com Freud e a psicanálise, e Gaspar Simões, que se envolveu com o primeiro numa controvérsia para determinar se a psicanálise era ou não adequada para abordar *o Mistério da Poesia* (título de um livro seu), há que acrescentar, tal como faz Pedro Luzes, pelo menos mais um nome: David Mourão Ferreira. Sendo, em conjunto, autores de grande visibilidade sócio-cultural, eles constituem um índice da aceitação ou importância da psicanálise entre nós.

Mas só após os anos 50, através de um conjunto de iniciativas, acontecimentos e nomes, de que fazem parte Francisco Alvim e o próprio Pedro Luzes, João dos Santos, António Coimbra de Matos, Jaime Milheiro, Carlos Amaral Dias, entre outros, é que a psicanálise entrou progressivamente na sua «história». Resta perguntar se ainda é possível falar de uma história única quando outras orientações (como a lacaniana,

Recensões

por exemplo) começaram a desenhar-se, desde há alguns anos, ainda que de forma ténue, no panorama da psicanálise em Portugal (de que José Martinho, presidente da Antena do Campo Freudiano, ou Maria Belo, do Centro Português de Psicanálise, são um exemplo). Resta esperar que estas orientações possam, apesar de tudo, dialogar.

O Amor Místico, de Sílvio Lima

Noção e valor da experiência religiosa⁸

Nos *Cem anos de psicanálise* (cf. Pedro Luzes, ISPA, 2ª Edição, 2002.), livro apesar de tudo bastante completo, há pelo menos um nome em falta: Sílvio Lima. Com efeito, se considerarmos os diversos *usos* da psicanálise, não apenas na sua dimensão terapêutica, “dentro de muros”, por assim dizer, mas também “extra-muros”, no que é tradicionalmente designado, não sem algum equívoco e falta de clareza, como “psicanálise aplicada”, o nome de Sílvio Lima apresenta-se como incontornável. Na verdade, ele é um dos pioneiros, em Portugal, a par de Fernando Pessoa ou de João Gaspar Simões (Cf. Pedro Luzes, op. cit., pp. 197-216; José Martinho, *Pessoa e a Psicanálise*, Almedina, 2001, pp. 11- 29), na “aplicação” – ou na crítica de uma tal aplicação – da psicanálise a outros fenómenos que não o sintoma (neurótico ou psicótico).

Com a intenção de se candidatar a professor auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Sílvio Lima elabora, ao longo de seis anos de trabalho, uma dissertação para o concurso subordinada ao tema: *O Amor Místico – Noção e valor da experiência religiosa*. Nesta obra, único volume publicado de três inicialmente previstos, o autor interroga-se sobre a natureza do fenómeno religioso em geral e, mais particularmente, sobre uma das suas manifestações: o “amor místico”. Na medida em que Deus, o Verbo, é amor – como se diz nos textos sagrados – poder-se-á identificar ou reduzir o amor religioso ao amor sexual, como pensam alguns? Eis o problema a que esta investigação pretende dar resposta.

As diversas perspectivas sobre o assunto são, ao longo da obra, reduzidas fundamentalmente a duas tendências interpretativas do fenómeno místico-religioso: uma que tende a “sexualizá-lo” (apresentada sob o nome

⁸ LIMA, S. (2002). *Obras Completas de Sílvio Lima*. Volume I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

genérico de “teoria erotogénica do misticismo”), outra a “dessexualizá-lo”. Freud e a psicanálise são convocados como fazendo parte da primeira tendência. Derivará o amor religioso do amor sexual por “recalcamento”, “transferência” ou “sublimação”, ou, pelo contrário, terão ambos os fenómenos raízes diferentes? Sílvia Lima acabará por responder cabalmente, no que é a tese nuclear da obra, que “o fenómeno religioso não se reduz ao fenómeno sexual” (op. cit., p. 905).

Daqui se segue uma crítica da “teoria” freudiana, não porque esta seja desprovida de fecundidade em certos aspectos, mas antes pelo seu carácter pretensamente redutor do fenómeno em estudo, bem como do seu exagero interpretativo sobre o mesmo. A posição de Sílvia Lima sobre Freud e a psicanálise é, neste aspecto, ambígua (fazendo lembrar, por exemplo, as posições de Fernando Pessoa ou Wittgenstein): ao mesmo tempo que critica os seus “exageros” ou o carácter monolítico das suas interpretações, perante uma realidade viva e complexa que não se deixa reduzir facilmente a fórmulas únicas e gerais, pensa igualmente que ela pode lançar novas e inesperadas luzes sobre alguns aspectos do fenómeno em questão. Aliás, como ele próprio diz, “uma coisa é Freud, outra, o freudismo” (p. 722), querendo com isso sublinhar que os “exageros interpretativos” se devem mais aos seus seguidores do que ao mestre de Viena, ele próprio.

Contra esta tendência de encerrar todo o processo numa “fórmula geral única” (pansexualismo) – mesmo se temos a sensação de que Sílvia Lima não se libertou por completo da associação vulgar, pré-freudiana, entre sexualidade e genitalidade –, o autor propõe que nem todo o fenómeno religioso, e místico em particular, é sexual, sendo este apenas “um pequeno distrito no vasto império do sensual” (p. 745), e, da mesma forma, “se todo o prazer sexual é prazer, nem todo o prazer é prazer sexual.” (p. 581).

Não deixa de ser interessante que, algumas décadas mais tarde (no início dos anos setenta) Lacan, interessando-se pelo fenómeno místico de uma forma bem diversa da de Freud, venha dizer igualmente, embora segundo os seus próprios termos, que o gozo (místico) não é todo sexual (cf. *Séminaire Encore*, 1972-1973). Eis o que dá, retroactivamente, um novo interesse a esta obra dos primórdios do século passado.

Dicionário de Psicanálise, de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon⁹

A presença ou ausência, simbólica e real, da psicanálise num país (no caso presente, Portugal) também se avalia pela quantidade e qualidade das traduções de textos e autores fundamentais existentes e das obras de referência (por exemplo, dicionários ou enciclopédias) disponíveis para consulta. Neste aspecto, o panorama não é animador. Estamos ainda bastante aquém do que se passa do outro lado do Atlântico, no Brasil, cujo panorama editorial psicanalítico é infinitamente mais fértil que o nosso. A escassa bibliografia portuguesa, constituída por traduções nacionais de alguns dos autores mais significativos referidos no presente dicionário, é disso uma prova viva.

É de saudar, por isso, que a Editorial Inquérito tivesse, em boa hora, decidido verter para português europeu este *Dicionário de Psicanálise*, originalmente publicado em França pela Librairie Arthème Fayard (1997) e posteriormente traduzida para o português do Brasil sob a égide do saudoso editor brasileiro Jorge Zahar. Como explica o editor numa “nota à edição portuguesa” (p. 15), a presente versão do *Dicionário de Psicanálise* foi preparada a partir da tradução brasileira, sendo essa base de trabalho uma garantia a beneficiar o resultado final, se bem que tivessem sido feitas as necessárias adaptações morfológicas, sintáticas e estilísticas de modo a tornar a leitura natural para a sensibilidade linguística do público português.

Os autores, Elisabete Roudinesco e Michel Plon, não carecem de grandes apresentações. O seu currículo, sobretudo o de Elisabeth Roudinesco, fala por si. Além de historiadora, doutora em letras e investigadora na universidade de Paris VII, é vice-presidente da Sociedade Internacional da História da psiquiatria e da Psicanálise e psicanalista. São de sua autoria dois volumes sobre a *História da psicanálise em França* e um livro sobre Jacques Lacan. Após anos de polémica acesa com alguns representantes do movimento lacaniano em França, tem-se assistido, nomeadamente após a famigerada “emenda Accoyer” (uma medida político-legislativa sobre as condições para o exercício das psicoterapias), a uma progressiva reaproximação de pessoas e pontos de vista.

Em Portugal, existia já um dicionário de referência, o famoso *Vocabulário de Psicanálise*, com várias edições, vertido a partir da edição

⁹ ROUDINESCO, E., PLON, M. (2000). *Dicionário de psicanálise*. (Revisão científica de Carlos Amaral Dias). Lisboa: Editorial Inquérito

francesa de Jean Laplanche e J. B. Pontalis (Presses Universitaires de France, 1967), bastante completo, sistemático e inovador (composto por verdadeiros artigos e não por breves notas técnicas, como os precedentes) e dando um grande relevo aos conceitos fundamentais da psicanálise emanados de Freud e dos seus principais seguidores. Porém, o movimento psicanalítico internacional não parou de crescer e de se fragmentar em múltiplas tendências, escolas e orientações. Daí que se impusesse, segundo os autores (Prólogo: pp. 9-12), uma nova retomada da questão nos moldes em que este dicionário o faz. Opondo-se às duas tendências que parecem ter presidido aos dicionários elaborados nos últimos anos (a escola, onde os conceitos eram recenseados em função de um dogma, ou o caos das entradas anárquicas e profusas, estendendo-se indefinidamente, como se pretendessem esgotar o saber do mundo), o presente dicionário não se limita a retomar simplesmente o *Vocabulário*, não se centrando exclusivamente na descoberta freudiana (como era o caso anterior), mas propõe-se um recenseamento e uma classificação de todos os elementos do sistema de pensamento da psicanálise, não só a partir da obra original de Freud, mas também dos seus desenvolvimentos e reinterpretações diversas e constantes. Daí que a dimensão “temporal” dos conceitos, dos “actores”, das entidades, das disciplinas, dos casos, das técnicas e das instituições ou das escolas seja considerado um elemento importante.

Talvez seja este um dos seus pontos fortes, mas também a sua maior fraqueza. Com efeito, fica-se com a sensação, muitas vezes, de que o preço a pagar pela preocupação (sem dúvida legítima e inovadora) de situar os conceitos “diacronicamente”, fazendo, por assim dizer, a sua “história”, implica, na prática, um efeito talvez demasiado “historicizante”, com perda de “profundidade” no que concerne à “consistência” própria dos conceitos, “sincronicamente” considerados. Desse ponto de vista, outros dicionários coevos, se bem que não tão abrangentes e com uma “orientação” mais definida, por exemplo, o *Dictionnaire de la Psychanalyse*, sob a direcção de Roland Chemama e *L'apport freudien – éléments pour une encyclopédie de la psychanalyse*, sob a direcção de Pierre Kaufman (ambos traduzidos para o português do Brasil) ficam nitidamente a ganhar. O problema destes dicionários – se é que é um problema – é que dão um relevo especial a um único ensino e aos respectivos conceitos, a saber, o de Jacques Lacan.

Revista de Filosofia: Filosofia e psicanálise, Perspectivas de diálogo¹⁰

É hoje indubitável que a psicanálise, tanto na sua vertente prática como teórica, marcou um ponto de viragem na história, ao propor não só uma nova terapia para sintomas que permaneciam rebeldes, mas também devido às suas repercussões na sociedade e na cultura, assim como no pensamento, ao subverter o sujeito moderno, herdeiro de Descartes.

Uma tal subversão não deixou de ter consequências na própria filosofia. Jacques-Alain Miller, um dos mais eminentes psicanalistas lacanianos, chegou mesmo a perguntar num artigo recente (cf. «Philosophie&Psychanalyse». *Des Philosophes à L'Envers*: Horizon, n° Hors-série, Janeiro 2004) se as diferentes formas de filosofia hoje praticadas não seriam resultantes do traumatismo provocado pela psicanálise. Mesmo se o autor começa por sugerir a ideia como uma espécie de dito engraçado, o que é certo é que ele acaba por concluir, de um modo mais sério, que, efectivamente, não parecem restar dúvidas de que «sob o efeito conjugado da ciência e da psicanálise, a filosofia foi profundamente desestabilizada, traumatizada» (p. 103).

Isto gerou, por assim dizer, um efeito de amor-ódio entre as duas: filósofos que criticaram violentamente a psicanálise (Wittgenstein, Deleuze, Derrida, entre outros), ao mesmo tempo que se sentiam de alguma forma atraídos por ela, mas também psicanalistas (o próprio Freud, Bion, Lacan) que não deixaram de frequentar assiduamente os filósofos, se bem que tivessem igualmente a preocupação de se demarcar deles.

Entre nós, poderíamos referir vários nomes onde é patente esta relação “ambígua” entre a psicanálise e a filosofia. Sílvio Lima (1904-1993), embora não tão conhecido como, por exemplo, Fernando Pessoa, é um caso interessante a este respeito, na medida em que, sendo um dos pioneiros em Portugal (a par de Egas Moniz) na “aplicação” da psicanálise a outros domínios – no caso presente, o fenómeno místico-religioso – ilustra bem essa ambiguidade de que falávamos, apreciando, por um lado, a novidade do contributo freudiano, mas considerando-a, por outro, como redutora.

Poderíamos dizer, em traços gerais, que os filósofos têm oscilado entre, pelo menos, três posições diferentes sobre o assunto: há aqueles que denegam o acontecimento da psicanálise, como se ele não tivesse pura

¹⁰ VILA-CHÃ, J. (Dir.) *Revista Portuguesa de Filosofia*. Abril-Junho. 2003. Volume 59. Fasc. 2

e simplesmente existido; há aqueles que reagem ou reagiram ao trauma que ela provocou, dando um passo atrás (a noções e ideias pré-freudianas) ou um salto em frente (como se Freud estivesse ultrapassado); e há também os que julgam que Freud está perfeitamente integrado, a tal ponto que já se perdeu a dimensão escandalosa ou traumática das suas propostas. Faz parte, digamos, do museu da história das ideias.

Qual é, neste contexto, a posição dos colaboradores deste número da revista Portuguesa de Filosofia dedicado às relações (complexas, problemáticas, fecundas) entre a psicanálise e a filosofia? Quais as novas “perspectivas de diálogo” que aqui se abrem ou pretendem abrir?

As respostas são diversas, dada a proveniência, orientação e ângulo de abordagem dos vários autores em presença; todavia, o tom geral é positivo, estando eles sobretudo interessados em relevar a fecundidade e pertinência de certas noções ou conceitos emanados da psicanálise (Freud, Lacan, entre outros), mesmo para lá do seu uso mais estritamente analítico.

Na introdução, João J. Vila-Chã faz a apresentação dos diversos artigos e explica que é no seguimento de várias efemérides recentes relacionadas com o movimento psicanalítico (como o centenário do nascimento de Jacques Lacan, em 2001, ou o de Erich Fromm, em 2000) que a *Revista Portuguesa de Filosofia* decide dedicar um tema à relação entre a filosofia e a psicanálise. Seguem-se:

Um texto de Irene Borges Duarte que revisita, filosófica e psicanaliticamente, os famosos “sonhos de Descartes” (pp. 315-337); um texto de Carlos Roberto Drawin que, sem implicar o abandono das pretensões da racionalidade, procura mostrar os limites de uma abordagem epistemológica da psicanálise (pp. 339-364); um texto de Mario Casalla, onde se pretende demonstrar até que ponto a psicanálise é ainda hoje uma teoria e uma prática vivas e até que ponto ela constituiu uma autêntica revolução científica e epistemológica, graças à descoberta do inconsciente e ao profundo abalo que isso provocou no sujeito humano (pp. 365- 386); um texto de Eckhard Frick, onde se diz que a crítica da psicanálise a partir do “cientismo” já passou – o que talvez não seja assim tão seguro – e que a psicanálise está agora aberta a novos horizontes intelectuais e científicos, como, por exemplo, a neurobiologia, mesmo se permanece alguma confusão terminológica entre o inconsciente freudiano e neurobiológico, o que requer um trabalho de definição clara das respectivas diferenças, bem como dos

Recensões

aspectos comuns (pp. 387- 402); um texto de Rudolf Schmitz-Perrin que aborda um tema mais próximo da “clínica”, a transferência, no seu carácter “instrumental”, estando destinada a dissolver-se no final de uma cura analítica, mas também a “transformação” que se dá no sujeito graças a ela (pp. 403- 429); Carlos Domínguez Morano (pp. 431- 453), juntamente com outros dois que se dedicam ao fenómeno religioso (Jean-Daniel Causse: pp. 455- 461; Laura Ferreira dos Santos: pp. 549-572), mostra que a “ilusão” religiosa não só não desapareceu, contrariamente à expectativa de Freud, como integrou até noções psicanalíticas (como o desejo, por exemplo), renovando certos aspectos da religião com uma luz nova; Marialuisa Pulito dedica um texto ao contágio que o livro de Heidegger, *Sein und Zeit*, teve na psiquiatria através de Ludwig Binswanger (pp. 463-481); Acílio Estanqueiro Rocha empreende, no texto seguinte, um retorno a Lacan, com vista à dilucidação do «simbólico», recorrendo para isso às instâncias incontornáveis da «linguagem» e da «ética» e mostrando, finalmente, que esta, enquanto «ética do bem-dizer», coabita com a «estética» (pp. 483-512); por último, um texto de Néstor A. Corona apresenta algumas das principais características do diálogo de Paul Ricoeur com a psicanálise freudiana no contexto da sua hermenêutica filosófica.

Como se vê pela diversidade de abordagens e pontos de vista adoptados, há boas «perspectivas de diálogo». O futuro dirá até que ponto ou em que sentido elas se concretizarão.

O Erro de Descartes¹¹, O Sentimento de Si ¹², Ao Encontro de Espinosa¹³, de António Damásio

António Damásio é, como sabemos, um dos mais conhecidos e influentes cientistas do momento, e não apenas no seu domínio estrito de investigação, ao introduzir na esfera da neurobiologia contributos tão importantes e inovadores que se tornam hoje referências incontornáveis. Nos últimos anos, os ecos da investigação que ele leva a cabo, juntamente com a sua equipa, nos Estados unidos, têm chegado a Portugal de diversas maneiras. Os livros: *O erro de Descartes* (1994), *O Sentimento de Si* (1999) e *Ao Encontro de Espinosa* (2003) são três bons exemplos disso.

¹¹ DAMÁSIO, A. (1994). *O erro de Descartes*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

¹² DAMÁSIO, A. (1999). *O Sentimento de Si*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

¹³ DAMÁSIO, A. (2003) *Ao Encontro de Espinosa*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

Não há propriamente uma descontinuidade nestes três livros, mas antes um aprofundamento, complexificação e arrojo cada vez maior das hipóteses inicialmente colocadas com base nos dados fornecidos pela investigação “empírica”. Daí que nos interesse, mais do que realçar as diferenças, apreender a linha de investigação que liga e atravessa os vários momentos.

A ideia central é a de que entre o biológico, o psíquico e o social (político, cultural, ético, estético, etc.), ou seja, o corpo, o cérebro e o meio ambiente, há uma continuidade essencial e não uma ruptura. A interacção predomina, se bem o biológico tenha preponderância.

Uma tal visão tem consequências a vários níveis, a começar pela ideia tradicional de razão (de que Descartes é um dos símbolos e expoente máximo, juntamente com Kant): uma razão «pura», «fria», «doente», desligada do corpo (dualista), e de onde são varridos a «emoção» e o «sentimento» (a «paixão», segundo o termo tradicional); Damásio pensa, pelo contrário, que a razão pode não ser tão pura como pensaram alguns filósofos, tal como as emoções e os sentimentos podem não ser meros intrusos e fazer parte constitutiva da teia da razão para o melhor e para o pior. Isto significa que a razão e o sentimento (noções que ganham, na terminologia de Damásio, um rigor que não têm na linguagem vulgar), em vez de serem consideradas como uma estorvo à razão, como tantas vezes se pensou, são vistas como fazendo parte essencial da sua maquinaria subjacente, designadamente no que respeita à tomada de “boas” decisões tanto do ponto de vista pessoal como social.

Uma das palavras-chave da investigação de Damásio é o termo «homeostasia». Este designa o conjunto de reacções fisiológicas coordenadas, em larga medida automatizado, que é necessário à manutenção, num organismo vivo, de estados internos estáveis. Emoções e consciência – é a novidade de Damásio – fazem igualmente parte deste processo homeostático. Eles constituem dois patamares interligados de uma mesma “alavanca” para a sobrevivência.

O valor da consciência (tema do *Sentimento de Si*) rediria fundamentalmente em apresentar um novo meio para alcançar a homeostasia. Ela trata do problema de como o organismo individual pode enfrentar os “desafios não previstos” no seu projecto básico, a fim de que possa ser garantida a sua sobrevivência. Desta forma, estabelece-se uma

Recensões

ligação entre o mundo da regulação automática e o mundo da imaginação e do planeamento, abrindo caminho à criação de respostas originais num meio ambiente para o qual o organismo não está preparado em termos de respostas automatizadas. O resultado é uma melhor gestão da vida, da sobrevivência e do bem-estar.

Desde a regulação básica da vida até à razão superior, passando pelas emoções e os sentimentos, é assim possível perceber um mesmo *continuum* integrado. Até as convenções sociais e da ética (no que já foi considerado por alguns como «o erro de Damásio») funcionam, ou podem funcionar, ao nível do grupo social como instrumentos homeostáticos. De igual forma, também as constituições políticas, por exemplo, se ligam, por uma espécie de cordão umbilical, a outros níveis de regulação homeostática. Como se vê, estamos perante um verdadeiro *monismo* bio-psico-social, de que Espinosa, segundo Damásio, seria um dos mais ilustres precursores.

Deste ponto de vista, é compreensível que Damásio relegue a linguagem (tradicionalmente considerada como «diferença específica» do ser humano) para segundo ou terceiro plano. No «grande esquema das coisas», ela chega tarde e tem um papel secundário. Antes dela, há toda uma maquinaria homeostática em funcionamento. A linguagem acaba por ser um fenómeno epigonal, que vem depois de tudo o resto, e tem um papel meramente *tradutor*. O que predomina na mente são imagens, cuja natureza é não apenas escópica, mas multissensorial.

É talvez aqui que a argumentação de Damásio se torna menos empírica e mais especulativa. Na verdade, a sua concepção de linguagem (secundária, tradutora...) parece-nos algo ingénua e elidir o que foi a reflexão filosófica (Wittgenstein, Heidegger, entre outros) e psicanalítica (Freud, Lacan, entre outros) sobre a mesma ao longo do século XX. E resta sempre uma pergunta: se a tendência, do ponto de vista biológico, é para manter ou restaurar a homeostasia, o que vem perturbar e desregular esta tendência? Não terá a linguagem (entendida não como tradutora, mas como produtora, nomeadamente de equívocos) algum papel em tudo isso?

Finalmente, quando se tenta aproximar o inconsciente psicanalítico do inconsciente neural (como parece ser, por vezes, o caso de Damásio) está-se ou não a falar a mesma língua, a usar o mesmo conceito? Qual a especificidade do inconsciente freudiano? Não terá o campo da fala e da

linguagem – como era a perspectiva de Lacan, por exemplo – algo a ver com o assunto?

A resposta a estas questões tem consequências diversas tanto a nível epistemológico como ético.

Pessoa e a Psicanálise¹⁴, de José Martinho

É num estilo a que já nos habituou, ao mesmo tempo sóbrio e incisivo – *indo directamente ao essencial* – que José Martinho revisita, com este livro, o caso Pessoa. Não é, com efeito, a primeira vez que tal acontece, visto que já no primeiro livro surgido após a sua chegada a Portugal (Cf. *O Que é um Pai?* Assírio e Alvim, 1990) ele dava conta do seu interesse por Pessoa num texto intitulado *O Criador de Tudo*, onde ganham consistência lógica e são pontuados alguns dos momentos e aspectos essenciais do intrincado labirinto pessoano. Assistimos, pois, com esta última publicação, ao relançar de uma velha problemática, *re-atada* agora sob um ângulo novo e de uma forma mais desenvolvida.

Contudo, se é verdade, como se ouvia dizer em 1988, durante as celebrações do centenário do nascimento do poeta, *que tanto Pessoa já enjoa*, e se, por outro lado, também não se trata de lançar-se «na impossível tarefa de psicanalisar um poeta e prosador falecido há mais de sessenta anos, urge então perguntar qual o sentido de um novo retorno ao texto do escritor português».

Antes de mais, importa situar a razão e a circunstância imediatas de um tal empreendimento. Foi no momento em que decorriam as VII Jornadas do Centro de Estudos de Psicanálise (19 de Maio de 2001), fruto de um trabalho de Seminário dedicado nesse ano ao poeta português, e no contexto de uma colaboração entre a Antena do Campo Freudiano (Lisboa) e o Cartel Franco-Português (Paris) que surgiu a ideia do presente livro. Ele teve, pois, um móbil imediato e contingente, mas também um motivo mais profundo e estrutural: é que, paradoxalmente, apesar da imensa e variada literatura sobre Pessoa, «nada de muito explícito tinha sido escrito até à data sobre o assunto» que este livro se propunha abordar: *Pessoa e a Psicanálise*. É por isso que ele constitui um marco, na medida em que pretende instaurar «uma posição a partir da qual se possa iniciar um futuro debate».

¹⁴ MARTINHO, J. (2001). *Pessoa e a Psicanálise*. Coimbra: Almedina

Recensões

O título – *Pessoa e a Psicanálise* – deve ser lido, pelo menos, de três maneiras: antes de mais, «o que Pessoa pensou de Freud, do freudismo e dos freudianos; depois, o que os psicanalistas já disseram sobre Freud»; e, por último – o que constitui, a meu ver, o autêntico cerne deste trabalho, com propostas realmente inovadoras (não é usual, por estas bandas, ouvir falar de Pessoa tal como José Martinho o faz, sobretudo nos capítulos finais do livro), o que o autor julga «poder acrescentar de momento a propósito de tudo isto».

Relativamente à primeira questão, o essencial pode encontrar-se numa *Carta de 11 de Dezembro de 1931*, dirigida a João Gaspar Simões – o primeiro grande biógrafo do poeta e, de alguma forma, o seu impossível analista – e resumir-se numa palavra: ambiguidade. Com efeito, de acordo com a lógica paradoxal que é peculiar ao poeta, em que os extremos tendem a tocar-se, Freud e a respectiva invenção tanto são apelidados de geniais como são mandados, com a mesma facilidade, para os «raios que o partam».

No que diz respeito à segunda questão – a posteridade freudiana que se interessou pelo autor – há que estabelecer uma diferença preliminar entre lacanianos e não lacanianos. A partir desse primeiro esforço de interpretação que constitui o trabalho inaugural de João Gaspar Simões (Cf. *Vida e Obra de Fernando Pessoa – História de uma Geração*, Bertrand, Lisboa, 1950), cuja tese essencial é não só que Pessoa foi *o menino de sua mãe, mas também que o deixou um dia de ser*, a maior parte dos pós-freudianos que se debruçaram sobre o caso Pessoa (kleinianos, bionianos) tenderam, de uma forma geral, a ficar igualmente fascinados por esta suposta influência da *Mamã* sobre a vida e a obra do poeta. Já os *primeiros* alunos de Lacan, pelo contrário, embora demorando algum tempo a interessar-se pelo escritor português, tenderam de um modo geral a realçar sobretudo a «dimensão signifiante da obra em vez do papá-mamã do romance familiar». Contudo, seria necessário o surgimento de uma *nova vaga de psicanalistas lacanianos* (Paulo Siqueira, o próprio José Martinho, entre outros) para que o poeta fosse relido e escutado de uma maneira inteiramente nova: ou seja, colocando-se mais na posição de quem é interpelado por ele, em vez de questioná-lo a partir de categorias preestabelecidas, «na medida em que a sua obra obriga a reanalisar alguns problemas da psicanálise aplicada ao nosso século», bem como a introduzir nela um afecto novo – o *desassossego*,

segundo o livro homónimo – «enquanto sinal da crise do sujeito moderno face à subida ao zénite do discurso da Ciência».

Pois bem, não se tratando de submeter a uma qualquer «psicanálise aplicada» quer o autor quer a sua arte, na medida em que – como advertia frequentemente Lacan – nesta matéria não só o artista nos precede como é errado brincar ao psicólogo, também não se trata, por outro lado, de ficar simplesmente preso do fascínio paralisante em que o poeta nos tende a mergulhar. Pelo contrário – tal como faz José Martinho nos capítulos essenciais deste trabalho – trata-se antes de acompanhar e dar consistência lógica ao devir de uma questão sintomática – a da paternidade – que atravessa a vida e a obra do poeta, e que, apesar da multiplicidade das soluções buscadas para ancorar o destino que lhe coube em sorte (a construção de um nome de autor, o des-encontro com Ophélia, a submissão à lei dos Mestres...) se mantém irresoluta.

Ora, o que constitui a «originalidade» do seu caso – o que «excede o que há de típico em todo o ser humano» – é não só o progressivo falhanço destas várias soluções, mas também o modo singular como *Pessoa o Sinthoma* (como lhe chama José Martinho) é capaz, graças à sua arte, à função da escrita e ao *bem-dizer* dos seus orto, hetero e semi-heterónimos (caso, por exemplo, de Bernardo Soares) de reduzir a solidão do sintoma – a que ele é, finalmente, condenado – a simples refugio literal, segundo o eminente testemunho de toda uma vida que nos dá *o Livro do Desassossego*.

Eis onde o poeta diz «mais ao psicanalista de hoje – e a todos nós igualmente – dado que é um não-iludido que erra num universo sem mãe nem pai, que pode ir de mal a pior, porque Deus e a Humanidade desertaram e o pacto científico com o diabo ameaça».

Ditos II, Conferências Psicanalíticas¹⁵, de José Martinho

Se é verdade que o sentido daquilo que se diz só retroactivamente se vai constituindo, então este é um momento privilegiado, após a vinda a lume do último livro de José Martinho, para lançar uma nova luz sobre o ensino que vem sendo desenvolvido por ele desde há vários anos, tanto no que diz respeito àquilo que é dito, como ao estilo do dizer que lhe subjaz.

¹⁵ MARTINHO, J. (2003). *Ditos II - Conferências psicanalíticas*. Lisboa: Fim de Século

Recensões

Num dos capítulos fundamentais deste livro, não só pelo carácter inovador que preside ao tratamento do tema como pelo sentido de oportunidade do mesmo – «O que é um sintoma psicanalítico» – o autor esclarece que o seu ensino começou no dia em que todo o seu saber «se veio condensar na palavra Gozo» (p. 124). Há assim, podemos dizer, um antes do Gozo e um depois do Gozo. Antes, foi a época dos «restos»: o resto que sobrou de uma questão (cf. *O que é um Pai?*, Assírio e Alvim, 1990) e o resto a que a sua psicanálise o reduziu e em nome do qual ele causa o desejo dos seus analisandos e dirige o respectivo tratamento (cf. *A Minha Psicanálise*, Fim de Século, 1997). Após o seminário dedicado ao Gozo (1998-99), toda uma nova área de investigação se abriu e um estilo se impôs, tanto na continuidade (uma tendência para o «condensado» dos livros anteriores) como na diferença (sobretudo em alguns artigos deste último livro, onde uma certa aridez lógica do «matema», se bem que no essencial permaneça, dá igualmente lugar à paródia).

Este recentramento do ensino na palavra Gozo, ajuda, por um lado, a entender os *ditos* (proferidos entre 1999 e 2002 e agora publicados) como *inter-ditos*, isto é, a via que resta a quem fala de assediar «o gozo sem o qual o universo seria vão» (p. 101); por outro lado, permite dar conta dos passos essenciais que foram dados nestes últimos anos por José Martinho, quer ao nível da prática clínica, quer ao nível do ensino e da investigação.

No capítulo 13 do livro *Gozo* (o tal que marca um ponto de viragem), relembrando um dito lacaniano, José Martinho convidava o leitor a não se esquecer do «dizer que está por detrás do que se pôde ouvir naquilo que se disse» (Fim de Século, 1999, p. 71).

Comecemos, então, pelo princípio. O que vem agora a lume é o que se pôde ouvir, nestes últimos anos, quer nas aulas do Seminário do Centro de Estudos de Psicanálise, a decorrer semanalmente na Universidade Lusófona, quer nas Jornadas organizadas anualmente pela Antena do Campo Freudiano, bem como em algumas aulas dadas no Curso de Psicologia, nomeadamente nas cadeiras de Teorias da Personalidade (2º ano) e Psicoterapias I (4º ano), bem como algumas outras intervenções, designadamente a conferência que abre o volume e que foi pronunciada nas Jornadas sobre *Psicanálise, Sonho e Criatividade* que decorreram na Escola Superior de Bragança em 1 de Julho de 2000. Não obstante, apesar da diversidade dos lugares aqui assinalados, o que ressalta, naquilo que se

pôde ouvir, é a constância de uma voz (a de José Martinho) e de uma orientação (lacaniana).

Quanto àquilo que é dito, se bem que permaneça um *retorno* a alguns textos freudianos – retorno agora lido (...) como uma paródia – tal como a alguns conceitos fundamentais da psicanálise (transferência, pulsão, desejo, fantasma...), é igualmente verdade que tudo parece girar, desta vez, em torno de um conceito aglutinador: o sintoma. Na variedade temática dos ditos que vão sendo desfiados, há, por assim dizer, uma constância do sintoma. Ele tem sido a bússola dos últimos seminários e investigações de José Martinho. Quer na sua dimensão «típica» (o mais problemático para Freud), quer na sua dimensão «individualizada» (o mais problemático segundo o autor). Foi, de resto, esta última dimensão do sintoma que levou José Martinho a revisitar o caso multiplamente individualizado (ou singularmente múltiplo) do «sintoma dos Pessoa» (cf. Pessoa e a Psicanálise, Almedina, 2001). E visto que o sintoma não é apenas uma formação do inconsciente como as outras, mas igualmente um modo de satisfação da pulsão, este recentramento no sintoma levou ainda à introdução de um termo inédito: *Clínica do gozo*; clínica esta – enquanto o gozo de que se trata é o do próprio sintoma – que «vem substituir a procura da verdade na talking cure» (p. 124).

Mas é preciso, finalmente, não esquecer o *dizer* (a casa vazia) que preside ao movimento dos *ditos*. Isto implica, por um lado, que sob a variedade daquilo que vem sido dito (e passado a escrito), há a constância de um dizer que tem incidido fundamentalmente sobre a questão de saber o que é, o que faz e o que cabe ao psicanalista quando ele está à altura do seu acto (cf. pp. 93-94). Por outro lado, mais do que aquilo que já se sabe, há desta vez um desejo que parte do que ainda não se sabe, particularmente sobre o sintoma (p. 123) e visa – como aposta para a psicanálise futura – um «saber...mais e ainda» (p. 97).

Isto envolve não apenas um «bem-dizer» (ética) e um «bem-fazer» (prática), mas igualmente um «estilo», pois é ele «que perdura como a via mais escondida e verdadeira por onde cada psicanalista transmite a sua psicanálise ao nível da cultura» (p. 132).

Gozo¹⁶, de José Martinho

Com este título veio a lume o Seminário que José Martinho desenvolveu em 1998-99 no âmbito do Centro de Estudos de Psicanálise. Ele constituiu um verdadeiro marco histórico visto que foi a primeira vez, desde a chegada de José Martinho a Portugal, que ensino e investigação voltaram a dar-se as mãos, tal como acontecera durante os anos em que ele fora professor no Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII. Para tal contribuiu grandemente o surgimento de um público novo, que não se limita a escutar, mas intervém igualmente, tal como é possível constatar pela leitura deste Seminário. Ele é, pois, um Seminário aberto e experimental, na medida em que não se propõe repisar os velhos conceitos da psicanálise, como se de um corpo fechado se tratasse, mas lança, pelo contrário, hipóteses novas que terão de ser confirmadas ou infirmadas ao longo do Seminário.

O título *Gozo* pode ser lido de duas maneiras: ou como conceito ou como forma verbal. No primeiro caso (precedido do artigo definido), «o gozo é um substantivo que pode ser elevado ao universal de um conceito da psicanálise»; no segundo (sem artigo definido), «gozo é para ler na primeira pessoa do presente do indicativo do verbo gozar». Poderíamos assim conjugar: «eu gozo, tu gozas, ele goza», o que teria a vantagem de sublinhar, desde logo, a dimensão plural do gozo, pois «cada um goza à sua maneira», segundo a modalidade que o seu «programa de gozo» lhe impõe.

Sendo assim, a pergunta inicial a colocar não é «o que é o gozo?» (ainda que não se retire pertinência a um tal modo de colocar a questão), mas antes: «quem goza?». E é como resposta a esta questão que deve ser entendida a hipótese inicialmente colocada por José Martinho, a qual orienta, como uma referência *básica*, todo o trabalho desenvolvido ao longo do Seminário. Ela formula-se nos seguintes termos: «só o ser vivo goza, ou que o morto e o ente inanimado não gozam».

Esta maneira de situar a questão obriga a reformular o modo habitual de encarar a problemática do gozo. Tradicionalmente, na comunidade analítica lacaniana, é usual (desenvolvendo as implicações da reflexão freudiana) situar o gozo num *para além do Princípio de Prazer*. No entanto, a hipótese colocada por José Martinho, numa tentativa de dar conta de certos

¹⁶ MARTINHO, J. (1999). *Gozo*. Lisboa: Fim de Século

fenómenos da clínica, obriga a postular uma espécie de «gozo prévio», aquém do Princípio de Prazer, que consistiria no «padecimento que experimenta o ser vivo porque está vivo, ou porque se introduz um furo na sua organização básica». Isto corresponde, até certo ponto, ao que Freud diz sobre a «dor» (que distingue do desprazer), a partir dos desenvolvimentos que empreende no *Projecto de uma Psicologia Científica*.

Todavia, há um «paradoxo do gozo»: é que, se é verdade que «por razões clínicas relativas à experiência da dor começamos por referir o gozo do vivente (ou o gozo do corpo)», também é verdade que, no caso do ser humano, «não há meio de assediar o gozo do corpo sem a linguagem». Para que o gozo não escape à acção do analista, é necessário ter presente este princípio fundamental.

Temos assim, finalmente, uma base sólida onde assentar os princípios, os meios e os fins da psicanálise, na justa medida em que estes permitem: uma correcta orientação clínica, uma separação das águas que leva, nomeadamente, a distinguir a clínica lacaniana de outras orientações, uma clarificação dos conceitos fundamentais da psicanálise, bem como um ajustado enquadramento do desejo do analista, enquanto motor e condição do tratamento. É de tudo isto que se fala ao longo das restantes páginas, assim como das diversas articulações da psicanálise com as artes e as ciências.

Como Seminário *aberto* que se propôs, é natural que algumas questões tivessem ficado naturalmente por decidir; mas também isso convém, de resto, ao teor da aposta que José Martinho tem feito ao longo destes últimos anos em Portugal: uma re-abertura do inconsciente.

A Minha Psicanálise¹⁷, de José Martinho

Este livro veio, de certa forma, preencher uma lacuna no domínio da literatura analítica. É conhecida a pobreza editorial nesta área. Bastaria relembrar, a título de exemplo, o que sucede com a obra de Freud: passados que foram mais de cem anos sobre a invenção do inconsciente e da psicanálise, falta ainda traduzir textos fundamentais. Isto para não falar da literatura recente, onde o vazio é ainda mais conflagrador. Eis,

¹⁷ MARTINHO, J. (1997). *A Minha Psicanálise*. Lisboa: Fim de Século

Recensões

porventura, o que motivou a hesitação de José Martinho, num recente programa de televisão, quando lhe pediram que sugerisse um livro... de psicanálise.

Este livro poderia ser a resposta a essa questão que ficou na altura em suspenso, caso ele se apresentasse como... um livro. O que não é de todo evidente. Um livro pressupõe um escritor e José Martinho não se considera um «escritor de livros». Mas, então, se não é um livro, o que é? Diria simplesmente: uma coisa. É do lado da coisa (da *coisa freudiana* evidentemente) que deve ser procurada a verdade que ilumina – e obscurece – este escrito. Ele vem recordar-nos – como já haviam feito M. Duchamp e A. Wharol noutras áreas (a imagem da capa ilustrativa a este propósito) que qualquer objecto pode ser elevado à dignidade da *Coisa*, pois esta é «impossível», quer dizer, está definitiva e radicalmente perdida.

É em nome do que resta dessa «*Coisa*» (das Ding) perdida que fala um psicanalista. Pelo menos, quando ele é lacaniano (pois há também quem tenha falado em nome do pai - recordemo-nos de Freud e dos seus livros *Totem e Tabu* e *Moisés e Moisés e Monoteísmo*, para referir apenas dois - ou em nome da mãe - como fez, por exemplo, M. Klein) e se chama José Martinho. «Tudo o que está escrito neste volume – diz ele – é um efeito daquilo em nome do qual eu falo hoje em dia: o resto a que a minha psicanálise me reduziu» (p. 7).

O resto é o que sobra: de uma formação (doutoramento em Filosofia, na Sorbonne), de uma produção (restos literários publicados há alguns anos sob o título genérico *O Que é Um Pai?*), de um Seminário (Lisboa, 87-97) e de uma psicanálise, tanto num sentido subjectivo como objectivo (a que José Martinho realizou enquanto analisando e as que hoje suporta como analista). É esse «resto» – causa do desejo – que o «empenha na experiência ética da psicanálise» e nutre a sua «concepção do acto analítico» (cf. p. 7). E é também esse «resto» o que desautoriza José Martinho a tornar-se um autor, isto é, um escritor de livros. «Se, apesar de todos os meus escritos, não me tornei um «autor» – adverte ele na página dez – é porque a minha psicanálise me desautoriza. É só relativamente ao insuportável que a clínica suporta, que toda a minha prosa, por mais indigesta que pareça, introduz uma réstia de poesia.»

É o «condensado» desses «restos» que aqui vem a lume para atear algum fogo no campo analítico. «Condensado» quer dizer: tornado «denso»

(de facto, são apenas 55 páginas de uma concisão extraordinária). Mas igualmente: efeito de «condensação» (essa figura maior da Retórica do Inconsciente, que Freud pôs a nu desde os primeiros escritos) ou produto tecno-cientificamente concentrado (como mostra a *Campbell Soup* da capa deste volume). Poderia ainda acrescentar-se, visto que todo o livro foi escrito sob o signo (ou o significante) do resto, que «condensado» é também a «sobra» da miragem de satisfação absoluta (impossível), que Lacan, nos anos finais do seu ensino, chama precisamente *condensado-de-gozo*, e que escreve com uma letra: *a* minúscula. Daí – é uma leitura! – o título e o subtítulo deste volume: *a* Minha Psicanálise – Condensado.

Abrindo o volume, podemos inteirar-nos, desde as primeiras páginas, que há uma orientação, um operador e uma ética muito precisas. A orientação (lacaniana) assenta no verbo (como operador e regra fundamental da psicanálise, quer na sua vertente mais teórica ou epistemológica, quer na sua vertente prática) e numa ética – a ética da psicanálise – «que visa dizer ajustadamente o que empenha o sujeito numa prática, que não leva ao benzer, mas ao amor de bem-dizer» (p. 21). É o que faz José Martinho neste volume, com um rigor e uma simplicidade lógica inatacáveis: dizer ajustadamente.

Dizer ajustadamente, em duas partes (Teórica e Clínica), os «princípios» ou conceitos fundamentais (inconsciente, pulsão, transferência), os «meios» (associação livre, interpretação, construções) e os «fins» da psicanálise. Fins, no plural, e não fim, pois «este tem de ser diferente de caso para caso» (p.37). Por tudo isto, estamos perante uma espécie de introdução (ou prolegómenos, como diria Kant) a toda a psicanálise futura...em Portugal, desde que ela siga na esteira do caminho aberto por Freud e trilhado por Lacan.

Quanto ao resto, há que dizer: não é igual a zero. Mas também não é só literatura, contrariamente ao que dizia o poeta. «Para cada sujeito analisado (...) sobra um suplemento de gozo ineliminável» (p. 40). O que não significa apenas – sublinhe-se – «o incurável do sintoma e o mal-estar na civilização, mas também a possibilidade aberta de lidar sem ilusão com estes factos estruturais» (p.21). O resto é, pois, o que causa e não o que pára o desejo.



A paternidade em
crise

PATERNIDADE E PSICANÁLISE EM PORTUGAL¹⁸

José Martinho¹⁹



Encontrei esta fotografia, com o título «de pequenino é que se torce o pepino», no «blog» do Miguel Carmona da Mota, o amigo de Coimbra a quem devemos também o nome da revista *Afreudite*. Começo por vo-la mostrar porque se costuma afirmar que «uma imagem diz mais do que mil palavras».

Suponhamos que a foto diz efectivamente mais do que mil palavras sobre a importância do pai em Portugal. Onde está o pai? O mais é óbvio é dizer que ele não se encontra na fotografia.

O que pensam os psicanalistas portugueses sobre o assunto? Dois membros eminentes e um candidato da Sociedade Portuguesa de Psicanálise cujos livros comentei no meu Seminário deste ano, afirmaram, respectivamente, que há uma «ausência do pai» em Portugal. A Presidente do Centro Português de Psicanálise perfilha a mesma tese.

É uma tese que pode ser defendida pela história e a sociologia, bem como pela psicologia social e até a psicanálise que se deixa prender no enredo do «romance familiar».

¹⁸ Esta Conferência e as duas que se seguem foram proferidas nas Jornadas de Psicanálise sobre «A Paternidade em Risco», realizadas no Sábado 3 de Junho 2006 no Auditório Victor de Sá, na ULHT.

¹⁹ Membro da Associação Mundial de Psicanálise, Presidente da Antena do Campo Freudiano e Professor Catedrático do Departamento de Psicologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Sem dúvida que este romance existe como «mito individual» do neurótico moderno, mas Lacan esforçou-se para que a psicanálise fosse além do mito. Para tal, começou por distinguir o «Simbólico», o «Imaginário» e o «Real» como dimensões onde se tece o «ser» humano; em seguida realçou a importância do «discurso» do Outro na enunciação do desejo e na constituição do laço social próprio a esse «ser»; e finalmente centrou-se no pedaço de «gozo» que cada um tira dos nós que tecem a sua existência.

Voltemos à fotografia. O que eu disse cativou-vos certamente ao ponto de vos fazer acreditar em algo que a foto não diz, a saber, que a mulher e o miúdo são mãe e filho. Podem até sê-lo, mas apenas vemos que se voltam – ela com um espanto algo desagradado, ele com um sorriso largo e desdentado – para o fotógrafo. Será este terceiro o pai ou apenas o olhar anónimo que os surpreendeu?

O olhar como tal está para além do pai, da mãe e da criança. Digamos que é ele que leva ao enquadramento da perspectiva ou do ponto de vista escolhido. Convém, pois, que fique na fotografia.

Mudemos o ângulo de visão: mais do que um retrato de família, esta fotografia identifica um país, essa «coisa» cujo nome está escrito em maiúsculas e com todas as letras na testa do rapaz: PORTUGAL.

Trata-se do Portugal de hoje, aquele que se animou durante o Euro 2004 e une agora as hostes para o Mundial de 2006.

O presente tem forçosamente um vínculo com o passado: o número crescente de vendas de bandeiras nacionais durante estas manifestações desportivas prova que Portugal continua a ser representado pelo estandarte da pátria que envolve a mulher e o rapaz como um manto de São Martinho.

A bandeira é mais do que uma imagem: é um símbolo, como o nome, mas de pior qualidade, pois é normal que os significantes da língua que os portugueses falam simbolizem melhor que um simples pedaço de pano o que se passa em Portugal.

«Pai» é um nome e é também uma palavra. Dela derivam outras palavras como «pátria» e «país». Esta deriva indica que chamamos «pai» a muitas outras coisas que não o nosso próprio genitor.

Dizemos que Freud foi o «pai» da psicanálise, querendo com isso dizer que não foi apenas um homem que reconheceu as suas filhas e filhos. Mesmo naturais, estes necessitavam de ser legitimados.

O reconhecimento da prole é fundamental na função do pai, pois de outro modo a criança seria abandonada por ele e tudo o que ele representa e depende dele. Estudei há alguns anos o que se passou com Jean-Jacques Rousseau, que dizia gostar muito de crianças, mas que abandonou os seus sete filhos. O que se passou é que ele era paranóico. Não se pode verdadeiramente ser pai quando se é psicótico.

Porém, a função paterna não se reduz ao não abandono ou assumpção por reconhecimento legítimo; ela é uma metáfora, a nomeação do que por natureza não tem nome. Esta nomeação parece não ser nada, mas pode salvar o ser humano da loucura fundamental que o habita.

O sentido e o valor atribuídos tradicionalmente ao pai referiam-se ao nome de que era o portador, mas também à possibilidade de nomeação. Pai era finalmente quem dava nome. Havia o Nome do pai e aquele que, graças à nomeação, inscrevia a larva humana que se individua e endivida simbolicamente numa genealogia.

Os portugueses sabem isto muito bem, pois mesmo quando o seu pai se vai embora, eles guardam o patronímico junto do seu nome próprio. Este simboliza, então, a presença simbólica do pai ao nível do nome completo que identifica o sujeito, o mesmo que encontramos no chamado «Bilhete de Identidade».

A nomeação em geral supõe a linguagem e implica a introdução da inominável e depois nomeada «coisa» na ordem binária das oposições significantes constituintes da cultura.

A fotografia não foca nada do que acabo de dizer. Ela não fala e, também por esta razão, somos obrigados a concluir que as palavras dizem efectivamente mais do que a imagem. Na verdade, deixamo-nos embalar, estamos cada vez mais fascinados pelas imagens, perdendo a noção do que elas contêm de ilusão.

A permanência do patronímico no nome completo ajuda igualmente a entender o seguinte: que existe sempre um hiato entre o pai simbólico, que Lacan chama «Nome-do-Pai», e o pai real, que é aquele que nomeia. Mas também, não esqueçamos, o homem em carne e osso que goza sexualmente da mãe e lhe faz os filhos. É entre o pai simbólico e o pai real que se situa o pai imaginário.

Fala-se agora da crise da função paternal, mas esta crise é permanente, pois está ligada à referida clivagem entre (pai) simbólico e

real. Assim sendo, é sobretudo na dimensão imaginária que se deve situar as transformações histórico-culturais das figuras da paternidade em geral e mais especificamente da paternidade em Portugal.

Uma questão suplementar, mas não de somenos importância: o que acontece quando o pai real se ausenta? Ou há, ou não há, quem exerça realmente a sua função simbólica, como dissemos, a sua função de nomear, separar e assim criar a igualdade dos diferentes filhos perante a lei.

Quando o pai real se ausenta, a mãe pode desejar manter a função simbólica deste, por exemplo, referindo-se ao pai quando fala aos filhos. Mas pode também acontecer que, devido a alguma infelicidade, a mãe não queira falar do pai, nem que se fale dele, gerando, então, um traço de silêncio repetitivo que pode conduzir do pai ao pior.

Isto para a função simbólica do pai real. Mas a função do pai real não é apenas de nomear, mas também de fazer a mãe feliz. Ora, a mãe pode sentir-se infeliz e, para gozar, querer um outro homem, se o seu já não lhe convém. O problema não só para a mãe e as mulheres é que, mesmo se o desejo procura o gozo, mantêm-se insatisfeito. O interdito e o impossível são estruturais, não dependem apenas do pai ou do homem.

O que podemos dizer a propósito do actual debate sobre «A paternidade em crise» é que confunde muitas vezes as três dimensões – Simbólico, Imaginário e Real – que Lacan teve o cuidado de distinguir.

Desde há muito que se fala de um «declínio» do poder paterno. O regicídio da Revolução Francesa pode fornecer uma data histórica para o início do movimento moderno da revolta popular contra o «pai».

O massacre geral das duas grandes Guerras²⁰ e as conquistas políticas dos marxistas prolongaram este mesmo movimento até à queda do muro de Berlim. A partir daí começou a contar-se a anedota: «Jesus está morto, Marx também, e eu já não me sinto lá muito bem».

Os filhos que desejavam matar o pai – como Freud explicou através do «complexo de Édipo» – começaram a sentir-se mal e, desde logo, quiseram salvar o pai do dilúvio: é este o ponto em que devemos situar as fantasias (religiosas, políticas, etc.) de retorno ao pai.

O Deus que está morto (Nietzsche), ou o pai que foi há muito assassinado, como dizia Freud em *Totem e Tabu*, são quase sempre encarados

²⁰ Jean-Claude Milner falou recentemente do que se passou *Depois do Massacre* da 1ª Guerra Mundial, a propósito das *Seis personagens em busca de autor* de Pirandello. Do mesmo modo que estas não encontram um autor, o homem deixou de encontrar a protecção de um Pai.

como figuras do pai imaginário. Uma figura infinitamente boa, a de Deus, e uma figura infinitamente má, a do déspota que reinava na Horda primitiva.

Mas, para além do Simbólico e do Imaginário, o problema com que temos de nos haver hoje é o do pai Real.

O Real do pai não é o real da ciência, nomeadamente o da «consistência lógica». Referia-me há pouco ao pai real como aquele que goza com consentimento sexual ou não da mãe porque o Real em questão é o gozo.

Como abordar «Isso»? A melhor via é a do discurso e seus efeitos sintomáticos.

Qual é o discurso que domina hoje Portugal? Começemos por dizer que este discurso não domina apenas Portugal.

O antigo discurso do Poder atribuía ao pai a função de chefe da família e, por metáfora religiosa, educativa e política, de criador, mestre e governante. Mas com o desenvolvimento do liberalismo e o progresso tecnocientífico, o ideal americano do «self made man» começou a dominar o mundo.

Este é uma criação do «discurso do capitalista» e do «discurso da ciência», que são os discursos que dominam efectivamente o mundo na sua globalidade, juntamente, oh surpresa, com o «discurso do analista».

Tal acontece porque a psicanálise foi a dada altura adoptada pelo pensamento da suspeita, o qual acreditava que, por detrás do que vemos, há o que está oculto.

A procura do que se escondia levou a que se ouvisse dizer «o rei vai nu». Já não se trata aqui de matar o rei, mas de dizer que ele está nu. A consequência é que todos acabaram por ver o que não queriam.

Depois do manto de Noé cair, o pai da sacrossanta família revelou a sua nudez de «homem sem qualidades» (Musil), homem como qualquer outro.

Desabrocharam desde logo as flores do mal: por debaixo do bom pai, apareceu a perversão do pai.

Isto não significa apenas que todos os pais são perversos, mesmo se a comunicação social tem falado ultimamente muito do assunto, a propósito dos casos de pedofilia, de violência doméstica sobre as crianças e as mulheres, etc.

O que queria salientar é um aspecto menos mediático: descobriu-se que o pai não é uno e idêntico a si mesmo, como no monoteísmo. A verdade verdadeira é que existem várias versões do pai («père-versions», escreve Lacan), pois, como homens que são, cada um goza à sua maneira.

Esta verdade variada e variável implica como conceito a multiplicação do Nome-do-Pai; e como resultado os nomes do pai, no plural, logo, das funções paternas.

Entre os «nomes do pai», aqueles que encontramos como exemplos privilegiados são a «mulher» e o «sintoma».

Antes, era óbvio que o pai não era a mãe, não tinha a sua anatomia, não desempenhava a mesma função na família e na sociedade, nem amava da mesma maneira. Mas agora a sociedade pede cada vez mais aos homens que desempenham papéis tradicionalmente femininos, como o de cuidar do lar e das crianças.

O pai é um homem que como tal deve ser cada vez mais feminino, por exemplo, deve saber tratar melhor da sua aparência. O nome que se está a usar agora para isso é «metrosexual». Para quem não saiba, não significa sexo no metro, mas a nova face do género nas metrópoles. Ao que parece, os homens das grandes cidades têm que cuidar muito mais de si, da sua pele, do seu corpo, etc. Talvez também por isso eu receba todos os dias anúncios na Net para alongar o meu pénis e ter erecções prolongadas. No entanto, a tendência devia ser para cortar o dito cujo e fabricar, com o que sobra, uma vagina: é o que fazem certos transsexuais.

Há quem pense que tudo isto só pode gerar a confusão dos sexos, a falta de limites e a consequente dissolução dos direitos e deveres dos pais; ou, ainda, que não é por acaso que seja neste século sem Deus nem Pai que surjam novos sintomas como o «stress» e a «depressão».

Este pensamento conduz facilmente a uma procura dos velhos deuses, logo, a um regresso do eterno religioso, com tudo o que este pode conter de passadista e até de terrorista.

O que é que a psicanálise constata? Que a variedade da função pode levar também o pai a dar colo e a maternar; e que a mãe é hoje uma mulher que estuda, trabalha e tem actividades que eram antigamente reservadas ao homem. Aliás, esta transformação do estatuto das mulheres ajudou a multiplicar as versões do pai. E não parece que seja possível parar esta evolução, a não ser apostando na morte da espécie.

Isto para dizer que o problema de Portugal de hoje tem pouco a ver com a ausência do pai e os pecados de uma mãe que muitos gostariam que fosse tão pura e virgem como a Nossa Senhora de Fátima.

Paternidade e psicanálise em Portugal

O que se passa, como dizia José Gil, é que Portugal se tornou há muito o país da «não-inscrição». O que acontece ao país em geral e a cada português em particular não consegue inscrever-se no espaço público e, assim, produzir uma transformação real. Não só os portugueses desprezam cada vez mais a sua língua, como Portugal vai sempre parar à cauda da União Europeia.

Para além da antiga cultura popular, os portugueses mimam normalmente os outros sem conseguirem alcançar uma verdadeira maturidade democrática e criar uma cultura própria. A par do medo e da inveja, a literatura e especialmente a poesia têm dominado os sentimentalismos nacionais porque apenas provocam nas mentes um lirismo sem grandes consequências.

Ama-se em Portugal sem que o objecto de amor se sinta muitas vezes amado; vai-se ao cinema e ao teatro sem nunca falar do que se pensa do espectáculo; lê-se pouco e nunca se discutem os livros e os artigos. Sobretudo vê-se muita televisão, porque a existência ficou praticamente reduzida à televidência.²¹

Neste quadro, não é de admirar que o Zé-povinho não saiba nada de psicanálise, e que a prática desta, que convida à liberdade de expressão, à recordação e elaboração mental, tenha grandes dificuldades em se desenvolver pessoal e institucionalmente.

É sobre esta dificuldade que fiz o meu Seminário desta ano, sempre com os olhos postos num Outro Portugal.

²¹ Para estancar a angústia existencial o português de hoje vai ao ginásio, compra revistas com dietas maravilhosas, fala ao telemóvel, utiliza a Internet, instala câmaras web no seu computador para obter prazeres inéditos, compra seguros de saúde que prometem o bem-estar total, e acaba indo à farmácia fazer as suas compras. Para fazer frente à angústia, as Administrações, das escolas às empresas, instalam protocolos comportamentais profundamente avessos a toda a singularidade. Deste modo, o contemporâneo acabou por se tornar cúmplice do seu próprio controlo. A crença muito divulgada pelos média de que o sofrimento e a felicidade podem ser medidos contribuiu decididamente para o estabelecimento de uma sociedade de avaliação permanente, derivada da substituição do discurso do poder pelo discurso da ciência, logo, apregoada como imparcial, objectiva, neutra e plural

DO PAI À LETRA²²

Filipe Pereirinha²³

Dizia Wittgenstein, um conhecido filósofo, citado por José Saramago, em epígrafe, no seu último romance – *As Intermittências da Morte*²⁴ – que o sentido de uma palavra é o uso que dela fazemos. Como tal, há certos *modos de dizer*, certas palavras cujo uso se vai tornando para nós cada vez mais estranho e menos familiar, como se fizessem parte de uma *forma de vida* que não é a nossa, ou de um jogo que já não sabemos jogar, com regras que mal conhecemos, ainda que, por outro lado, visto que permanecem na espuma da linguagem que nos banha, nos seja difícil, senão mesmo impossível, livrarmo-nos delas. Ou, como diz Saramago, são modos de falar que se nos pegam à linguagem e que continuamos a usar mesmo depois de se terem desviado há muito do sentido original²⁵.

Um desses *modos de falar* é, sem dúvida, a palavra Deus. Ela parece tão conatural à linguagem que ainda não conseguimos livrar-nos dela, se bem que, por outro lado, não saibamos já, muitos de nós, para que é que isso serve.

Saramago, apesar de profundamente agnóstico, tende a reafirmar constantemente a impossibilidade de dizer-se ateu, ou de dizermo-nos ateus, pois, justifica, o ateu autêntico seria alguém que vivesse numa sociedade onde nunca tivesse existido uma ideia de Deus (...) e, portanto, nem sequer a palavra ateu existiria nesse idioma. Sem Deus, não poderia existir a palavra ateu nem a palavra ateísmo.”²⁶ Dizendo de outro modo, enquanto acreditarmos na Linguagem, no poder do Verbo, continuaremos, de um modo

²² Comunicação efectuada nas Jornadas do Centro de Estudos de Psicanálise, Linha de Acção Psicanálise (UEICTS, ULHT) que decorreram no dia 3 de Junho de 2006, no Auditório da Biblioteca Victor de Sá, subordinadas do tema “A Paternidade em Risco”.

²³ Antena do Campo Freudiano.

²⁴ Cf. SARAMAGO, José. *As Intermittências da Morte*. Lisboa: Caminho, 2005

²⁵ Cf. SARAMAGO, José. *Ibidem*, p. 213.

²⁶ ARIAS, Juan. José Saramago: o amor possível. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 98; ver também REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Caminho, 1998, p. 142.

ou de outro, a ser “crentes”. “Quando se acabar a humanidade, deixará de haver Deus porque não haverá ninguém para dizer Deus ou pensar nele.”²⁷

Uma das saídas – parece ser esta, pelo menos, a que Saramago adopta – seria *prescindir de Deus*, ao nível da crença, na condição de *servir-se dele* como tema. Eis, talvez, o que justifica a repetição, para não dizer «obsessão», e o carácter recorrente do mesmo ao longo de praticamente toda a sua obra (e não apenas a de ficção). Deus é um *sintoma* na obra de Saramago, no sentido preciso em que Lacan dizia, nos últimos anos do seu ensino, que um sintoma é *o que não cessa de se escrever*. Não digo que seja, necessariamente, um sintoma *de* Saramago²⁸, mas antes um sintoma *a que* Saramago volta de forma insistente e continuada em diversos momentos e de variadas formas; um sintoma que resulta do facto de que o nome de Deus ainda não deixou de andar, como se diz, nas bocas do mundo. «As pessoas quando nascem encontram Deus, fala-se de Deus, ninguém sabe o que isso é e vão vivendo assim»²⁹. Não parece, pois, pelo menos de momento, que o nome de Deus esteja *em risco* de desaparecer, pelo menos da fala e da linguagem.

Num outro domínio, aparentemente diverso, há uma palavra sobre a qual poderíamos dizer, com as devidas ressalvas, algo semelhante ao que dissemos de Deus: a palavra pai. Também neste caso, ainda não conseguimos desfazer-nos dela, como se não tivéssemos, até hoje, inventado nada de melhor, se bem que, ao mesmo tempo, pareça que já não sabemos muito bem o que fazer com isso, como se algo aqui estivesse *em risco* de desaparecer ou, pelo menos, de ser substituído por outra coisa que não sabemos ainda claramente o que seja ou o que possa vir a ser; o que nos leva a concluir que o pai se afigura cada vez mais, também ele, como um sintoma.³⁰

²⁷ ARIAS, Juan. Ibidem, p. 100.

²⁸ «Alguém pode dizer: ‘Bom, você, afinal, preocupa-se muito com Deus; lá no fundo da sua mente ou do que quer que seja, você é um crente’. Não, sinceramente, não penso que o seja. Não vou agora dizer redondamente que esta é uma guerra de mim com algo que nego, mas que, no fundo, uma vez que é assim, nego uma existência que está presente em mim, mas que eu quero expulsar de mim. Não creio que seja assim. Vivi sempre fora de qualquer educação religiosa, nunca tive, em nenhum momento da vida, uma crise religiosa, portanto tenho levado isto pacificamente, sem sofrer as torturas da dúvida. Para mim, sempre foi muito claro: Deus não existe.” REIS, Carlos – op. cit., pp. 144-145

²⁹ REIS, Carlos. Op. cit., 143.

³⁰ « O pai é um sintoma. » Cf. LACAN, Jacques (1975- 1976). Le Séminaire, Livre XXIII: *Le Sinthome*. Paris : Éditions du Seuil, 2005, p. 19.

Do pai à letra

Na verdade, talvez seja necessário relativizar um pouco as coisas, visto que o problema, em vez de ser de agora e resultar unicamente das condições socio-económicas e técnico-científicas vigentes – mesmo que estas tendam porventura a acentuar o problema – resultaria antes, e primordialmente, de um fenómeno mais estrutural e, por isso, mais antigo e recorrente: o facto de que a natureza (ou a biologia, para usar o termo científico) não é capaz de responder inteiramente à questão da paternidade (o que é um pai?) e da respectiva função (para que é que isso serve?), deixando, por assim dizer, um resto de incerteza no ar, mesmo quando, biologicamente falando, as coisas são claras.

Uma boa ilustração disto é uma passagem do *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, quando, a certa altura, Maria interroga o anjo que a visita nos seguintes termos: «E há a certeza, o que se chame certeza, de que tenha sido mesmo a semente do Senhor que engendrou o meu primeiro filho»³¹. À pergunta, o anjo responde: «Bom, a questão é melindrosa, o que tu estás a pretender de mim é, sem tirar nem pôr, uma investigação de paternidade, quando a verdade é que, nestes conúbios mistos, por muitas análises, por muitos testes, por muitas contagens de glóbulos que se façam, certezas nunca as podemos ter absolutas.»³²

Que este modo de dizer as coisas não seja uma simples flor de retórica, mas tenha a ver com algo de mais essencial, no que à questão da paternidade diz respeito – aliás, poderíamos até perguntar se não é esta a questão do Evangelho por excelência, tal o carácter recorrente com que ela vem à fala das personagens – mostra-o uma outra passagem, um pouco mais à frente, desta vez pela boca do próprio Jesus que interroga Deus nos seguintes termos: «E estando as sementes misturadas, como podes estar certo que sou teu filho», ao que Deus responde: «É verdade que nestes assuntos, em geral, não é prudente mostrar certeza, ainda menos absoluta, mas eu tenho-a, de alguma coisa me serve ser Deus.»³³

É como se Deus tivesse servido, sobretudo na tradição judaico-cristã, para dar conta do mistério da paternidade, aí onde a natureza ou a biologia fracassam, ou deixam um resto de incerteza, ao não conseguirem resolver cabalmente a questão e demonstrando, pelo contrário, um desfasamento ou uma discordância entre *soma* (o real) e *psique* (o simbólico) da mesma.

³¹ SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho, 1991, p. 312.

³² SARAMAGO, José. *Ibidem*, p. 312.

³³ SARAMAGO, José. *Ibidem*, p. 367.

Como se o nome de Deus fosse, por derivação, um dos nomes do «pai», um heterónimo, como Saramago chega a dizer no Evangelho, numa clara alusão à heteronímia pessoana, não sem uma ponta de ironia, para não dizer cinismo: «Talvez este Deus e o que há-de vir não sejam mais do que heterónimos, De quem, de quê, perguntou curiosa outra voz, de Pessoa, foi o que se percebeu, mas também podia ter sido, da Pessoa»³⁴. A não ser que consideremos, de um modo porventura mais radical, que o próprio nome do pai, que todos os nomes do pai, aliás, são também heterónimos, outros nomes do sujeito e do sintoma que o afecta, o que parece ser também uma das possibilidades de entender a frase de Saramago. Nessa medida, a equivalência estabelecida finalmente por Lacan entre o pai e o sintoma – afirmando que «o pai é uma sintoma»³⁵ – poderia ler-se, pelo menos, de duas maneiras: ou que o sintoma é um dos nomes do pai ou então, segundo creio, que o pai é, tão só, um dos nomes do sintoma. Nessa medida, mesmo se tudo é provisório e passa sem remédio, tanto os deuses como os homens³⁶, sabendo nós, cada vez menos o que é um ser humano, como diz Saramago numa das epígrafes do seu último romance, há algo que tende a permanecer constante: o sujeito havendo-se, ou tendo de haver-se, melhor ou pior, com o sintoma que o habita.

Voltemos, porém, um pouco mais atrás. Para resolver a incerteza que parece estar ligada, de forma não simplesmente contingente, mas estrutural, à questão da paternidade, evitando a angústia que tal incerteza implica, a solução não tem passado apenas pela divinização (segundo a perspectiva judaico-cristã) ou pluralização do pai (a diferença, por exemplo, entre um pai real, do mundo, e um pai simbólico, do céu³⁷), mas também, segundo aquela que parece ser a tendência cada vez mais actual, nos dias que correm, pela maternização, digamos assim, da função paterna.

É bastante ilustrativo, a este propósito, um documentário que eu vi há algum tempo num canal de televisão sobre os «novos pais» (não consigo

³⁴SARAMAGO, José. op.cit., p. 389.

³⁵LACAN, Jacques. op. cit., p. 19.

³⁶Cf. SARAMAGO, José. *As Intermittências da Morte*, op. cit., p. 174.

³⁷«(...) Julgava saber, julgava que era filho de meu pai, A que pai te referes, Ao meu pai, ao carpinteiro José (...), não pensava que houvesse outro (...)» SARAMAGO, José. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, op. cit., p. 365.

Do pai à letra

recordar-me do título exacto, em francês, nem da realizadora em questão). Lembro-me que intervinham nesse documentário uma série de pais, recentes, que confessavam abertamente ter um tipo de relação com os seus filhos que era tradicionalmente apanágio das mães, como, por exemplo, não se importarem de deixar o emprego para cuidar dos filhos, colocando o «afecto» – segundo o termo corrente – acima do trabalho, o que não deixa de ser uma novidade.

Parece haver cada vez menos diferença, ao nível da representação social, entre um pai e uma mãe. À questão, sempre incómoda, por vezes angustiante, o que é um pai ou – cada vez mais – para que é que isso serve, num tempo em que a tecnociência tende a fazer as vezes do parceiro real, a resposta é: uma mãe. Um pai é, no fundo, uma mãe, que trata de um filho como uma mãe, que ajuda nas tarefas, que cuida, que dá afecto. Como dizia o meu filho de quatro anos, um dia destes: «Ó mãe, se tu morreres, eu não deixo de ter mãe, pois não», querendo ele significar com isso, como veio depois a perceber-se, pelo contexto, que, nesse caso, eu, o pai, faria as vezes da mãe. Não é mal visto e está, aliás, bastante em dia com o ar do tempo.

Seja como for, quer se *divinize*, quer se *pluralize* ou *maternize* a função paterna, esta, pelo seu carácter não natural – daí que a mãe, como se diz, seja certa, enquanto o pai é incerto – não deixa de fazer sintoma. O pai é um sintoma do sujeito ou para o sujeito. Daí que o título com que José Luís Peixoto decidiu homenagear o seu próprio pai, quando este faleceu, título que, se não estou em erro, o fez nascer como escritor, conjugue tão bem (no sentido em que se diz: conjugar um verbo) esse elo que há não só entre um pai e um filho, mas também entre um sujeito e o seu sintoma: *morreste-me*.³⁸ Morreste-me é um dos nomes do pai, e o nome por excelência, neste caso, na medida em que o pai, ele mesmo, é um dos nomes do sintoma do sujeito.

Um sintoma é, por assim dizer, «uma ferida na alma». A expressão é de Saramago que, a páginas tantas do Evangelho, fala de um rapaz, Jesus, que vai a caminho de Jerusalém, como ele próprio diz, com uma ferida na alma que o simples hábito de viver não consegue sarar, buscando cicatrizá-la ou então multiplicar as feridas até fazer, com todas elas juntas, uma

³⁸ PEIXOTO, José Luís. *Morreste-me*. 6ª ed. Lisboa: Temas & Debates, 2004.

única e definitiva dor³⁹. Em jeito de comentário, o narrador acrescenta o seguinte: «Porventura parecem tais suposições inadequadas, não só à pessoa, mas também ao tempo e ao lugar, ousando imaginar sentimentos modernos e complexos na cabeça de um aldeão palestino nascido tantos anos antes de Freud, Jung, Groddeck e Lacan terem vindo ao mundo»⁴⁰, mas o nosso erro, conclui o narrador, (...) não é nem crasso nem escandaloso, se tivermos em conta o facto de abundarem, nos escritos de que estes judeus fazem o alimento espiritual exemplos tais e tantos que nos autorizam a pensar que um homem, seja qual for a época em que viva ou tenha vivido, é mentalmente contemporâneo doutro homem de uma outra época qualquer.»⁴¹

Deixemos de lado Jung e Groddeck e vejamos o que Freud e Lacan têm a dizer sobre a questão.

Ao longo de toda a sua obra, Freud não deixou de dar conta do carácter sintomático do pai, a ponto de não ser inteiramente descabida a questão seguinte: será o pai também um sintoma de Freud?

O seu trajecto em torno da questão paterna começa com um mito: *Totem e Tabu*⁴². O mito é uma certa maneira de dizer a «verdade»⁴³ através da ficção. Como dizia Jean Cocteau, algures, a história é feita de verdades que pouco a pouco se tornam mentiras enquanto a mitologia é feita de mentiras que se transformam em verdades. *Totem e Tabu* é, assim, um mito – e é como tal, em meu entender, que ele deve ser lido, hoje – uma maneira de dizer algo relativo à verdade, por exemplo, da função paterna relativamente à qual a natureza e a biologia deixam um resto «indecidível».

Mas o pai de *Totem e Tabu* (o que goza e por isso é morto) não é exactamente o mesmo que o pai do Édipo e da castração (o que interdita, no sentido em que, proibindo o gozo, permite o desejo)⁴⁴ ou, finalmente, o pai

³⁹SARAMAGO, José. op. cit., p. 200.

⁴⁰ Se não estão aqui todos os «filhos» de Freud, diria que a lista, em certa medida, é mais completa do que aquela que a revista *Visão* elaborou no número dedicado ao 150 anos do nascimento de Freud. (Cf. Revista *Visão*. «Sexo, Freud e nós». Nº 686. 27 de Abril a 3 de Maio de 2006, p. 76-90)

⁴¹ SARAMAGO, José. Ibidem, p. 200.

⁴²FREUD, Sigmund. *Totem et Tabou*. Paris: Payot, 2004.

⁴³ O mito é o que confere uma fórmula discursiva a qualquer coisa que não pode ser transmitida na definição da verdade (...). Cf. LACAN, Jacques. *O Mito Individual do Neurótico*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1987, p. 47.

⁴⁴ Como escreve Lacan no final do texto *Subversão do sujeito e dialéctica do desejo*: «a castração significa que é preciso que o gozo seja recusado, para que possa ser atingido na escala invertida da lei do desejo» (*Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 841).

Do pai à letra

fundador ou criador da lei (*Moisés e Monoteísmo*). São diferentes maneiras de tentar responder à pergunta: o que é um pai, ou, então, como é que isso se usa ou para que serve.

A questão do pai, mais ou menos ligada à questão de Deus, não pára de insistir, *de se escrever*, de repetir-se nos escritos de Freud – sendo, nessa medida, um sintoma –, como se ele tentasse a todo o custo salvar um pai que começava a estar, de alguma forma, *em risco*, designadamente na família moderna.

Uma das características da família moderna, segundo Lacan, consiste no «declínio da *imago* do pai», sempre carente, humilhada, dividida ou artificial⁴⁵. Mais tarde⁴⁶, quando inventa o Nome-do-pai, Lacan parece estar a responder ao declínio desta *imago* paterna e aos efeitos sintomáticos que um tal declínio provoca no sujeito, mas também a responder simbolicamente, isto é, ao nível da fala e da linguagem, ao sintoma de Freud em torno da questão da paternidade. Lacan pensa que, aí onde Freud colocara o mito, é o «matema» ou a estrutura que devem reinar.

Que a questão tenha algo a ver com o «pai» da psicanálise, prova-o a lição inaugural de um seminário subitamente interrompido em 20 de Novembro de 1963 dedicado aos *Nomes do Pai*⁴⁷. Ai se interroga o desejo e o gozo de vários pais da tradição, entre os quais se encontram Deus e – é preciso dizê-lo – do próprio Freud⁴⁸, não fosse este estar a converter-se, para alguns dos seus seguidores, pelo menos, num novo deus e a psicanálise numa nova igreja. Essa mesma Igreja que o iria «excomungar», segundo o termo que o próprio Lacan irá utilizar na lição inaugural do Seminário XI, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*⁴⁹.

⁴⁵ Cf. LACAN, Jacques. *A Família*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1987, p. 62.

⁴⁶ Cf. LACAN, Jacques. “De uma questão preliminar a todo o tratamento possível da psicose”. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, pp. 537-590.

⁴⁷ LACAN, Jacques. « Introduction aux Noms-du-Père ». In *Des noms-du-père*. Paris : Éditions du Seuil, 2005, pp. 67-104.

⁴⁸ “Desde há muito, o nome de Freud não cessou de tornar-se mais inoperante. Então, se a minha marcha é progressiva, se é mesmo prudente, não é porque eu procuro incentivar-vos contra a vertente onde a psicanálise ameaça sempre escorregar, quer dizer, a via da impostura.” Cf. LACAN, Jacques. *Ibidem*, p. 103.

⁴⁹ Cf. LACAN, Jacques (1964). Livre XI, *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris : Éditions du Seuil (Points – Essais), 1990. Poderíamos hoje, talvez – *mutatis mutandis* – colocar a mesma questão relativamente a Lacan e aos seus seguidores, isto é, à tendência, por parte de alguns, em divinizar um certo Lacan ou um momento específico do seu ensino (mais ligado ao *imaginário*, ao *simbólico* ou ao *real*), como se esse momento fosse o todo de Lacan ou constituísse a sua verdade mais genuína, esquecendo que o próprio Lacan não cessou jamais de *devir* ao longo de todo o seu ensino.

A pluralização dos nomes do pai implica, inevitavelmente, uma dessacralização do mesmo. Como Lacan escreverá mais tarde, num pequeno texto de 1974, já na última fase do seu ensino: « (...) o pai tem tantos e tantos [nomes] que não há Um que lhe convenha, senão o nome do nome do nome. Não há nome que seja o seu Nome-Próprio, senão o nome como ex-sistência.»⁵⁰

É por isso que o nome do pai, finalmente, pode ser reduzido a um equívoco literal, o que levará Lacan a escrever, no Seminário de 1974-75, *Les non-dupes errent*, o que tanto pode ser lido como «os nomes do pai» ou, em alternativa, como «os não-iludidos erram», fazendo-se ouvir, em qualquer dos casos, a letra R, de Real. Do pai à letra, ou do simbólico ao real, eis o trajecto, o movimento, a torção lacaniana. E o que há de mais real, para o sujeito, que o seu sintoma? É nesta medida que podemos afirmar, como dissemos antes, que o pai é um sintoma do sujeito.

O pai, na tradição judaico-cristã, chama-se Deus e escreve-se com letra maiúscula para assinalar que se trata de um nome próprio. Ora, como escrever o nome de Deus se não há nome próprio que lhe convenha, como assinalava Lacan a respeito do pai?

Saramago parece ter encontrado a solução para esta pergunta no seu último romance, *As Intermitências da Morte*, ao escrever o nome de Deus sempre com letra minúscula, ou seja, rebaixando o nome próprio à categoria de nome comum.

É num livro anterior, uma peça de teatro – *In Nomine Dei* – que Saramago põe na boca de uma das personagens a seguinte pergunta: «E se Deus não é mais do que o nome que tem?»⁵¹ Na verdade, a resposta já tinha sido dada um pouco antes, pela voz da mesma personagem que formula a questão (Heinrich Gresbeck), o que mostra até que ponto uma questão nasce, muitas vezes, de uma resposta prévia. Dizia ele: «Deus talvez não seja católico, talvez não seja protestante, talvez não seja senão o nome que tem.»⁵²

A questão desloca-se, assim, de Deus para o nome. Deus é apenas,

⁵⁰ LACAN, Jacques. «O despertar da primavera». In *Shakespeare, Duras Wedekind, Joyce*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989, p. 133.

⁵¹ SARAMAGO, José. *In Nomine Dei*. 4ª edição. Lisboa: Caminho, 1998, p. 140.

⁵² SARAMAGO, José. *Ibidem*, p. 138.⁵³Cf. SARAMAGO, José – *Todos os Nomes*. Lisboa: Caminho, 1997.

Do pai à letra

para Saramago, um nome entre os demais. Na série constituída por *Todos os nomes* (título de um conhecido romance⁵³), de que fazem parte, no limite, tanto o nome dos vivos como dos mortos, Deus é apenas um deles. Aliás, o gosto pela enumeração dos nomes é antigo; ele está já presente, por exemplo, no *Manual de Pintura e Caligrafia*, um *ensaio de romance*, como o próprio Saramago intitulou a primeira edição, onde se assiste, de alguma forma, ao «nascimento» do escritor. A certa altura, depois de dizer que qualquer nome deixa um vazio, que não há nome para S. – letra do retrato que o protagonista deste romance pinta para si mesmo, Saramago – e digo Saramago porque o próprio confessa que este é o mais autobiográfico de todos os seus romances⁵⁴ – faz uma longa enumeração, como se quisesse, através de um movimento vertiginoso, recuperar metonimicamente o que diria enfim o nome de S (esse) – Saramago joga aqui com o equívoco sonoro da língua –, primeira letra de: Sá Saavedra Sabino Sacadura Salazar Saldanha Salema Salomão Salústio Sampaio Sancho Santo Saraiva Saramago Saul Seabra Sebastião Secundino Seleuco Semprônio Sena Séneca Sepúlveda Serafim Sérgio Serzedelo Sidónio Sigismundo Silvério Silvino Silva Silvio Sisenando Sísifo Soares Sobral Sócrates Soeiro Sófocles Solimão Soropita Sousa Souto Suetónio Suleimão Sulpício...E poderíamos acrescentar, entre Sousa e Saramago, nomes que aparecem dispersos na série de *todos os nomes* começados pela letra S, o nome de *sujeito* e de *sintoma*, também eles começando pela mesma letra.

O gosto pela enumeração, desta vez de operários,⁵⁵ – como se a pergunta em torno do *que é um nome* ou qual a relação entre um nome e a coisa nomeada⁵⁶ interpelasse constantemente o autor – prossegue no *Memorial do Convento*, desde a primeira letra do alfabeto (A) até à última (Z), «como se cada um deles representasse todos os nomes começados por aquela letra»⁵⁷. Parece haver, assim, uma oscilação, uma tensão permanente entre o nome e a letra⁵⁸. Saramago chega até a dizer que um nome fixa o movimento

⁵³ Cf. SARAMAGO, José. *Todos os Nomes*. Lisboa: Caminho, 1997.

⁵⁴ Segundo uma ideia recorrentemente afirmada. Ver, por exemplo, REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*, op. cit.

⁵⁵ SARAMAGO, José. *Memorial do Convento*. Lisboa: Caminho, 1982, p. 242.

⁵⁶ Cf. SARAMAGO, José. *Intermitências da morte*, op. cit., p. 152: «As palavras são rótulos que se pegam às coisas, não são as próprias coisas, nunca saberás como são as coisas, nem sequer que nomes são na realidade os seus, porque os nomes que lhe deste não são mais do que isso.»

⁵⁷ REIS, Carlos. op. cit., p. 84.

⁵⁸ Heloísa Caldas explorou esta via com base no conhecido romance de Saramago *Todos os Nomes*. Cf. CALDAS, Heloísa. «A letra em Todos os Nomes». *Opção Lacaniana. Revista brasileira internacional de psicanálise*. n.º 32. São Paulo: Edições Eólia, Dezembro 2001

da letra, enche o vazio da sua indeterminação. A escrita, no seu movimento infinito, que não cessa de escrever, procuraria «moer os sons que são os nomes (...) para reconhecer (...) o vazio»⁵⁹ que os habita, a «coisa sem nome que nós somos»⁶⁰, ou, então - como diz Saramago no seu último romance, de um modo mais cru, colocando um *objecto* no lugar da *coisa* - o «fiozinho de merda a ponto de se dissolver» que nós somos na convulsa realidade do universo⁶¹.

Poderíamos cair na tentação psicológica de fazer um exercício do género psico-biográfico, tentando ver aqui o reflexo de um qualquer incidente da vida real que tivesse determinado, por si só, esta obsessão com o nome. Saramago não deixa, aliás, até certo ponto, de nos facilitar essa via, ao afirmar que na base, em particular do primeiro dos três romances atrás referidos, estiveram duas razões pessoais, ambas relacionadas com um certo elemento de falsidade em torno do que não é. «E o que não é – explica Saramago – consistia nisto: eu nasci efectivamente no dia 16 de Novembro de 1922; no registo do meu nascimento está 18, algo, portanto, que não é verdade. Eu devia chamar-me simplesmente José de Sousa, porque assim o meu pai julgou que me tinha registado, na Conservatória do registo Civil da Golegã; e, sete anos depois, quando eu entro na escola e o meu pai tem de pedir uma certidão de nascimento minha, ele descobre com assombro que o filho se chama José de Sousa Saramago, porque o empregado do registo Civil tinha, por sua conta e risco, acrescentado ao nome a alcunha da família.»⁶²

Porém, desenganem-se os que gostam de brincar ao psicólogo com a obra de arte, pois, tal como Saramago adverte, «sou o menos autobiografista dos romancistas»⁶³. É verdade que ele não cessa de repetir que vive para dizer quem é, que vivemos para dizermos quem somos⁶⁴; todavia, essa é uma busca desesperada, condenada a encontrar a ficção lá onde supomos que reside a verdade; eis o que faz dizer a Saramago «que nós próprios somos seres de ficção.»⁶⁵

É num outro sentido, então, menos autobiográfico, que devemos entender estas palavras de Saramago: «eu sou – dizia ele numa entrevista a

⁵⁹ Cf. SARAMAGO, José. *Manual de Pintura e Caligrafia*, op. cit., p. 58.

⁶⁰ REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*, op. cit., p. 88.

⁶¹ SARAMAGO, José. *Intermitências da Morte*, op. cit., p. 182.

⁶² REIS, Carlos. *Ibidem*, p. 39.

⁶³ SARAMAGO, José. *Ibidem*, p. 130.

⁶⁴ Cf. REIS, Carlos. *Ibidem* pp. 99, 110, 130, 138 ARIAS, Juan - op. cit., p. 21.

⁶⁵ REIS, Carlos. *Ibidem*, p. 87.

Do pai à letra

Juan Arias – a matéria principal dos meus romances»⁶⁶. O autor esclarece – numa outra entrevista, concedida, desta vez, a Carlos Reis – que «há dentro de nós uma coisa que não tem nome e essa coisa é o que nós somos»⁶⁷. É em torno dessa «coisa», desse vazio central e exterior ao sujeito (*êxtimo*, como diria Lacan), que pode nascer, por exemplo, um «estilo», uma maneira singular de dizer e de fazer. «Se alguma coisa me preocupa – dizia Saramago a Carlos Reis – é que, venha de onde vier esse estilo ou esse modo de narrar e sobretudo esse modo de dizer, é que qualquer pessoa, lidas duas linhas minhas, diga, «isto é de fulano.»⁶⁸

É, finalmente, um estilo inconfundível⁶⁹, um modo singular de dizer e pontuar, que levanta do chão um nome herdado por engano e o transforma em nome maior e reconhecido da literatura mundial, cumprindo-se, assim, o que o autor afirmava numa crónica de 1973: «Entendo que cada um de nós é, acima de tudo, filho das suas obras, daquilo que vai fazendo durante o tempo que cá anda»⁷⁰.

O estilo, filho de Saramago, é também, por conseguinte, o verdadeiro pai do seu nome. Um dom da letra.

⁶⁶ ARIAS, Juan. op. cit., p. 51.

⁶⁷ REIS, Carlos. Ibidem, p. 88.

⁶⁸ REIS, Carlos. op. cit., p. 100.

⁶⁹ «Acabei por me decidir a escrever o livro (*Levantado do Chão*), sabia o que queria contar, mas aquilo não me agradava, havia uma resistência em escrever o livro: mas comecei a escrevê-lo, fui até à página vinte e tal e de repente, sem reflectir, sem pensar, sem planear, sem ter posto de um lado os prós e do outro lado os contras, achei-me a escrever como escrevo hoje» REIS, Carlos – op. cit., p. 42

⁷⁰ SARAMAGO, José. *A Bagagem do Viajante*. 3ª edição. Lisboa: Caminho, 1988.

Paternidade e Adolescência

Alexandra Lúcio⁷¹

Não há texto nenhum sobre a adolescência que não apresente esta fase do crescimento do ser humano como um período conturbado e cheio de mudanças.

Mudanças externas e internas, mudanças fisiológicas, hormonais, psíquicas. Chegamos a nos questionarmos como é que se consegue sobreviver a um tal terramoto de transformações. Aliás muitos não sobrevivem. A mortalidade na adolescência continua a ser liderada pelo suicídio. Já para não falar dos comportamentos de risco, que levam à morte. Ainda tenho gravada a imagem de uma colega de liceu que adorava atravessar a estrada sem utilizar a passadeira e ficar no meio do fluxo dos carros, rindo às gargalhadas quando era buzinaada. Podemos considerar até que alguns, já adultos, ainda estão emaranhados nas escolhas que esta fase implica e obriga a fazer.

A adolescência é também o acordar da sexualidade. Impõe-se ao jovem uma escolha, e para a qual não há manual de instruções.⁷²

«Assim que ele vem ao mundo da linguagem, diz Laure Naveau (1998), e em particular nos momentos eleitos onde é intimado a fazer escolhas, o que é o caso da puberdade, o sujeito está a lidar com o real».

Laure Naveau fala do «real» da adolescência. Para os leigos a palavra é familiar, mas na orientação lacaniana o «real» é muito mais. Faz-me lembrar o filme *Encontro do 3º Grau*. A imagem da personagem interpretada por Richard Dreyfuss a tentar desesperadamente expressar o que viu, e o que vê constantemente nos seus sonhos, ao ponto de tudo na sua vida vacilar: casamento, filhos. Apenas uma expressão de incredulidade e de espanto. Assim é o real lacaniano.

⁷¹ Antena do Campo Freudiano, PAGMA (Projecto de Apoio a Grávidas e Mães Adolescentes).

⁷² O casal parental poderia aqui ser considerado o «manual de instruções», pelo menos o modelo a seguir.

Encontramo-nos com ele diversas vezes ao longo da nossa vida. São aqueles momentos em que não há palavras para dizer a coisa, onde há uma falta, uma falha na linguagem. As encruzilhadas pelas quais passamos ao longo das nossas vidas são encontros com o real e a puberdade é um deles, e por certo não é o menos importante.

Se o momento real que Freud chama a «puberdade» nos seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* é aquele em que se reactualizam as escolhas de objecto da infância e a relação com o ideal, é também aquele, como o escreve Alexandre Stevens no seu belo artigo *Adolescência, sintoma da puberdade*, em que há uma escolha quanto à «sexuation», à sexuação.

Achei também a puberdade exemplar para falar de um dos conceitos mais complexos da teoria lacaniana: o «Nome-do-pai». Lacan introduziu este conceito na psicanálise e trouxe-lhe acrescentos e modificações até ao último período do seu ensino. É também um conceito que parece ser colocado em causa e submetido a provas difíceis, nesta nossa época conturbada.

Primeiro que tudo, o que é um pai? Segundo a teoria lacaniana, não é uma pessoa, antes a autoridade que se funda na Lei fundamental e pacificadora.⁷³

O que é feito em «Nome-do-Pai» tem uma função que realiza operações indispensáveis ao equilíbrio de um sujeito. No entanto, algo paradoxalmente, Lacan diz que devemos prescindir do pai, na condição de saber servirmo-nos dele.

Expliquemos isso devindo-o em três:

1) Com a introdução do pai, o filho apreende que não está sozinho com a mãe.

2) O pai interdita a mãe ao filho, na condição que o que diz o pai seja aceite pela mãe, isto é, que a mãe faça caso da palavra do pai. Uma vez mais, não é da pessoa do pai que se trata aqui, mas sim da sua palavra. Como Lacan explica, tudo depende «do lugar que ela [a mãe] reserva ao Nome-do-Pai na promoção da lei». Citando Lacan novamente, «um pai só tem direito ao respeito e ao amor se o seu desejo é orientado para uma mulher, mulher essa de que ele faz a causa do seu desejo».

3) O pai autoriza ao Outro do saber. Ele abre, assim, o acesso à promessa que o futuro representa. A criança passa, então, de uma relação

⁷³ «A lei pacificadora, como diz Laure Naveau, é pacificadora se não for uma lei cega, uma lei sem desejo, mas a ausência de lei é em todo o caso devastadora e destruidora».

dual a uma relação ternária, o que compreende a escolha de um objecto outro que não a sua mãe e o seu pai.

A função do «Nome» («Non») do pai passa deste modo por um dizer «não» («non») que autoriza, permite.

No *Seminário V*, Lacan descreve o mesmo processo através dos três tempos lógicos do complexo de Édipo:

1º Tempo: a criança identifica-se com o objecto do desejo da mãe, ou seja, identifica-se com o que acredita faltar à mãe, pensando satisfazê-la.

2º Tempo: com a entrada em cena do pai graças à palavra da mãe aparece a privação.

3º Tempo: a autorização do desejo através da lei pacificadora. O pai é o portador da promessa futura.

Digamos, por fim, que a identificação ao pai simbólico traz à criança uma segurança, que se opõe ao pai ideal, o pai que idealizamos, mas que nos castra. O ideal exalta e deprime ao mesmo tempo.

O que é que se passa no momento da adolescência?

«No momento da adolescência, escreve Laure Naveau (2004), que é o momento do encontro com o outro sexo, trata-se de o sujeito libertar-se da autoridade parental. Libertar-se na condição de ter tido acesso à dimensão do Nome do Pai, de poder prescindir dele na condição de saber servir-se dele. É deste ponto de vista preciso que a adolescência se caracteriza por um relacionamento particular com o saber. Saber servir-se é um saber. É saber virar-se para um saber novo, e saber passar por um outro que tem esse saber».

A história do Daniel

No Programa destas Jornadas a minha intervenção intitula-se «Pais adolescentes». Mas como para mim é evidente que cada pai adolescente é único na sua singularidade, nas suas escolhas no seio da sua família, resolvi não falar de pais adolescentes, mas sim de um pai adolescente em particular.

Não acompanho esse «pai» em termos psicoterapêuticos. O meu acompanhamento até agora tem sido pontual e no âmbito do projecto que dirijo e que denominamos de PAGMA (Projecto de Apoio a Grávidas e Mães Adolescentes).

Trata-se de um jovem adolescente, com 17 anos; a sua namorada também é adolescente, mas maior, pois tem 19 anos. A ela é permitido coisas a que ele ainda não pode aceder, por exemplo, o mundo do trabalho. Ele também não pode participar nas saídas que organizamos sem a autorização dos seus pais.

Chamei-o «Daniel». O Daniel tem participado mais no PAGMA do que a namorada, a Íris. Ela teve uma gravidez que requereu uma atenção e acompanhamento médico redobrado. Logo, quem vinha ter comigo era o Daniel. Como trabalho numa Instituição Particular de Solidariedade Social, onde existem diversos departamentos de intervenção, acabei por conhecer toda a família do Daniel.

Conheci os pais no acompanhamento da procura de trabalho, as irmãs mais novas no apoio escolar que a associação proporciona e a irmã mais velha através do acompanhamento psicológico do meu colega, que de vez em quando vem me falar desta menina sem palavras.

O Daniel é o primogénito. Nasceu quando a mãe tinha 15 anos. O pai tinha mais 10 anos. Soube há pouco tempo que o pai do Daniel não reconheceu o filho. O porquê, continua a ser um mistério, mas o menino só teve o nome do pai quando já tinha 1 ano.

O Daniel parece ser um pilar importante na família. A Íris chegou-me a dizer que os pais abusavam e exigiam demasiado dele, ou seja, não lhe davam liberdade para estar com ela. O Daniel leva e vai buscar as irmãs à escola, ajuda-as nos trabalhos de casa, provavelmente dá-lhes o lanche, etc. Um pai galinha. Ele não parece desgostar da situação, pois nunca o ouvi queixar-se. Quanto aos pais, já ouvi queixas que não conseguem lidar com as três filhas.

O Daniel procurou trabalho de forma ilegal, pois não tem a escolaridade mínima obrigatória (9º ano). Mas procurou e bastante, porventura esforçou-se tanto ou mais que o próprio pai.

No meio de todas as suas responsabilidades, o Daniel acompanhou a gravidez da Íris, indo às consultas e aliviando algumas tarefas em casa da namorada, onde o pai é marinho e está quase sempre fora, onde a mãe é depressiva e pouco eficiente, e a irmã mais nova é depressiva e suicidária.

A filha do Daniel e da Íris nasceu e, ainda não tinha uma semana, pai e mãe vieram mostrar-me a recém-chegada. A imagem que me veio ao

espírito foi a da «Sagrada Família». Quanto mais penso nisso, mais o Daniel me aparece como um São José incansável.

Cada um continua a permanecer nas respectivas casas parentais, pois têm noção que não há possibilidades financeiras de viverem juntos, mas o projecto está formulado, e é desejado.

A Íris já arranjou trabalho, um trabalho nocturno. Decidiram que a menina ficava com o Daniel durante a noite e parte do dia em que a mãe teria que descansar. A minha fibra materna teve que se intrometer e tratei de enfatizar a importância da relação precoce com a mãe e outras frases feitas do mesmo género. A Íris assegurou-me que ele sabia cuidar da filha, ao que o Daniel acrescentou: quando ela está comigo não chora.

Tive pouco tempo para pensar neste caso, mas achei-o adequado ao tema destas Jornadas sobre a paternidade em risco, talvez por que me parece o inverso de uma paternidade em risco, embora possamos ser levados a pensar que se trata mais de uma maternidade, já que o Daniel assume papeis que culturalmente seriam os de uma mãe.

O Daniel mostra ser um dos muitos pais que desejam cada vez mais participar da vida dos filhos, e que tem a oportunidade de o fazer, pois como já foi dito no Seminário do Professor José Martinho, a mãe portuguesa mostra-se exclusiva. Embora ela também se queixe da «ausência do pai», não deixa grande espaço a este para participar da vida dos filhos.

Há bem pouco tempo li um artigo sobre os pais solteiros em Portugal, sobre a forma como organizavam a vida deles em função dos filhos, e de como tinham aprendido a lidar contra as interrogações dos outros.

Dava-se o exemplo de uma situação bastante esclarecedora sobre o que a sociedade pensa dos pais solteiros e participativos na vida dos filhos. Pai e filho iam de férias para o estrangeiro. Logo no *check-in* levantaram-se questões sobre o facto de não haver mãe a acompanhar. A polícia foi chamada para verificar se havia alguma denúncia de rapto (acontecimentos da nossa actualidade levam a estas coisas, suponho), se o poder paternal pertencia ao pai, etc. Isto coloca este pai numa situação de permanente justificação do seu papel. Quando se vê uma mãe com o filho, *cela va de soi*, como dizem tão bem os franceses.

O Daniel está a viver uma mudança fundamental da representação de si, preocupação com as mudanças que o seu corpo apresenta, que a sua mente faz surgir, aparecimento de sonhos eróticos, do desejo sexual pleno,

da escolha de objecto sexual, do experimentar várias parceiras, etc. Mas sem protestar, infatigável e com o sorriso estampado no rosto, ele optou por assumir as responsabilidades de um adulto. Será este um modo de evitar qualquer coisa ou uma forma de sublimação?

Será fazer o que o próprio pai não fez com ele, e que não fez de forma eficiente com as irmãs? Uma coisa é certa, Daniel condensou em si a difícil passagem da adolescência e a função de pai.

Bibliografia:

Naveau (L.). (2004). « Quelle autorité aujourd'hui ? Au-delà des complexes familiaux, le malaise dans la civilisation ». In *Les Actes des rencontres du Pont Freudien*, Québec.

Naveau (L.). (1998). « Adolescence et analyse : une sortie de l'impasse ». In *Ornicar ? Digital*.

Stevens (A.). (1998). « L'adolescence, symptôme de la puberté ». In *Les Feuilles du Courtil*, n°15, Champ Freudien Belgique.

**Rapport d'Expertise sur le
Centre d'Études de Psychanalyse (CEP)**

Alain Abelhauser⁷⁴

Le CEP, créé en 1995, occupe une position originale et spécifique dans les recherches sur le fonctionnement psychique et la subjectivité, tant au Portugal qu'en Europe.

Il représente le courant emprunté par la psychanalyse d'orientation lacanienne, dont les incidences portent autant sur les plans théorique et clinique qu'éthique et pratique.

À ce titre, il jouit d'une reconnaissance internationale, appuyée par la World Association for Psychoanalysis, et de contacts privilégiés avec des centres de recherche français et brésiliens.

Ses activités de recherche se déclinent à travers 12 Journées d'études organisées depuis 1995 sur des thèmes dont la diversité est le gage de la créativité et de l'inventivité du Centre, ainsi que la marque du souci de prendre en compte les questions les plus pressantes imposées par l'actualité.

Elles se traduisent aussi par 9 publications originales (Pr. Dr. Martinho), des traductions de textes essentiels et des communications dans des colloques internationaux (C. H., U. K., Israël, Brésil) et nationaux.

Elles se prolongent, enfin, par la formation de plusieurs thésards, et leur association étroite aux travaux de recherche, preuve de l'efficacité de la transmission des valeurs fondamentales de la recherche.

⁷⁴ Professeur des Universités (psychopathologie fondamentale et clinique). Vice-Président (Conseil des Études et de la Vie Universitaire) de l'Université Rennes II.



abstracts

A Presença (in)discreta da Psicanálise em Portugal: estudo preliminar sobre a sua Representação Social

Erika Morbek, Filipe Pereirinha

Resumo

A presente investigação teve como objectivo estudar a representação social da psicanálise perante os cidadãos portugueses. Utilizou-se um Questionário sócio-demográfico sobre a Percepção da Representação Social da Psicanálise. Foi analisada uma amostra de conveniência, constituída por 275 indivíduos (cidadãos portugueses), 167 mulheres e 108 homens, com idade média de 31.79. Concluiu-se que os portugueses já ouviram falar da psicanálise, mas não sabem ao certo o que ela é. Recorrem pouco ao tratamento Psicanalítico, confundindo-o muito frequentemente com tratamento psicológico, o que parece indiciar alguma confusão entre a representação social de Psicanálise e Psicologia.

Palavras-chave: Psicanálise, Psicologia, Portugal e Representação Social.

Abstract

The main aim of the present study is to undertake preliminary research into the social representation of psychoanalysis in Portugal. A Socio Demographic Questionnaire was applied to a universe of 275 Portuguese citizens, chosen at random (167 women and 108 men, with an average age of 31.79). In short, the research shows that Portuguese people already have some awareness of Psychoanalysis but have little idea of what it involves, making infrequent use of treatment. They seem to have difficulty in distinguishing between Psychoanalysis and Psychology.

Key words: Psychoanalysis, Psychology, Portugal and Social Representation.

Paternidade e Psicanálise em Portugal

José Martinho

Resumo

Esta conferência fala da tripla dimensão – Simbólica, Imaginária e Real – da paternidade em geral e em Portugal. Situa a constante crise da paternidade entre simbólico e real, e no imaginário as mudanças histórico-culturais da mesma. Finalmente explica que a dificuldade portuguesa não tem a ver com a «ausência do pai», mas com a não-inscrição.

Palavras-chave: Paternidade, Portugal

Abstract

This lecture looks at the triple dimension – the symbolic, the imaginary and the real – of fatherhood both in general and in Portugal in particular. The constant crisis of fatherhood is situated between the symbolic and the real, whereas historical and cultural changes are located in the imaginary. The lecture ends by explaining that the Portuguese difficulty has nothing to do with the “absence of the father” but with the failure of the inscription.

Key words: Paternity, fatherhood, Portugal

Do Pai à Letra

Filipe Pereirinha

Resumo

Pretende-se mostrar a estreita ligação entre pai e sintoma, recorrendo, para tal, a Freud, Lacan, Saramago, entre outros.

Palavras-chave: pai, sintoma, nome, letra

Abstract

We intend to show the close connection between father and symptom, using for that the help of Freud, Lacan, Saramago and others.

Key-words: father, symptom, name, letter

Paternidade e Adolescência

Alexandra Lúcio

Resumo

Abordando o tema da adolescência, a autora faz uma sucinta viagem teórica sobre a paternidade e sobre o Nome-do-Pai, conceito de Jacques Lacan. A comunicação termina com um pequeno caso não clínico.

Abstract

Approaching the adolescence topic, the author does a quick theoretical journey about fatherhood and about the Name of the Father, Jacques Lacan's concept. The article ends with a non-clinic case.



informações

Indicação aos Autores

Os artigos podem ser escritos em português, francês, inglês, galego, castelhano, italiano e alemão, e não deverão exceder 25 páginas a dois espaços (Times New Roman, 12). Deverão ser acompanhados de um RESUMO (máximo 10 linhas) em português e inglês. Os textos podem ter notas finais ou de rodapé. Deverão ser respeitadas as normas bibliográficas da revista (por exemplo: LACAN, J. (2001). « L'Allocution sur l'enseignement ». In *Autres écrits*. Paris : Seuil, pp. 297-305) e usadas aspas portuguesas (« »).

No início dos artigos (logo após o título) deverá constar o nome do autor e a instituição a que pertence. Caso não pertença a uma instituição académica, a profissão ou outros títulos. Deverá também constar, numa página à parte, a morada e o e-mail ou telefone do autor. Os trabalhos deverão ser inéditos, mas estamos abertos à ideia de publicar textos já editados.

Deverão ser enviadas duas cópias do artigo em papel e seu suporte electrónico (o que poderá ser feito para o seguinte e-mail: jomartinho@yahoo.com), bem como uma carta do autor dizendo aceitar que o seu artigo seja colocado em redes internacionais de investigação. Estes documentos não serão devolvidos aos autores. Os textos serão submetidos à apreciação do Conselho Editorial e do Conselho de Redacção, estando a publicação dependente dos nossos *referees*.

